



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

DEBORAH RODRIGUEZ SANTOS

**O amor nos tempos do Facebook: narrativas amorosas e performances  
de si de jovens cubanos no site de rede social**

Niterói

2017

DEBORAH RODRIGUEZ SANTOS

**O amor nos tempos do Facebook: narrativas amorosas e performances  
de si de jovens cubanos no site de rede social**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Comunicação da Universidade  
Federal Fluminense como requisito parcial para  
obtenção do Título de Mestre em Comunicação.  
Linha de Pesquisa: Estéticas e Tecnologias da  
Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Brandão Polivanov

Niterói

2017

DEBORAH RODRIGUEZ SANTOS

**O amor nos tempos do Facebook: narrativas amorosas e performances  
de si de jovens cubanos no site de rede social**

**Data da defesa: 20 de fevereiro de 2017.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Brandão Polivanov – Orientadora  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof. Dr. Bruno Campanella  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Barros  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flora Daemon  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ)

S237 Santos, Deborah Rodriguez.

"O amor nos tempos de Facebook": narrativas amorosas e performances de si de jovens cubanos no site de rede social / Deborah Rodriguez Santos. – 2017.

142 f. ; il.

Orientadora: Beatriz Brandão Polivanov.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2017.

Bibliografia: f. 136-142.

1. Análise do discurso. 2. Narrativas pessoais. 3. Amor. 4. Juventude. 5. Redes sociais. 6. Facebook (Rede social on-line). 7. Cuba. I. Polivanov, Beatriz Brandão. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

## DEDICATÓRIA

*A mami, por ser minha luz sempre, pelo amor que permanece,  
por tu sonrisa...*

## AGRADECIMENTOS

Escrever em um espaço limitado meus agradecimentos a todas as pessoas que fizeram parte desta jornada incrível, sempre se torna difícil, em especial quando os afetos fazem as palavras parecerem pouquíssimo.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora **Beatriz Polivanov**, por todo o carinho com que fui acolhida por ela ao chegar, sozinha e com um monte de sonhos, à pequena casinha que é este Programa. Quando conversei com ela pela primeira vez apenas entendia o que me dizia, o chiado carioca me atrapalhava, mas rapidamente pude sentir o aconchego e, aos poucos, fomos descobrindo juntas um mundo apaixonante neste universo que é a Etnografia. Obrigada por tanta descoberta, pelo crescimento e o apoio incondicional.

Aos professores **Carla Barros** e **Bruno Campanella**, por todos os apontamentos que com muito carinho e lucidez fizeram durante minha defesa de qualificação.

À professora **Flora Daemon**, que durante as aulas de metodologia apostou tanto pelo desenvolvimento deste trabalho, me encorajando a desenvolvê-la, por tantos afetos bonitos.

À professora **Simone Sá** e todos os colegas do LabCult, esse grupo de pesquisa maravilhoso que sempre tinha uma discussão, um debate, uma inquietação que me provocar a cada encontro. Pelos sorrisos e o apoio das meninas do metal (**Natalia e Mel**), a motivação da **Simone Evangelista**, do **PH**, **Luiza**, as duas **Alê**, e aqueles membros itinerantes do grupo que – indo e voltando – sempre tinham algum olhar interessante que aportar a minha discussão.

A **Mellie**, Melinda, por sua maravilhosa parceria acadêmico-culinária-afetiva, pelos sorvetes e as conquistas.

Ao professor **Marco Roxo**, pelo apoio e as boas vindas, por ter sido a pessoa que primeiro me apresentou o Açai e me apoiou durante minha chegada ao Brasil.

À **Luciana**, por tantas declarações e papéis assinados na secretaria, pelo apoio nestes dias de correria e dissertação.

A *meu pai*, que apesar de brincar a toda hora com minhas ideias e sonhos de pesquisa, tem a capacidade de me devolver a força com uma frase sua no *e-mail*, com sua *vibe* de homem de poucas palavras, mas sinceras e cheias de amor por mim.

À **Lissy** – *mi gordi* – porque me ajuda a crescer imensamente cada vez que me aconselha, pelo seu jeito de me amar e seu abraço nos momentos certos.

Aos meus avós **Norma** e **Ramón**, que desde bem pequena me ensinaram a acreditar em mim, pela infância mais feliz que uma criança pode sonhar, porque são dois dos mais grandes amores da minha vida. Ao meu avô **Ramón**, especialmente, porque sei que de algum cantinho me acompanha e porque esse sonho é seu também, porque estava sempre na primeira linha, me dando forças, rindo com esses olhos inquietos e sua vontade de aprender mais e mais cada dia, cheio de livros e de ideias. Te amo, *abue*, por sempre e para sempre.

À minha avó **Norma**, a velhinha mais charmosa e risonha que existe neste mundo, pelo cheirinho de vó e os olhares de carinho quando as palavras faltavam, tu me dizia tudo, *abuelita*.

A **Tata**, minha outra avó, pelos ensinamentos sobre a vida e o colo carinhoso quando mais precisava. Pelos milk-shakes de banana com morango que tanto adoro.

Aos meus irmãos, **Ale**, **Juli** e **Rangelito**, cada um tão diferente do outro, sempre me apoiando e acreditando em mim a quilômetros de distância, pelas frases de ternura através do Skype, do Imo ou de um chat do Facebook.

Aos meus tios **Manoela** e **Marcelo**, por terem me acolhido como uma mais da sua família dentro desse Brasil que se me fazia imenso e desconhecido, por tantíssimo carinho e familiaridade, pelos brigadeiros, pela pizza paulistana com catupiry e os cafés a qualquer hora.

Aos meus professores-padrinhos-amigos **Yadir** e **Aylin**, por terem sido, quando ainda estava em Cuba, uma força incrível, pelo apoio e o aconchego, por ter me dado um cantinho da minha Ilha, com cheirinho de café incluído, durante todo esse tempo. Pelas livrarias, confeitarias, filmes em meio de muito sonho, *frisbee* no Ibirapuera e, sobretudo, pelo abraço familiar que parecia da vida inteira.

Aos amigos que me apoiaram para que esta dissertação pudesse ser escrita: a **Jeannie**, pelos tantos papos debatendo a vida, pelo recebimento carinhoso desde que cheguei ao Rio, a **Denis**, pelas palavras motivadoras, a **Asun**, pelos domingos com chá marroquino e aquarelas, a **Lis**, por ser parceira nessa aventura da cor e os cafés da tarde, a **Luiz** pela alegria inconfundível e as *vibes* maravilhosas, a **Patri**, pelas *magdalenas*, os papos libertadores em espanhol, a acupuntura e os ensinamentos da amizade, a **Felo**, pelas plantas, as risadas e por ter me trazido de volta um pedacinho da Espanha, a

**Andreia e Leandro, Mariane, Rafael e Paola**, cada um do seu jeito me fazendo sentir um pedacinho de casa nesta cidade.

Às minhas amigas **Yuslendy, Lili, Jess, Nayih, Laurita**, que de Cuba sempre me encorajavam a continuar, procurando por qualquer meio me escrever umas letrinhas, me fazendo receber esse carinho sempre necessário para quem está longe de casa.

A **Claudette**, pela amizade repentina e as conversas agradáveis em tempos de escrita.

A **Rosy**, um pedacinho de Cuba em Niterói que me alegra muito com sua amizade, pela compreensão e as horas de conversas.

A **Javier**, por ter me encorajado a tentar este mestrado, pela oportunidade de crescimento e por sempre acreditar em mim.

À minha tia **Luli**, porque todas as vias de comunicação virtuais eram poucas quando ela precisava me encher de amor, por ser minha alma gêmea, o cantinho aconchegante ao qual recorro sempre.

Ao meu primo **Felo**, que é também irmão, por ser meu apoio incondicional sempre, pela certeza de um carinho forte e duradouro, capaz de cruzar distâncias completas para nos acompanhar um ao outro.

A **João**, porque cheguei no Brasil com uma mala cheia de sonhos e, de repente um dia, em meio de tantos cafés e conversas soltas no meio da tarde, te descobri mexendo neles. Obrigada por acreditar no que faço, por ser parceiro também na academia, por esse amor do dia a dia, pelo abraço doce e teu olhar tranquilo, pelo mar e teu sorriso.

À **mami**, pois essa dissertação foi escrita pensando nela, porque nos momentos de fraqueza, de dúvidas, foi ela a força maior. Por ser o mais grande amor da minha vida.



*“Todo lo que cuento en este libro sobre otros libros u otras personas es cierto, es decir, responde a una verdad oficial documentalmente verificable. Pero me temo que no puedo asegurar lo mismo sobre aquello que roza mi propia vida, Y es que toda autobiografía es ficcional y toda ficción autobiográfica, como decía Barthes”.*

*Rosa Montero. La loca de la casa.*

## RESUMO

O presente trabalho busca aprofundar o entendimento das práticas de publicização reflexiva de si e de performatização discursiva sobre o amor que jovens cubanos desenvolvem no Facebook. Com base nos pressupostos metodológicos oferecidos pela Etnografia, pretendemos descrever e sistematizar as tipicidades de uso e consumo dos sites de redes sociais por estes jovens de modo a entender e detalhar os processos de construção identitária e sociabilidade que ali se desenvolvem. A partir da análise de cinco casos, o estudo se propõe a contribuir com os debates sobre performances discursivas em sites de redes sociais, focando nas tipicidades culturais e contextuais que mediam a elaboração discursiva nesses ambientes. O trabalho buscou mapear as estratégias de publicização reflexiva de si e dos afetos que jovens cubanos desenvolvem no site de rede social Facebook, compreendendo as tensões discursivas e comportamentais que acontecem quando a narrativa amorosa é construída e visibilizada nesse ambiente. Por meio do convívio “virtual” com os informantes, pudemos identificar que os desdobramentos discursivos destes jovens, na ordem afetiva, respondem não só a expectativas de interação e conversa, mas também de autoafirmação social, seja no âmbito privado ou público da rede. Tais práticas dizem respeito ao alto teor de reflexividade que estas enunciações possuem, e em cujas particularidades iremos aprofundar ao longo do trabalho.

**Palavras-chave:** performances discursivas; narrativas amorosas; sites de redes sociais; Facebook; Cuba.

## ABSTRACT

This research intends to analyze and further develop the understanding of the discursive performances practices about love that some Cuban young people elaborate on Facebook. Based on the methodological aspects offered by the Ethnographic method, it is our purpose to describe and systematize the singularities of use and consumption of social networking sites by these subjects, in order to understand and detail the identity construction and sociability processes developed by them. Based on the analysis of five cases, the research intends to contribute with the debates about discursive performance in social networking sites, emphasizing the cultural singularities that influence the discursive construction on those environments. This work had the purpose of mapping the reflexive publicizing strategies of the self and the affections that Cuban young people develop on Facebook, focusing on the understanding of the discursive and behavioral conflicts that appear when love narratives are constructed and disclosed on those environments. Taking the virtual coexistence with the subjects as a premise of work, we were able to identify that the discursive unfolding processes of these actors – in the affective order – respond not only to their conversational and interactional expectations, but also to the self confirmation ones, both in private and in public within the social network. We confirmed that those practices are a result of the high reflexive content that those narratives have, an element that we will deepen along the work.

**Keywords:** discursive performances; love narratives; social networking sites; Facebook; Cuba.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapeamento dos recursos enunciativos utilizados por L.A. para construir narrativas amorosas no seu perfil em Facebook.....	83
Figura 2. Imagens obtidas da <i>timeline</i> da informante que expressam alusões diretas à sua visão própria sobre o amor.....	87
Figura 3. Imagens tomadas da <i>timeline</i> de L.A. onde se apreciam interpelações diretas ao seu parceiro amoroso.....	88
Figura 4. Imagens tomadas da <i>timeline</i> de L.E. onde se apreciam algumas interpelações e mensagens indiretas com as quais C. interagiu publicamente.....	91
Figura 5. Análise das postagens realizadas por L.E. durante 2014.....	94
Figura 6. Análise de postagens realizadas por L.E. durante 2015.....	94
Figura 7. Análise de postagens realizadas por L.E. durante 2016.....	95
Figura 8. Postagem realizada por G.E. para expressar afeto no dia dos namorados que foi mantida após o processo de faxina virtual que seguiu o término do relacionamento.....	101
Figura 9. Imagens tomadas da <i>timeline</i> de G.E. no período em que estava lidando com o término do seu relacionamento.....	102
Figura 10. Recursos enunciativos utilizados por G.E. para construir narrativas amorosas no Facebook.....	105
Figura 11. Imagens tomadas da <i>timeline</i> de G.E. onde se aprecia o uso de narrativas humorísticas para estabelecer jogos discursivos com relação ao ideal de amor romântico.....	106
Figura 12. Imagens tomadas da <i>timeline</i> de D.H. onde músicas e poesias são usados como recursos para dotar de sentido a narrativa.....	111
Figura 13. Análise de postagens da <i>timeline</i> de D.H. durante 2016, onde observamos o predomínio de narrativas amorosas não explícitas.....	113
Figura 14. Postagens tomadas da <i>timeline</i> de D.H.....	114
Figura 15. Imagens tomadas da <i>timeline</i> de C.C. onde se observam mensagens que tentam desconstruir o ideal de amor romântico.....	117
Figura 16. Imagens tomadas da <i>timeline</i> de C.C. onde se mostram narrativas amorosas.....	119
Figura 17. Recursos enunciativos utilizados por C.C. para construir narrativas amorosas no seu perfil em Facebook.....	122
Figura 18. Imagem tomada da <i>timeline</i> de C.C. em que se vê o uso da língua francesa.....	123

## SUMÁRIO

---

<b>Introdução .....</b>	<b>14</b>
<b>Metodologia de pesquisa: apontando os desafios da Etnografia virtual .....</b>	<b>22</b>
<b>Capítulo I: Subjetividade e sites de redes sociais .....</b>	<b>28</b>
1.1 Sites de redes sociais na contemporaneidade novas sociabilidades em jogo? .....	28
1.2 Identidades e narrativas pessoais: a centralidade do indivíduo a partir do projeto moderno e as realidades construídas .....	35
1.3 Criando personas no Facebook.....	44
<b>Capítulo II: O amor romântico e a busca pelo prazer: vias de entendimento para as narrativas amorosas na contemporaneidade .....</b>	<b>49</b>
2.1 O amor romântico enquanto uma invenção da Modernidade.....	50
2.2 O sujeito contemporâneo e a valorização do prazer .....	56
<b>Capítulo III: O amor nos tempos de Facebook. Apontamentos para uma experiência etnográfica com cubanos na virtualidade .....</b>	<b>62</b>
3.1 Contexto da informatização da sociedade cubana.....	63
3.2 Procedimentos de pesquisa, jovens cubanos e relacionamentos.....	76
3.3 Casos analisados.....	80
3.3.1 L.A. ....	80
3.3.2 L.E. ....	89
3.3.3 G.E. ....	97
3.3.4 D.H.....	107
3.3.5 C.C. ....	114
3.4 Discussão dos resultados.....	124
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>131</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>136</b>

## Introdução

“Se vocês não oficializaram o namoro no Face, para as pessoas não existe”. “Ele me bloqueou depois que o relacionamento acabou”. “Ela falava só sobre príncipes azuis no seu Face, depois que terminou o relacionamento só falava de aborto. Por que será?” “A gente criou uma conta conjunta, pois assim garantimos que ninguém venha flertar conosco e nos causar problemas”<sup>1</sup>. Com a introjeção dos sites de redes sociais (SRS) na vida cotidiana, cada vez mais esse tipo de depoimentos se faz comum em ambientes de estudo, trabalho e familiares. Não é de se estranhar a forma com que a nossa experiência de uso das plataformas virtuais está incidindo nas práticas que desenvolvemos no contexto de diversos tipos de relações, dentre elas, as romântico-afetivas são particularmente interessantes para esta dissertação.

Em 2013, me formei como comunicadora social na Universidade da Havana, Cuba, meu país de origem. No meu trabalho final de licenciatura já começava a tentar desenvolver alguns aspectos sobre uso e consumo dos sites de redes sociais em Cuba que, no entanto, não consegui levar pelo rumo etnográfico e dos estudos culturais, por razões fundamentalmente práticas. Não havia, naquele momento, muita disponibilidade de professores que pudessem me orientar e desse modo optei por desenvolver a pesquisa por um outro caminho. No entanto, por ser *insider* também e usuária de sites de rede social desde 2008, meu interesse por abordar este tipo de temática só crescia. Desse modo, no ano de 2014, motivada pela impossibilidade de fazer meus estudos de pós-graduação no meu país<sup>2</sup> e pela falta de desenvolvimento que ainda persistia na minha linha de interesse acadêmico, comecei a procurar programas fora de Cuba que trabalhassem este tipo de questões. Foi assim que decidi entrar em contato com a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF e indagar sobre as possibilidades de dar continuidade à minha formação como acadêmica na área das Estéticas e Tecnologias da Comunicação. Entrei no programa com um projeto que buscava mapear de que maneiras os universitários cubanos se apropriavam do site de rede social Facebook para se auto-apresentar nesse espaço; mas aos poucos e com a orientação acertada dos professores que me guiavam durante estas primeiras etapas de construção do meu projeto de pesquisa para o mestrado, percebi a falta de especificidade do meu objeto, de maneira que decidi mudar meu roteiro de pesquisa de

---

<sup>1</sup> Depoimentos de alguns informantes obtidos durante as primeiras etapas de coleta de dados e conversas informais.

<sup>2</sup> Em Cuba, geralmente os graduados da Universidade devem esperar um mínimo de dois anos após se formarem para optar por algum programa de pós-graduação na sua área de pesquisa.

modo a encontrar questões que me aportassem dita especificidade sem ter que abrir mão do campo de sociabilidade que me interessava mapear: a virtualidade.

Assim, em maio de 2015 e já fazendo parte do corpo discente do Programa, comecei a perceber certas mudanças na natureza e no tom das publicações de uma pessoa que fazia parte há alguns meses da minha rede de contatos no site da rede social Facebook. De maneira progressiva seu discurso tornou-se uma evidente tentativa de ganhar visibilidade na sua rede de amigos através de postagens otimistas, triunfalistas até, que evidenciavam diversos traços da sua personalidade, tanto físicos quanto emocionais. A ruptura com o que foi seu marido durante alguns anos foi o motivo principal para que essa reestruturação do seu discurso virtual no Facebook acontecesse.

Depois de ter observado durante algumas semanas suas publicações na rede, decidi entrar em contato com ela e pedir sua colaboração para um artigo acadêmico que estava interessada em escrever tendo como base sua experiência, ao qual ela acedeu. Dessa pequena pesquisa nasceram inquietações ainda mais profundas em torno da questão de como algumas pessoas utilizam plataformas *online*, e mais especificamente o Facebook, como ferramentas através das quais contam suas histórias mais íntimas e seus sentimentos mais profundos em relação a parceiros sentimentais, durante e após relacionamentos amorosos. A partir de então, iniciamos algumas explorações de outros perfis afins ao mencionado, particularmente de jovens cubanos, percebendo neles uma série de especificidades narrativas que nos levou a pensar na possibilidade de aprofundar de maneira mais detalhada os elementos que tais processos de construção discursiva poderiam ter em comum.

Assim, o interesse por estudar os comportamentos de alguns casais da Havana no Facebook surge como uma inquietação a partir da própria convivência da pesquisadora neste site de rede social. Normalmente, uso a ferramenta de maneira intensa para fins tanto profissionais quanto pessoais, e minha presença contínua nestes ambientes virtuais situou-me frente a certos comportamentos que, a meu ver, resultaram interessantes para serem abordados em um trabalho de cunho etnográfico. De maneira isolada entre cada uma delas, percebi que várias pessoas que faziam parte da minha própria rede de contatos estavam publicando conteúdos que tinham como foco principal seus relacionamentos amorosos. Desde postagens sutis e românticas até outras que tentavam chamar a atenção do parceiro através de conteúdos provocativos, fui percebendo nessas mensagens uma cuidadosa elaboração e, portanto, meu interesse por estudá-las foi crescendo de maneira progressiva. Desse modo, a questão principal da

presente pesquisa está focada em compreender: quais são as estratégias de *publicização de si e de narrativas amorosas* por casais jovens cubanos no Facebook? A pergunta aponta, assim, para um “fenômeno” mais amplo de apropriação de sites de redes sociais para construção de narrativas de si, mas, ao mesmo tempo, delimita dois recortes importantes: jovens cubanos enquanto sujeitos de pesquisa e Facebook como objeto de estudo. Tais recortes se justificam pelas seguintes razões: a) os poucos estudos sobre usos e apropriações da internet e sites de redes sociais no contexto cubano, menos ainda aqueles focados na questão dos relacionamentos<sup>3</sup>; b) o intenso uso que se faz do Facebook no país, mesmo com determinados limites de navegação e c) minha proximidade com a observação inicial de jovens do país que mostravam mudanças em seus discursos e imagens no site após o fim de um relacionamento amoroso.

Existem algumas particularidades da realidade cubana que, no contexto desta pesquisa, não podemos deixar de mencionar e estão atreladas às dificuldades que os havaneiros e os cubanos em sentido geral atravessam para acessar a Internet. Consideramos que esse é um elemento chave, pois, aventa-se como hipótese, ele influencia também os modos com que as narrativas sobre si são apresentadas na virtualidade.

O jornalista e *blogger* cubano Lazaro Bacallao (2015) analisa as estratégias de apresentação de si de usuários cubanos em sites de encontro e, como conclusão, aponta que o acesso à Internet em Cuba está “sobrepolitizado”, já que pela própria precariedade infraestrutural que experimenta o país tecnologicamente falando, o Estado tem garantido a possibilidade de conexão “principalmente em universidades, meios oficiais e outras instituições governamentais, isto é, em instituições e atividades atreladas à educação, pesquisa, políticas governamentais e mídia” (BACALLAO, 2015, p. 58).

Porém, a abertura comercial e política que o país (Cuba) experimenta como parte das ações de atualização do seu modelo socioeconômico está reconfigurando essas relações das pessoas com as plataformas virtuais. Fatores que vão desde o uso crescente de *smartphones* e dispositivos móveis como *tablets* e outros a partir do desenvolvimento das economias particulares, até a disponibilização de conexões *wireless* nas ruas e avenidas principais das cidades por preços mais baixos com relação

---

<sup>3</sup> Até o momento de conclusão da presente pesquisa não detectamos nenhum estudo que tenha se interessado em investigar de que maneira cubanos constroem discursos sobre o amor e interagem afetivamente em sites de redes sociais, embora tenhamos identificado algumas tentativas de mapear o objeto de maneira isolada (BACALLAO, 2015).



a anos anteriores, têm feito com que as pessoas – especialmente os jovens que frequentam espaços urbanos de maior circulação – consigam manter uma presença bem menos esporádica que alguns anos atrás, quando só era possível acessar a Internet a partir de algum computador no local de trabalho e em horários limitados que o próprio governo estipulava<sup>4</sup>.

Essas tentativas para contribuir com a informatização de Cuba fazem parte das políticas do governo de aprimorar e diversificar os centros de acesso à Internet, embora estar conectado seja ainda complexo, pois as tarifas de acesso continuam sendo altas se as comparamos com a média salarial que as pessoas recebem. Segundo dados publicados pela *Oficina Nacional de Estadística de Cuba*<sup>5</sup>, o salário médio mensal dos havaneiros em 2014 era de 595 pesos cubanos<sup>6</sup>, o que equivale aproximadamente a 24 dólares. Considerando que uma hora de conexão internacional custa 1.50 CUC (35 pesos cubanos), ou seja, em torno de 6% do salário, as tarifas continuam tendo um custo alto para o cidadão médio.

A partir de algumas estatísticas publicadas no site oficial da companhia ETECSA, constatamos que atualmente existem em todo o país um total de 233 espaços públicos de conexão *wireless* habilitados para uso da população mediante a compra de “horas de conectividade”. Estes pontos de acesso Wi-Fi estão distribuídos por todas as províncias da Ilha, sendo Havana a mais favorecida com um total de 34 pontos de acesso<sup>7</sup>. Este é um dos fatores pelos quais decidimos escolher jovens havaneiros, e não de outras regiões do país, para participar da pesquisa.

Para além da conectividade ser regulada pelo governo e das altas tarifas de acesso, usuários cubanos mantêm uma presença relativamente constante em sites de redes sociais, particularmente no Facebook, um dos mais populares e favoritos do setor jovem do país. A possibilidade, já não tão recente, de se conectar a partir de redes locais nos ambientes de trabalho, junto com as alternativas que o Estado do país está fornecendo gradualmente – sem mencionar as estratégias que os mesmos põem em prática para burlar o controle de supervisores durante o horário de trabalho e se *logar* nas redes para uso pessoal – têm contribuído com o amadurecimento das práticas de

---

<sup>4</sup> Por exemplo, em centros universitários os estudantes só podiam acessar às redes sociais nos horários de 8 às 10 horas da manhã e das 16 às 18 horas da tarde, pois no resto do tempo esses sites eram bloqueados.

<sup>5</sup> Nome oficial em espanhol da instituição.

<sup>6</sup> Dados estatísticos da ONE. Edição Junho 2015. Disponível em: <http://www.one.cu/publicaciones/03estadisticassociales/Salario%20Medio%20en%20Cifras%20Cuba%202014/Salario%20Medio%20en%20Cifras%20Cuba%202014.pdf>. Último acesso em: 11/07/2015.

<sup>7</sup> Mais informações disponíveis em: [http://www.etecsa.cu/internet\\_conectividad/areas\\_wifi/](http://www.etecsa.cu/internet_conectividad/areas_wifi/).

socialização e a experiência de uso de plataformas virtuais por cubanos. Desse modo, chamam-nos a atenção as necessidades e desejos de comunicação virtual que os mesmos experimentam.

É destacado, assim, nosso interesse em buscar entender o conjunto de práticas por meio das quais os sujeitos expõem na virtualidade sua própria identidade construída e definição de amor com a participação de um outro que pode ler, interagir e modificar aquele *discurso-prática*. Esta ideia, pensada à luz de outras definições teóricas levantadas como parte do trabalho de revisão bibliográfica, será aprofundada no primeiro capítulo e está estreitamente conectada ao desdobramento que logo tentaremos fazer a partir de questões secundárias da pesquisa, que têm como propósito entender: Como jovens havaneiros utilizam a internet e, mais especificamente o Facebook, como terreno de expressão para mediar seus relacionamentos na virtualidade? Que tipos de narrativas caracterizam o discurso virtual dos casais jovens acerca de seus relacionamentos no site? De que modo as construções identitárias e narrativas virtuais de atores sociais no Facebook mudam durante e após relacionamentos amorosos?

A partir destes questionamentos e de contatos prévios com os informantes nos seus ambientes de convívio *online*, aventamos como segunda hipótese que as estratégias de publicização dos afetos que sujeitos fazem nas suas *timelines*<sup>8</sup> estão diretamente atreladas à construção do conceito de amor romântico. Ao mesmo tempo, o tipo de estruturação narrativa das postagens que envolvem afetos está dado não só a partir da ideia do outro como parte essencial para completar o discurso, mas também como prática de autoconfissão através da qual o sujeito se constrói para ele mesmo e para a alteridade, sendo esse processo em muitas ocasiões uma forma de manter ou quebrar um ideal de coerência expressiva (GOFFMAN, 2011).

Ao construir sua mensagem em plataformas (semi) públicas como os sites de redes sociais, os sujeitos têm a expectativa da interação, a qual está baseada na ideia de que a mensagem é o ligamento principal para conectar experiências de vida de muitas pessoas reunidas nessas redes. Postar é, assim, performar imagens mais ou menos ideais sobre si que os outros complementarão através da interação com esse conteúdo, como resposta a um estímulo comunicativo iniciado por quem constrói a mensagem.

---

<sup>8</sup> As *timelines* ou linhas do tempo são o local onde as publicações dos sujeitos ficam visíveis a partir do seu perfil no Facebook. Tais conteúdos são organizados, em geral, em ordem cronológica do mais recente para o mais antigo (salvo algumas exceções do algoritmo que não nos cabe explicar aqui).

Esse ato de postar possui, desse modo, traços da própria personalidade cuidadosamente selecionados para alcançar objetivos comunicativos particulares. Defendemos que isto não necessariamente está atrelado ao cinismo ou à manipulação do outro e sim a um tipo de construção narrativa que, pela própria natureza quase ilimitada espacial e temporalmente dos dispositivos virtuais, não seriam capazes de se delinear em ambientes *offline*. Muitas vezes, e seguindo a linha de pensamento de Goffman, essa expressão de si é consequência da intencionalidade com a qual os indivíduos se auto-apresentam e nesse sentido a alteridade é um elemento influenciador importante. Indivíduos são convidados a tecer narrativas e esse convite nem sempre é explícito e direto. A simples presença dos outros (queridos, conhecidos ou não) que compõem suas redes pessoais já é uma incitação à fala. A maneira de construí-la dependerá também de como o sujeito se auto-percebe dentro da rede, como entende seu papel dentro da mesma e sua relação com a rede de contatos. Nosso posicionamento com relação às narrativas virtuais vai nos permitir entendê-las então não como dramatizações fictícias, mas como tecidos comunicacionais ao mesmo tempo individuais e coletivos que servem para construir *personas* mais ou menos coerentes com noções de *selves* que os indivíduos possuem sobre si e sobre os outros num determinado momento.

O presente trabalho propõe-se então a analisar as estratégias de auto-apresentação virtuais que atores sociais de Cuba põem em prática durante e após relacionamentos amorosos, usando as suas *timelines* do Facebook como canais de exteriorização e assumindo que estas práticas são expressões do que iremos chamar de “publicização reflexiva dos afetos”, sobre a qual discutiremos nos capítulos que seguem.

Na construção da pesquisa definimos, como critério de seleção para os informantes, que entraríamos em contato com usuários havaneiros cuja posição profissional garanta a eles a possibilidade de entrar na Internet e, em particular, no Facebook, tendo em conta o contexto anteriormente comentado, pois embora as tentativas de democratizar a comunicação *online* sejam significativas, não são todos os usuários que têm acesso ou conseguem pagar as tarifas estabelecidas pelas instâncias oficiais. Acreditamos que possam existir especificidades nos usos e apropriações do Facebook por atores sociais cubanos dada pelo fato de considerarmos que muitas das discursividades performatizadas de si contêm marcadores culturais próprios do conceito de cubanidade que, embora não iremos abordar de maneira aprofundada, serão discutidas com detalhes mais adiante, no terceiro capítulo. Existem, acreditamos,

padrões narrativos que se expressam nas maneiras de construir e encenar publicamente a relação amorosa.

No entanto, entendemos aqui a cultura como uma categoria dinâmica e portanto complexa de ser “operacionalizada” e tratada na pesquisa. Nos adscrevemos a um entendimento teórico que visa entender esta categoria “em termos das interpretações às quais pessoas de uma denominação particular submetem sua experiência, uma vez que isso é o que elas professam como descrições” (GEERTZ, 1978, p. 24). Desse modo assumimos que, embora existam traços que tipificam a experiência cultural de determinados grupos, estas apropriações estão abertas e em constante atualização em torno de influências externas e novas dinâmicas de sociabilidade, onde fatores econômicos e políticos podem exercer influências significativas, mas não necessariamente determinantes (MILLER e SLATER, 2000). É importante destacar também que alguns dos comportamentos e práticas observados certamente se dão também em outros contextos culturais, a partir do que poderia ser chamado de uma “gramática comum” de uso dos sites de redes sociais.

Foi a partir das observações e entrevistas informais iniciais que de maneira intencional o corpus da pesquisa começou a se desenhar e a partir de procuras próprias e recomendações de conhecidos, criando uma rede de informantes que hoje constitui nosso “objeto” principal de análise.

A pesquisa contou com um total de cinco informantes. Entrevistas realizadas como parte da primeira aproximação ao objeto de estudo confirmaram que alguns casais, especialmente os mais jovens, já atravessaram em algum momento problemas que foram causados pelo uso que algum dos dois fez de mídias sociais, basicamente das plataformas Facebook e Whatsapp<sup>9</sup>, que são duas das mais utilizadas globalmente<sup>10</sup> e, segundo apreciamos, as mais populares dentre estes jovens<sup>11</sup>. Muitos deles declararam nestas conversações que ao estar em um relacionamento amoroso, seu comportamento no Facebook tende a tornar-se mais discreto, pois existe o medo latente de que algum comentário ou postagem possa ser percebido pelo parceiro como uma ameaça.

---

<sup>9</sup> Alguns autores não considerariam o Whatsapp uma “mídia social”, mas sim um “*instant messenger*” (AYRES E RIBEIRO, 2015). No entanto, tal discussão não é central para nosso trabalho.

<sup>10</sup> Mais informação em: <http://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Último acesso em: 11/07/2016.

<sup>11</sup> Devido às complexas dinâmicas de apresentação de si e de narrativas amorosas que ocorrem no Facebook tendo em vista os jogos de visibilidade que a plataforma engendra e ainda os limites temporais aos quais está circunscrito este trabalho optamos por fazer a investigação centrada apenas no site.

Existem alguns casos, no entanto, nos quais o comportamento que se ativa com mais intensidade é a vigilância. Os ciúmes excessivos levam alguns sujeitos a se sentirem altamente inseguros quanto a si mesmos e quanto à fidelidade do parceiro, entendida no caso como todas aquelas práticas *online* que impliquem *flirting* com outras pessoas, embora esse comportamento em muitos casos possa não transcender os limites do virtual. Isto nos leva a indagar se os sujeitos virtualmente ativos têm consciência do impacto que o Facebook – no caso que nos interessa – tem como plataforma que media e influencia não só suas narrativas e discursos virtuais, mas também o percurso dos seus relacionamentos, ao ser mais um ambiente de convivência entre eles e deles com outros grupos.

Um trabalho publicado recentemente no *Journal of Personality and Social Psychology* da Sociedade Americana de Psicologia sobre conflitos em relacionamentos amorosos corroborou como um dos seus resultados principais o fato de que:

Indivíduos dependentes emocionalmente tendem a intensificar a monitoração e avaliação dos sinais de ameaça do seu relacionamento. Isto pode levar a esses indivíduos a interpretar as informações de modo a confirmar suas expectativas negativas das suas figuras de vínculo (CAMPBELL et.al, 2005, p. 510).

Baseadas nisto consideramos que a presente pesquisa pode ser pertinente para entender como as redes virtuais estão afetando as relações interpessoais entre sujeitos virtualmente ativos e quais são as especificidades das narrativas de atores sociais havaneiros, se é que as há. Entendemos que cada ação de valor (curtida, comentário, compartilhamento, dentre outras) e comportamento no Facebook reflete as estratégias de performatização de si, as quais se reforçam quando os mesmos estão em relacionamentos amorosos que de algum modo são *relatados* por eles no virtual. Isto quer dizer que o modo de os sujeitos se manifestarem publicamente através da sua *timeline* muda em relação à sua situação sentimental e de acordo com o tipo de relacionamento que esteja vivenciando. É nosso propósito nos aproximar melhor desta realidade para tentar entender quais os mecanismos de construção discursiva que entram em jogo quando os atores sociais decidem se auto-apresentar e apresentar seu relacionamento publicamente nos sites de redes sociais, em particular no Facebook.

A dissertação está estruturada em três capítulos, sendo os dois primeiros de cunho mais teórico, ainda que algumas discussões a partir do objeto possam já emergir, e um terceiro de análise de resultados. No primeiro capítulo discutimos sobre a produção de subjetividade na contemporaneidade, tendo como foco as construções de

identidade feitas através de sites de redes sociais. Iniciaremos nossa discussão trazendo ao debate um mapeamento histórico-teórico que servirá de base para entender de que modos o projeto moderno estabeleceu dinâmicas de identidade e sociabilidade que repercutem, até hoje, nas construções narrativas e performances públicas. Iremos, também, debater sobre a criação e manutenção de perfis virtuais em sites de redes sociais e de que modos isso pode ser entendido como prática de expressão de si tão autêntica e legítima como outra qualquer que se dê em ambientes *offline*.

O segundo capítulo, por sua vez, traz a ideia de construção social do amor através de sites de redes sociais e sua relação com a consolidação do projeto romântico moderno, buscando pensar como certos valores atrelados à ideia do amor romântico continuam se propagando. Abordamos ainda questões relacionadas à representação pública dos afetos, na qual a ideia do “imperativo da felicidade” é visível em muitos casos. Trata-se, assim, de mapear teoricamente as principais construções do amor, focando no projeto moderno, para refletir sobre os conflitos que envolvem uma parceria sentimental nos SRS. Deste modo observamos como, mesmo em casos de ruptura, a figura do outro é essencial na configuração de um discurso que é, normalmente, um discurso de superação.

No terceiro capítulo conectamos o embasamento teórico previamente comentado com os dados obtidos durante o trabalho de campo, entrando na análise de cinco casos de estudo a partir de modelos metodológicos de inspiração etnográfica. O objetivo, como apontado, é investigar as performances discursivas e apropriação que é feita do Facebook pelos atores que compõem o conjunto de informantes da pesquisa.

Na seção seguinte iremos apresentar de maneira detalhada como foi estruturada a pesquisa a partir do ponto de vista metodológico, passando por discussões sobre as especificidades deste estudo em função dos nossos objetivos principais e desafios que, do ponto de vista operacional, moldaram a experiência de imersão em campo.

### **Metodologia de Pesquisa. Apontando os desafios da etnografia virtual**

A etnografia, segundo Hine (2010), é entendida como a “descrição de uma realidade inevitavelmente construída, de objetos criados através de práticas disciplinares, no marco de um compromisso reflexivo e situado do pesquisador” (HINE, 2010, p. 56).

Para as Ciências Sociais, o método é considerado um dos mais apropriados quando o pesquisador tem como propósito entender a fundo as interações humanas. Mas é importante não visualizar esse entendimento como um exercício investigativo que indica uma mera transcrição ou tradução de dados, como foi sublinhado por Polivanov (2014):

A função do etnógrafo vai muito além de simplesmente reportar os eventos e experiências observados; cabe ao etnógrafo explicar como essas experiências e dinâmicas sociais constituem teias de significado (POLIVANOV, 2014, p. 91).

A proliferação de pesquisas interessadas na virtualidade levou os acadêmicos do campo da comunicação e áreas afins a se questionarem se as metodologias utilizadas pela etnografia para enxergar processos que se dão *off-line* continuavam sendo aplicáveis a estes entornos mediados pela tecnologia. Neste contexto, surgiram as discussões sobre a pertinência de adotar um novo termo que não só indicasse uma diferenciação linguística, mas também uma especificidade metodológica. Foi assim que começaram a aparecer na literatura sobre o tema algumas variações do conceito de etnografia, como é o caso de *netnografia*, etnografia virtual, entre outros.

Estas variações indicam mudanças em vários dos aspectos do método, dentre elas:

A entrada do pesquisador no campo (e, é claro, o próprio campo de pesquisa que pode ser uma comunidade virtual, um game online, um fórum de discussão, um site de rede social, dentre tantas outras possibilidades), os modos de interação com os informantes, até as ferramentas de coletas de dados (e os próprios tipos dados em muitos casos (POLIVANOV, 2014, p. 97).

Neste sentido, Hine (2000) propõe uma série de eixos sobre os quais deve girar o trabalho do etnógrafo na Internet, dentre os quais se sobressaem: como os usuários conciliam o virtual e o real? Quais as consequências da Internet sobre os sentidos de autenticidade e autoria? Existe uma fronteira divisória entre a vida *online* e *off-line*? Estas inquietações refletem muitos dos desafios da pesquisa etnográfica no terreno virtual, tendo em conta que ao “mudar” seu entorno de ação, as práticas adquirem novas significações que devem ser apropriadas pelo pesquisador devido às mediações de tempo, espaço e linguagem que estão constantemente gerando novos valores às ações dos indivíduos.

Assim, entendemos a Internet não só como uma tecnologia *per se*, mas também, e basicamente, como um universo cultural onde se estabelecem sistemas de

práticas sociais altamente complexas que precisam de aproximações teórico-metodológicas mais interessadas em compreender que em julgar. No marco deste trabalho, decidimos nos inspirar na Etnografia como método para analisar nosso objeto de estudo. Este tipo de abordagem nos permitirá problematizar os usos que jovens casais cubanos realizam do Facebook e descobrir que tipo de conexões existem entre as apresentações que os mesmos constroem na virtualidade enquanto ambientes de convívio e construção de si. Para tal assumimos a premissa de que a rede é um canal de comunicação que, por sua vez, constitui um entorno cultural através do qual refletem seus estados de ânimo e canalizam estratégias expressivas específicas de acordo com objetivos de comunicação que são traçados por eles em momentos pontuais da sua vida.

Consideramos que o fato de a virtualidade disponibilizar ao pesquisador um campo favorável para a monitoração dos sujeitos a serem analisados – assim como a interação, síncrona ou assíncrona, com eles para além das distâncias físicas – constitui uma fortaleza importante a favor da escolha deste método em específico, e não de outros, para nos aproximar do objeto em questão.

Ao iniciar a pesquisa deparamo-nos já com um desafio metodológico importante: sabíamos que nosso propósito era pesquisar as estratégias de auto-apresentação virtuais que alguns sujeitos aplicam quando estão em relacionamentos amorosos, porém, como identificaríamos essas pessoas na rede e, em caso de achá-las, como nos apresentaríamos a eles sem sentissem que sua privacidade foi invadida? Precisamente pelo fato de nosso interesse por estudar essas dinâmicas ter sido incentivado a partir da própria observação de alguns comportamentos na nossa rede de contatos, os primeiros informantes para nosso trabalho foram inevitavelmente aquelas pessoas que mantinham algum tipo de relação com a pesquisadora através do Facebook, fosse profissional, afetiva ou familiar. Porém, pretendíamos ampliar a nossa amostra até chegar em um total de pessoas que fosse o mais variado e heterogêneo possível, não só em termos de critérios sociodemográficos, mas também na ordem do tipo de experiências e discursos virtuais que essas pessoas “performatizavam” nas suas contas do Facebook, sendo nosso interesse analisar essas práticas de auto-apresentação virtual em toda sua complexidade: discursos românticos, expressões de conflitos, etapas de crises no relacionamento etc<sup>12</sup>, que nos permitiriam ter uma visão mais ampla dessas diversas narrativas. Assim como Amaral, Frago e Recuero (2011) apontam:

---

<sup>12</sup> Isso, por si só, é também um desafio, uma vez que nem sempre os discursos são explicitamente sobre os relacionamentos e sentimentos, sendo difícil mapear quando, por exemplo, uma postagem de uma



Nesse contexto, o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema da pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa (AMARAL et.al, 2011, p. 67).

Desta maneira, utilizamos a estratégia da “bola de neve” como um recurso para conseguir novos informantes ativando as redes profissionais e pessoais da pesquisadora. A amostragem da qual se vale esse método consiste na “identificação de informantes que serão usados para levar o pesquisador até outros informantes” (ATKINSON, 2001, p. 1). A partir daí foi iniciada a procura perguntando a amigos, colegas, familiares se conheciam alguma pessoa ou casal que tivesse tido alguma experiência na qual o Facebook desempenhou um papel importante no percurso do seu relacionamento, fosse como detonante de algum tipo de conflito ou simplesmente como válvula para fazer públicos momentos pontuais do relacionamento no qual encontravam-se.

Além do pré-requisito anteriormente mencionado, nossa única condição ao escolher os sujeitos que iríamos pesquisar era que os mesmos fossem cubanos, podendo ser incluídas também, em uma fase inicial de pesquisa, pessoas que, ainda não residindo de maneira permanente em Havana (nosso recorte), estivessem integradas às dinâmicas culturais do lugar e de uso e apropriação das plataformas virtuais ao serem cubanos.

Desse modo, selecionamos intencionalmente os informantes, tendo em vista as indicações recebidas, observações iniciais e a disponibilidade dos mesmos para fazer parte da pesquisa. Num certo sentido, tal escolha remete à ideia de uma seleção de amostra intencional, seguindo a classificação proposta por Amaral, Recuero e Frago (2011), ainda que o termo “amostra” não seja adequado para investigações que se utilizem de preceitos etnográficos. De todo modo há em comum a ideia de que são utilizados “critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise” (AMARAL et. al, 2011, p. 78-79).

Após ter explicado os processos de seleção de informantes que guiaram nosso trabalho nas primeiras etapas da pesquisa, é importante reiterar que os métodos de coleta de dados que utilizamos como recursos de entrada em campo foram essencialmente a observação participante, e posteriormente as entrevistas abertas e a análise de conteúdos e discursos. Os instrumentos de pesquisa foram desenhados pela

---

música remete a um problema vivido na relação ou não. Abordamos essa questão no terceiro capítulo, quando nos debruçamos sobre a pesquisa empírica realizada.

pesquisadora em função das questões norteadoras do trabalho, assim como dos objetivos que tínhamos desde o início. Desse modo, definimos indicadores de observação e categorias centrais para as entrevistas que mais adiante iremos explicar detalhadamente.

Consideramos também alguns aspectos fundamentais à hora de elaborar o arcabouço metodológico para nos enfrentar à pesquisa em campo, atrelados a uma série de fatores que entram em jogo quando abordamos a publicização virtual do amor, dentre as quais podemos mencionar: a predisposição dos indivíduos em relação à virtualidade, (leia-se: o seu próprio jeito de usar a tecnologia e agir nela e os efeitos que têm na construção das narrativas virtuais individuais); o fato de estar ou não em um relacionamento amoroso e se efetivamente esse estado influencia em algum sentido os modos das pessoas se apresentarem para os outros em espaços *online* semi-públicos como o Facebook.

Partimos do pressuposto de que se bem a tecnologia propriamente dita não possui autonomia suficiente para terminar um relacionamento amoroso, estudos etnográficos realizados no ciberespaço corroboram que a familiaridade das pessoas com o uso das redes é diretamente proporcional à influência que as mesmas têm no desenvolvimento de relacionamentos amorosos virtualmente mediados (MILLER, 2011; KOSINSKI et. al., 2015), o qual pode repercutir positiva ou negativamente no percurso da relação. O antropólogo e etnógrafo inglês Daniel Miller (2011) descreve estas influências no seu livro *Tales from Facebook*, no qual se dedica a mapear o papel da Internet na constituição da individualidade e a sociabilidade de uma comunidade de usuários de Trinidad. Ao discutir sobre o impacto dos usos da rede nos relacionamentos amorosos, Miller chama nossa atenção quando afirma que o:

Facebook tem um papel importante no término dos relacionamentos. Aqui temos um ponto ideal de referência em um dos mais exaustivos estudos antropológicos sobre as consequências de Facebook, o recente livro de Ilana Gershon sobre rupturas de relacionamentos entre estudantes norte-americanos. A autora tem a capacidade de prover informação detalhada sobre três aspectos importantes quando se fala de Facebook: primeiro, o jeito em que a rede é usada e as consequências desta nova arena pública dentro da qual as rupturas podem acontecer; segundo, o modo em que as pessoas respondem à atual escolha de Facebook como oposto a outras formas de terminar um relacionamento, como são o caso da comunicação cara a cara ou telefônica, entre outras; e terceiro, a autora documenta aquele grau no qual o recente advento de Facebook significa que as pessoas são ainda muito inseguras em relação a como interpretar a seleção que outras pessoas fazem sobre estes meios específicos, favorecendo os mal-

entendidos no que representa uma situação altamente sensível (MILLER, 2011, p. 168).

Nos capítulos que seguem iremos pensar como se dão as relações entre os sujeitos e as plataformas de redes sociais e de que modos são construídas as narrativas sobre o amor e sobre si por jovens cubanos no Facebook, esperando que os resultados possam ser específicos para entender sua realidade cultural e, ao mesmo tempo, abrangentes o suficiente para a compreensão do “fenômeno” de modo mais amplo.

## CAPÍTULO I

### Subjetividade em sites de redes sociais

*What kind of life is not an exhibition?*<sup>13</sup>  
Tracy Chapman

#### 1.1 Sites de redes sociais na contemporaneidade: novas sociabilidades em jogo?

Em *The Second Self*, a socióloga norte-americana Sherry Turkle aponta o papel das chamadas novas tecnologias como importantes potencializadoras das nossas capacidades autorreflexivas, delineando o que denomina de “computador subjetivo”.

Para Turkle:

A tecnologia catalisa mudanças não só no que fazemos mas em como pensamos. Ela muda a consciência das pessoas sobre si mesmas, sobre os outros, sobre sua relação com o mundo. A nova máquina fica por trás do sinal digital, a diferença do relógio, do telescópio, do trem, é uma máquina que pensa e desafia nossas noções não só de tempo e distância, mas de pensamento (TURKLE, 2005, p. 19).

Sua tese concentra-se em demonstrar que as interfaces tecnológicas constituem materialidades-espacos pelas quais somos afetados tanto na ordem dos afetos quanto comportamental. A visão da autora, principalmente em obra posterior, no livro *Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less from Each Other* (2011), é um tanto quanto apocalíptica e nos serve aqui somente para entender que o impacto das plataformas virtuais que permitem a interconexão dos sujeitos está longe de se limitar apenas à sua função instrumental e deve ser pensado a partir do viés do social e intersubjetivo, entendendo-as como “facilitadoras” das possibilidades de constituição identitária e de socialização. Por que as pessoas usam as plataformas sociais virtuais para se apresentar e como essa mediação repercute em suas estratégias discursivas é um questionamento latente quando pensamos na construção de subjetividade através destes dispositivos. No interior das relações que ali se estabelecem, emoções e afetos são criados o tempo todo e constituem importantes elementos aglutinadores de usuários que estão, por precondição – embora não exclusivamente – fisicamente distanciados no momento da interação.

---

<sup>13</sup> Trecho da música “I did it all”, da cantora Tracy Chapman.

Mas, por que poderia ser relevante estudar as interações que se dão em sites de redes sociais? Na contemporaneidade, o gerenciamento de perfis virtuais e relações sociais através desses espaços se faz cada vez mais um comportamento comum entre sujeitos de faixas etárias diversas, não sendo uma tendência exclusiva do setor jovem, embora resulte estatisticamente inegável sua preeminência em comparação à mediana e terceira idade<sup>14</sup>.

Entendidos enquanto espaços de socialização, os sites de redes sociais oferecem ao olhar pesquisador um leque amplíssimo de expressões do *eu* em menor ou maior medida controláveis, padronizáveis e observáveis se as comparamos com ambientes *off-line*. Deste modo, os usos diferenciados que sujeitos fazem das plataformas de socialização virtuais exigem de nós, pesquisadores, um esforço para entender as especificidades das interações afetivas que ali acontecem, assumindo-as como práticas mediadas pela reestruturação de elementos tais como os limites temporais e geográficos, a possibilidade de experimentação identitária, dentre outros.

Para o presente trabalho, embasaremos nossa discussão na definição de boyd (2007), na qual os sites de redes sociais são entendidos como “a última geração de ‘públicos mediados’ – ambientes onde as pessoas podem se reunir publicamente através da mediação tecnológica” (BOYD, 2007, p. 2). Essa noção das redes virtuais como ambientes públicos (ou semi-públicos, como a própria autora vai apontar) é chave para pensarmos, em primeiro lugar, de que maneira sermos conscientes de estar nos expondo publicamente para audiências heterogêneas repercute na construção das narrativas de si e formas de sociabilidade.

Quando revisamos a literatura especializada, nos deparamos com múltiplas referências que tentam desdobrar o conceito de sociabilidade de modo a entender as diversas nuances que o atravessam. No seu artigo “Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos weblogs”, Recuero (2012) aponta como tais ambientes constituem espaços passíveis de apresentar estruturas e dinâmicas similares

---

<sup>14</sup> De acordo com estatísticas publicadas no site “Olhar Digital”, sites de redes sociais como Facebook, Instagram, Snapchat entre outros são dominados por usuários que pertencem à faixa etária dos 18-35 anos de idade, sendo o Facebook a mais usada também por usuários de mais de 35 anos de idade, ao contrário de outras como Snapchat e Tumblr. Mais informação em: <http://olhardigital.uol.com.br/pro/noticia/facebook-ainda-e-a-rede-social-mais-usada-por-jovens-diz-pesquisa/56758>. Último acesso em 14/07/2016.

aos que se geram em qualquer ambiente de socialização convencional<sup>15</sup>. Segundo a autora, uma interação social pode ser definida como “aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares” (RECUERO, 2005, p. 19). Aponta-se aqui a importância que surge da constância e continuidade destas interações, as quais em um determinado período de tempo podem contribuir com a cristalização de relações sociais de diversas naturezas. O ecossistema social potenciado pelos sites de redes sociais possibilita não só o contato em tempo “real” (síncrono) ou assíncrono entre indivíduos, mas também favorece a criação e fortalecimento dos laços sociais entre os membros que os integram. Desse modo, encontramos nestes ambientes espaços de tensões e conflitos onde as relações são constantemente atravessadas pelo complexo universo social que ali é gerado.

Ao serem locais de convívio onde as possibilidades socializadoras se amplificam, também são um lugar propício para criar afetividades. Casais do mundo inteiro os usam em prol da exteriorização de sentimentos e como mais um terreno de construção pública de significados através da participação do *outro* sem o qual a mensagem expressada não completaria seu ciclo comunicacional. Mas antes de entrar na discussão do que tudo isso representa a nível subjetivo e coletivo, é fundamental entender que as estratégias de publicização do eu e as conexões que os sujeitos desenvolvem nesses ambientes são resultado de um processo diacrônico de mudanças da reflexividade que emergiu com a Modernidade, conforme discutiremos na seção seguinte.

É importante entender que com a emergência dos sites de redes sociais, a questão da intimidade e privacidade parece ser um assunto que, apesar de gerar certa preocupação dentre alguns dos usuários, na ordem do uso e consumo, é vista de modo distinto de épocas anteriores precisamente pela atualização dos modelos morais e filosóficos que herdamos das sociedades pós burguesas. Por tendência, atitudes mais favoráveis com relação aos atos de *self disclosure* (BAYM, 2011) nos ambientes *online* são reforçadas tendo como base o apagamento ou ao menos borramento de uma linha divisória mais clara entre o que antes era confinado aos limites do público e do privado. Assumimos que hoje essa linha resulta cada vez mais tênue como consequência do interesse crescente por visibilizar o “íntimo”, o que não significa que haja se dado um

---

<sup>15</sup> Entende-se aqui por espaço de socialização convencional aqueles ambientes onde as interações acontecem sem a mediação do computador ou qualquer outro meio tecnológico que funcione como agente da comunicação.

apagamento total das reticências com relação à exposição íntima, como veremos mais adiante. O que tentamos defender é a ideia de estarmos assistindo então a uma reavaliação do conceito de intimidade que está ainda em construção. Conforme argumenta Sibilia (2008), em tom de lamento:

Em tempos mais respeitosos das fronteiras, o espaço público era tudo aquilo que ficava do lado de fora quando a porta de casa se fechava — e que, sem dúvida, merecia ficar lá fora. Já o espaço privado era aquele universo infindável que remanesce do lado de dentro, onde era permitido ser “vivo e patético” à vontade, pois somente entre essas acolhedoras paredes era possível deixar fluir livremente os próprios medos, angústias e outras emoções e patetismos considerados estritamente íntimos — e, portanto, realmente *secretos* (SIBILIA, 2008, p. 63).

Percebemos que no meio destas discussões existem posicionamentos contrastantes. Para alguns acadêmicos do campo (ROLNIK, 1997; SIBILIA, 2008), a onipresença tecnológica que tem se desenvolvido com a contemporaneidade está levando os sujeitos pelo caminho da extroversão exagerada, estabelecendo uma diferenciação entre esse momento que agora vivemos com o que aconteceu durante a revolução industrial, onde a irrupção das máquinas na vida social das pessoas não alcançava nem minimamente a *embeddedness* (HINE, 2000) que hoje a caracteriza. A tese defendida pelos adscritos a esta vertente reforça a ideia de que estas formas de socialização definidas pela *tiranía das telas* estão contribuindo para que os indivíduos se isolem ao mesmo tempo em que extravasam conteúdos fúteis e perdem o controle sobre si mesmos, fazendo das trocas que nesses espaços se realizam perder valor, em comparação com as que têm lugar na comunicação face a face (como argumenta, por exemplo, Turkle, 2011).

Para o antropólogo inglês Daniel Miller, este posicionamento acadêmico está atrelado à ideia de que com a intensificação da mediação tecnológica está tendo lugar um enfraquecimento dos laços sociais:

Em conversações sobre o Facebook, existe um assunto comum que pertence ao medo do moderno. Trata-se do temor a nos tornar mais superficiais, a que os nossos amigos no Facebook representem um tipo de inflação que diminui o valor de amizades reais e verdadeiras (MILLER, 2011, p. 167).

Sem dúvidas, para um subgrupo de teóricos da comunicação (SIBILIA, 2008; TURKLE, 2011; GALINDO, 2013) as redes virtuais continuam sendo pensadas a partir daquele pessimismo que apareceu quando as origens do ciberespaço dinâmico

provocavam mais preocupações e paranoias do que curiosidade; um posicionamento que chega a parecer ingênuo e generalizante, embora entendamos que esses critérios são resultado, às vezes, do distanciamento do pesquisador do seu objeto de estudo ou mesmo da vontade de defender visões mais pessimistas sobre o fenômeno. O discurso de Galindo (2013) vai exatamente na direção de reforçar as “banalidades” e “superficialidades” que plataformas como o Facebook engendrariam:

Facebook é massivo, um alfabetizador fácil, com uma arquitetura simples e uma convergência digital alta e simples. Promotor de uma espécie de cultura do fácil, o divertido e o acessível. Facebook é o nicho perfeito para uma nova cultura emergente, tudo em retalhos, integrado efemeramente, sempre em movimento, apenas tocando a superfície. Uma complexidade que parece transformar-se o tempo todo, o que parece não se concretizar em coisa alguma, que está sempre em mudança, sem sedimentos, sem forma de fundo, sem nenhuma profundidade. Este é um exemplo claro de uma nova forma de cultura contemporânea (GALINDO, 2013, p. 37).

Assim, argumentamos que os primeiros estudos sobre a comunicação virtual propunham uma visão um tanto receosa em relação às mudanças éticas, morais e de apropriação das diversas ferramentas de sociabilidade que nesses ambientes estavam sendo notáveis. A utilização das redes como canais de desabafo, auto-apresentação, construção social da individualidade e, com ela, a exteriorização da intimidade, provocou nos olhares acadêmicos uma certa apreensão em relação ao caos que poderia significar aquela “hiper-exteriorização” da vida privada numa esfera pública. O narcisismo, a performance, entre outros termos similares, começaram a aparecer nas produções acadêmicas como resultado dessas inquietações em relação àquilo que parecia ser o holocausto da autenticidade (SIBILIA, 2008).

Ao indagar mais a fundo esta postura, percebemos como muitas produções contemporâneas refletem a vontade de condenar as relações virtuais a laços vazios que se fundam somente no desejo de performar, de “parecer” algo que na realidade não encaixa com essa pretensão, em simular ideias e até afetos. Recentemente foi publicado no blog “O mundo de Gaia” – comunidade virtual que se autodefine como “um espaço com mensagens de alegria, reflexões e pensamentos positivos que levassem todos a pensar e refletir sobre o mundo em que vivemos”<sup>16</sup> – uma postagem sobre a temática das relações amorosas através das redes virtuais, especificamente Facebook, onde se defende radicalmente esta visão pessimista comentada anteriormente:

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://omundodegaya.wordpress.com/eu-sou/>. Último acesso em: 11/07/2016.



O amor está sendo divulgado em frases mal elaboradas à espera de mais uma opção curtir, de mais um seguidor. Em tempos onde todos viraram poetas e discípulos do romantismo, o amor se perdeu de vez num emaranhado de palavras que, juntas dizem menos do que separadas. E ‘eu te amo’ é frase que se compra e se vende mais barato do que pastel de feira. Antes o amor era cafona, agora o amor é plágio. Vem cá, onde foi parar o amor mesmo? Do luxo ao lixo. Saiu dos corações, dos beijos molhados, das surpresas e das mãos dadas para virar politicagem barata em redes sociais. (O MUNDO DE GAIA, 2012, online)

Neste sentido a superexposição virtual é percebida muitas vezes como um culto ao EU (SIBILIA, 2008): a evidência concreta de que estas práticas são características essenciais de um indivíduo contemporâneo em solidão que busca lidar com seu isolamento na vida “real” saturando sua *timeline* com conteúdo de qualquer tipo e expondo sua intimidade ao olhar alheio sem filtro ou capacidade de refletir sobre o quanto de si visibiliza.

É ingênuo pensar que a exposição de si nos sites de redes sociais é desenfreada e incontrolável. Essa ideia perde de vista que a socialização está, o tempo todo, sendo mediada e censurada pelas normas morais e éticas que partilham os sistemas sociais no mundo inteiro. Não existe, então, narrativa biográfica isenta de ser avaliada por essas regras, e essa avaliação é direcionada tanto a partir de pessoas que estão recebendo a mensagem até a própria pessoa que a gera.

Em contraposição, vemos como outras visões sobre este fenômeno o enriquecem quando tentamos compreender e também matizar o que vemos na superfície (o ato de postar) em diálogo com as significações que essas postagens adquirem e as causas que as motivam. A esse respeito, Polivanov (2014) aponta:

Os atores sociais têm, em grande medida, controle sobre os materiais que optam por deixar visíveis nos SRSs, não se tratando, portanto, de uma hiperexposição aleatória do eu, uma vez que eles jogam com o que desejam deixar a mostra e o que desejam ocultar, performatizando discursiva e materialmente suas identidades nos sites (POLIVANOV, 2014, p. 53).

Vemos aqui um interessante paradoxo: a ideia de que embora a tecnologia esteja se mostrando cada vez mais como um elemento efetivamente *embedded* (HINE, 2000), alguns posicionamentos acadêmicos que a desconstroem se recusam a reconhecer estes espaços como o que são, segundo nossa visão: ambientes de sociabilidade tão legítimos quanto qualquer outro que não implique (ou que tenha outros tipos de) mediação tecnológica.

Com o presente trabalho pretendemos nos afastar do posicionamento que exclui as formas de socialização virtuais do conjunto de práticas de sociabilidade consideradas como autênticas e, em seu lugar, optamos por nos adscrever a um tipo de olhar que não está tão interessado em julgar aquelas práticas de construção de discursos virtuais quanto em entendê-las como expressões sintomáticas dos modelos de interação e sociabilidade contemporâneos.

Desta maneira, defendemos a ideia de que o entendimento dos espaços virtuais enquanto ambientes de isolamento tem de ser repensada à luz das novas descobertas que trabalhos empíricos têm nos proporcionado; assumindo o que eles estão oferecendo aos sujeitos enquanto dispositivos socializadores. As teias de significado que ali configuram-se não são mais ou menos legítimas ou verdadeiras das que adotam fora da realidade que se constrói nas redes. O indivíduo é um mesmo ser que desdobra sua subjetividade em ambientes diferentes usando competências comunicativas apreendidas para interagir em ambos. Não existe dualidade nesse sentido, pois o que mudaria seria simplesmente o “local” de contato com os outros e a forma do conteúdo socializador, não a pessoa que interage nem seus atributos psicológicos. Sendo assim, cada ambiente com seus próprios códigos e particularidades socializadoras fornece a possibilidade de entrar em contato com experiências de vida que são, simplesmente, distintas, daí que salientemos o valor da empiria na confirmação de pressupostos que muitas vezes não transcendem as fronteiras teóricas ou do olhar afastado da realidade que se tenta descrever.

Além disso, pensamos o “virtual” como um lugar de convivência, cada vez mais entranhado no cotidiano dos sujeitos contemporâneos<sup>17</sup>. Hoje ninguém pausa os ritmos da sua cotidianidade para pensar em que lugar se encontra quando está “*online*”, e isto deve-se em grande parte à sensação de familiaridade à qual temos chegado neste ponto de uso da tecnologia como um tipo de universo que em algum momento talvez pareceu paralelo, mas que é de fato transversal e inerente às práticas *off-line*. Desse modo, estamos “lá e cá” frequentemente ao mesmo tempo, construindo-nos e apresentando-nos para os demais de formas distintas através de nossas narrativas pessoais. É a partir desse viés da diferença que tentamos compreender os sites de redes sociais e o Facebook, particularmente, no presente trabalho.

---

<sup>17</sup> Sabemos, claro, que a exclusão digital ainda é uma questão e que não podemos assumir de modo algum que todos os sujeitos estão imersos na cultura digital, mas apontamos para sua centralidade hoje para diversas esferas sociais.

## **1.2 Identidades virtuais e narrativas pessoais: a centralidade do indivíduo a partir do projeto moderno e as realidades construídas**

Como apontávamos anteriormente novas formas de sociabilidade emergiram com as plataformas digitais, alterando relações de tempo e espaço, bem como noções de público e privado. Contudo, tais alterações não se deram em um vácuo histórico. Conforme iremos discutir nesta seção acreditamos que os modos através dos quais nos apropriamos dos sites de redes sociais na contemporaneidade são em parte um reflexo do projeto moderno.

A Modernidade, enquanto projeto social e filosófico, teve importantes repercussões em diferentes campos da vida social. A religião, as artes, a política e a economia experimentaram uma dinamização sem precedentes na história da humanidade. A deslegitimação dos sistemas monárquicos enquanto representações absolutas e incontestáveis do poder sentou as bases do que um tempo depois viria a cristalizar nos Estados-Nação e na fundação dos parlamentos e posteriormente a sociedade civil; a forma moderna de estruturação e hierarquização político-social das sociedades que sucederam ditas reformas.

No meio destas reverberações, o movimento liderado pelos reformistas e as ulteriores descobertas no campo das ciências biológicas, físicas e filosóficas provocaram a descentralização do catolicismo como sistema religioso hegemônico. É preciso apontar que isto não significa que com a chegada da Modernidade o catolicismo deixou de ter um peso importante na vida individual e social; a mudança fundamental encontra-se no fato de a relação das pessoas com a religião ter mudado ao ponto de que o indivíduo começa a entender que a proximidade com Deus pode ser alcançada por ele através do pensamento e o entendimento racional e não exclusivamente por meio das disciplinas instauradas pela igreja católica. Esta tendência a “selecionar” e ser consciente da responsabilidade de cada sujeito com si próprio e seu estilo de vida particular é, segundo Giddens (2002) afirma, um sintoma próprio da Modernidade e se reflete em todos os campos da vida social dos atores sociais para além da religiosidade.

A vida social, nesse período<sup>18</sup>, limitava-se essencialmente aos grandes eventos que normalmente tinham lugar nas urbes principais: festas, encontros da alta sociedade,

---

<sup>18</sup> Apoiamos nossos apontamentos em alguns autores, como Hall (2006) e Evans (2007), que identificam a cristalização da Modernidade no período localizado entre o século XIV, passando pelo Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII.

tertúlias, etc. Assim, a sociabilidade estava, em certo sentido, restrita; ainda mais para as mulheres, as quais, para além do seu status social, ficavam circunscritas basicamente ao entorno do lar e das tarefas domésticas. Desta época, no entanto, identificaram-se documentos que registram o modo através do qual a atividade de estabelecer conversas consigo mesmo na intimidade chegou a se tornar para muitos uma necessidade e, também, um espaço ideal para cultivar a individualidade, um jeito de estar com si próprio e desenvolver o caráter e a própria personalidade por meio daquele monólogo escrito que eram os diários íntimos, que contribuía com a separação entre consciência e mundo externo que foi tão marcante na época

Os primeiros registros de relatos autobiográficos achados na bibliografia especializada localizam-se no século XIX, época histórica que coincidiu com a emergência do romantismo (RADSTONE, 2000). O que este movimento trouxe de novidade na ordem dos discursos foi a intensificação de visões do mundo que colocavam o indivíduo como centro de atenção e o incentivo para falar sobre si mesmo. Ao romper com a religiosidade extrema e a busca de respostas espirituais fora do indivíduo, emergiram novas formas nas quais o autoconhecimento, a capacidade de imaginar e a espiritualidade e escrita individual começaram a ser altamente valorados, uma vez que a individualidade e a psiquê passaram a ser pensadas como temáticas legítimas para serem debatidas. Ganha força a ideia de entender a realidade de cada um como conjunto de vivências, sentimentos, incômodos e conquistas dignos de ser, em primeiro lugar, analisados a nível introspectivo e, também, compartilhados em forma de narrativas.

No seu livro *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*, Colin Campbell descreve esta mudança se centrando nas reestruturações psicossociais que resultaram daquele deslocamento:

Constituíam, assim, as forças da natureza dentro do homem, as paixões e estímulos do id, que vieram a ser encaradas como a fonte primária de todo pensamento, sentimento e ação, a verdadeira sede da imaginação. Era claro que, se a isso se pudesse dar toda liberdade de expressão, então cada homem podia tornar-se como um deus (CAMPBELL, 2001, p. 258).

A novidade não esteve somente no fato de abrir as portas ao extravasamento de sentimentos e ideias, mas também no do discurso tornar-se um dispositivo facilitador do desdobramento das identidades. Essa intensificação da necessidade de olhar para si mesmo fez com que as narrativas pessoais emergissem como formas de

autoconhecimento. E a literatura desempenhou nesse contexto um papel fundamental enquanto narrativa autorreflexiva. Para Bezerra, naquela época a ficção literária constituiu-se num “campo de identificações, uma fonte de roteiros de subjetivação para o qual se voltaram os indivíduos modernos” (BEZERRA 2002, p. 230).

Foi assim que, durante o século XIX e tendo em conta o auge do movimento romântico, a profusão de romances se fez comum. Nessa época, destacam-se Virginia Woolf, Jane Austen e Gustave Flaubert, entre outros cujas narrativas constituíam-se em veículos para a autoafirmação do autor através dos seus personagens, motivadas pela legitimação das escritas de si a nível discursivo e social. O próprio Flaubert afirmava: “Ao escrever *Madame Bovary* me torno Flaubert; o autor Flaubert, portanto meu ser, está em *Madame Bovary*”.<sup>19</sup> Para o autor, se tornar ele mesmo através da pele da que hoje constitui a personagem ícone do romance moderno, *Madame Bovary*, significava colocar numa *persona* criada por ele mesmo sua subjetividade e, conseqüentemente, os dilemas existenciais que enquanto homem a ele atingiam. A escrita foi, na época, a principal linguagem por meio da qual extravasavam-se preocupações e dilemas próprios do homem. Em outras palavras, estava sendo construído o germe das escritas de si.

Precisamente porque as particularidades da Modernidade expressavam-se fundamentalmente através da necessidade de estabelecer diálogos com si próprio e aprofundar nas dúvidas existenciais humanas usando a linguagem escrita como terapia. O indivíduo estava agora ocupando um papel central como sujeito político, com capacidade crítica sobre si próprio e sobre o mundo ao redor; uma prática que nas sociedades pré-modernas era considerada um privilégio e, também, um interesse exclusivo das castas intelectuais. No meio desse auge do individualismo como epicentro das sociedades ocidentais “emergiu uma forma subjetiva particular, caracterizada pela interioridade psicológica, pela construção de identidades fundadas em atributos e sentimentos privados e pela problematização e exploração do repertório afetivo íntimo” (BEZERRA, 2002, p. 231).

Como afirmam Vizer e Carvalho:

A modernidade tem gerado mais do que o conjunto de saberes expressados nas bibliotecas e a academia; instituiu sobretudo a criação da figura do observador individual, de uma consciência subjetiva separada epistemicamente do mundo real dos objetos (VIZER E CARVALHO, 2014, p.10).

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr/article.php?id=17>. Último acesso em 11/07/16.

É esta separação entre a consciência subjetiva e o mundo que é sintomática da Modernidade, precisamente por marcar um antes e um depois na forma com que os sujeitos começaram a sentir a necessidade de problematizar a influência dos objetos alheios a eles, que eram ao mesmo tempo constitutivos do seu universo social. Através dos romances clássicos notamos quanto essa separação se faz visível ao estarmos frente a obras literárias que parecem ser ao mesmo tempo materiais de autoterapia psicanalítica. Os autores usam a ficção literária como veículo para julgar sua realidade e se fazer questionamentos filosóficos sobre seu lugar no mundo e, muitas vezes, tratar sobre temas que, para a época, não eram dignos de serem visibilizados; acontecia então uma espécie de “heresia discursiva”.

Ao tentar desconstruir a subversão dos discursos de poder a partir da emergência da Modernidade, Michel Foucault (1981) aponta no seu livro *História da Sexualidade* de que modos aquilo que ele próprio chama de “fermentação discursiva” começou a proliferar a partir do século XVIII. Para Foucault, no marco dessas inclinações retóricas, as temáticas sobre o sexo e a sexualidade em sentido geral tornaram-se um foco especial de atenção. A vontade de dar voz a assuntos que, de acordo com a moralidade eclesiástica deviam manter-se cercadas no espaço privado do lar, fizeram com que a partir do século XVIII muitas dessas ordens narrativas fossem subvertidas e a materialização dessa subversão foi visível, essencialmente, por meio do discurso. Com relação a isto, Radstone (2000) aponta:

Embora a confissão dirige-se em si mesma a algum leitor-confessor cuja tarefa é presenciar a transformação efetuada por ela, muitas perspectivas críticas concordam em dizer que a confissão é, porém, um discurso intersubjetivo fundamental que se propõe alcançar a auto transformação e o auto escrutínio ao confessar o passado (RADSTONE, 2000, p. 175).

Nesse sentido, a importância da Modernidade para discutirmos os processos de reconhecimento de si e as construções afetivas que têm lugar nos espaços de sociabilidade virtuais hoje reside nas mudanças na vida pessoal e social que resultam fundamentais na reconfiguração dos padrões de pensamento e ação através dos quais entendiam-se a *alteridade* e a individualidade. Poderiam parecer desnecessários mapeamentos deste tipo em um estudo que se preocupa em entender as dinâmicas identitárias e de sociabilidade que ocorrem quando os sujeitos estruturam narrativas amorosas nos sites de redes sociais, na contemporaneidade. No entanto, defendemos que o cerne de algumas destas práticas que “ditam” o ritmo da sociabilidade e das

relações romântico-afetivas contemporâneas se localiza quando, com o projeto moderno, o eu começou a ser assumido como projeto reflexivo (GIDDENS, 2002), capaz de construir suas próprias verdades. Nesse sentido e retornando à escrita confessional, Jill afirma que:

A confissão não é um meio para expressar a verdade irrepresível da experiência anterior vivida, mas uma técnica ritualizada de produção de verdade. A escrita confessional é poética, não mimética, ela constrói mais do que reflete alguma verdade pré-textual. Não é a expressão livre do eu mas o efeito de um regime ordenado através do qual o eu começa a se conceber como individual, responsável, culpável e desse modo confessional (JILL, 2006, p. 4).

Assim, concordamos com Gershon (2012) quando afirma que os perfis sociais no site de rede social Facebook – nosso objeto principal de mapeamento – constituem “representações gerenciadas e reflexivas de um determinado *self*” (GERSHON, 2012 p. 872). Nesse sentido, as narrativas confessionais construídas em ambientes íntimos e privados são práticas de “produção de verdade” fundamentais para o auto-conhecimento, sendo adensadas e reconfiguradas em períodos mais avançados da modernidade (ou, para alguns, da pós-modernidade), nos quais a noção de identidade torna-se cada vez mais entendida enquanto uma construção fluida e fragmentada.

No seu livro *A identidade cultural na pós modernidade*, Stuart Hall disserta sobre o que representaram as mudanças estruturais e superestruturais que o projeto moderno e suas reconfigurações a nível institucional e epistemológico provocaram na compreensão e o papel do sujeito na sociedade. Para o autor:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 1992, p. 1).

O que Hall denomina “crise da identidade” relata a sucessão de eventos que seguiram ao declínio dos sistemas monárquicos e seu descrédito, à consolidação do liberalismo como doutrina político-econômica e, portanto, ao papel do Estado nas sociedades pós burguesas; em resumo, à tese defendida pelos materialistas-dialéticos de que não há nada nada estático, todas as estruturas que compõem os sistemas sociais são, por natureza, mutantes, e o indivíduo faz também parte desse dinamismo. Todos esses elementos contribuíram para reposicionar as clássicas normatividades e esse processo

teve o seu correlato, também, nos domínios da subjetividade. Os indivíduos depararam-se com a necessidade de assumir certas responsabilidades consigo mesmos que lhes outorgariam lugares determinados na sociedade à qual pertenciam. Parecia que, pela primeira vez, o *ethos* que ditava o pertencimento a classes sociais, a vinculação familiar e cultural, entre outros elementos, passou a ser assumido também como uma questão de possibilidade, de suposta livre escolha, e essa mudança é chave na compreensão da identidade como constructo dinâmico em constante atualização.

Segundo Bauman (2001) relata no seu livro *A sociedade individualizada*:

Em sua forma moderna clássica, o problema da identidade para a maioria dos homens e das mulheres consistia na necessidade de *adquirir* suas definições sociais, construí-las usando seus próprios esforços e recursos, de desempenhos e apropriações, mais do que de propriedades herdadas. A tarefa precisava ser encarada estabelecendo-se um alvo - um modelo da identidade desejada-, e então, ao longo da vida, aferrando-se obstinadamente ao itinerário determinado pelo estabelecimento do alvo (BAUMAN, 2001, p. 289).

Desse modo, personalidades padronizadas eram fixadas como destinos invariáveis, onde cabia ao sujeito simplesmente assumi-los como um rol na dramaturgia da sua vida. A ideia de variabilidade e a experimentação identitária eram, simplesmente, inadmissíveis. Falamos de uma época na qual a insatisfação com si próprio estava dada pela interdição da experimentação. Os sujeitos não costumavam pensar a identidade como um *constructo* dinâmico e mutável, pois a mesma era entendida – caso fosse acionada – como algo dado, que era definido no momento de nascer, estreitamente atrelada a indicadores de classe, gênero e raça.

Conforme Lane (1984) aponta, a psicologia adotou um rumo significativo na compreensão da identidade, especialmente depois que a escola psicanalítica começou a se posicionar a partir de um viés dialético com relação a esta categoria:

Uma abordagem psicológica do ser humano teria de enfatizar necessariamente, para uma compreensão completa do homem, uma macro e micro análise, em que a primeira abrangeeria todo o contexto social, estrutura, relações, etc., e a segunda se direcionaria para o homem formado por este contexto e, portanto, agindo, percebendo, pensando e falando segundo as determinações desse contexto que, atuando como mediações, foram internalizadas pelo ser humano [...] Esta interiorização-exteriorização obedece a uma dialética em que a percepção do mundo se faz de acordo com o que já foi interiorizado, e a exteriorização do sujeito no mundo se faz conforme sua percepção das coisas existentes (LANE, 1984, p. 82).

Pensa-se, assim, em termos de construções de mundo e de si a partir de perspectivas que são interiorizadas. No seu artigo “Modernidade cultural e Estéticas do



Realismo”, Jaguaribe (2009) aponta um interessante viés em torno da noção de realidade construída que vale a pena ressaltar: Para a autora:

A realidade é socialmente fabricada e uma das postulações da modernidade tardia é a percepção de que os imaginários culturais são parte da realidade e que nosso acesso ao real e à realidade somente se processa por meio de representações, narrativas e imagens (JAGUARIBE, 2009, p. 222).

A autora aponta um viés interessante que pode ser aplicado ao entendimento destes fenômenos de comunicação *online*, se consideramos que se trata de um processo no qual narrativa e realidade estão intensamente atreladas. O discurso virtual deve ser entendido, desse modo, como mais uma expressão da realidade vista através do prisma cognitivo, afetivo e cultural dos sujeitos e não como uma realidade paralela. É o modo que temos para acessar a figura do outro e de nós mesmos, o que implica diretamente a construção de identidades virtuais.

No seu trabalho *Defining the digital*, Greismar (2013) sugere que o digital deve começar a ser considerado como “o novo analógico”, trazendo à discussão um interessante questionamento: de que modo a digitalização das narrativas tem afetado o jeito com que as mesmas são construídas e como esse processo de construção discursiva influencia a comunicação alterdirigida dos sujeitos e, por consequência, o modo como eles se auto-percebem nesse processo? Segundo o autor, o digital “estrutura nossas expectativas de acesso, flexibilidade e circulação, nossas capacidades de editar e de incorporar múltiplas capas de informação e compartilhá-la” (GREISMAR, 2013, p. 2).

Ao dar a possibilidade de estruturar os relatos, editá-los, analisá-los, inseri-los em contextos específicos de debate onde as barreiras de tempo e espaço são flexíveis (chats, foros, grupos), o virtual representa um cenário de construção social de realidades (JAGUARIBE, 2009) através do discurso enquanto gerador das mesmas e não só simples reproduzidor. Mas, chegados neste ponto, poderíamos nos questionar o que tem de diferente, por exemplo, nas narrativas que são construídas na virtualidade daquelas que emergiram com a expansão da televisão, o cinema, ou qualquer outro meio de comunicação onde o discurso chega - de igual maneira - terminado, editado e “lustrado” ao receptor? Quais são as especificidades dessa comunicação virtual que fazem dela um fenômeno tão interessante aos olhos da academia?

Em primeiro lugar, a customização das redes colocou o indivíduo no epicentro das narrativas. Cada história e sentimento ganhou um lugar como manifestação legítima do eu e, portanto, passou a ser de interesse próprio e coletivo. A disponibilização de

ferramentas interativas e a adaptação dos espaços virtuais às demandas comunicativas – cada vez mais crescentes – dos usuários, facilitou que os discursos pudessem ser “visibilizados” com maior eficiência ao alcançar um alto número de pessoas em pouco tempo e com mínimos recursos; os quais não vão muito além de um dispositivo tecnológico qualquer com capacidade de conexão e acesso às plataformas de intercâmbio virtuais. Quando a era tecnológica alcançou de certo modo seu clímax em matéria de sociabilidade e começaram a emergir intensamente as narrativas autobiográficas virtuais, já o fato de falar sobre si, por banal que parecesse o assunto, não causava tanto estranhamento quanto nas sociedades pré digitais, o que resultou do processo de cristalização do conceito de *extimidade* (SIBILIA, 2008). A popularização dos *reality shows*, o boom da geração *youtuber*, a virtualização das vidas através dos perfis pessoais em sites de redes sociais, entre outros, expressam a crescente procura de espaços onde as apresentações dos *eus* individuais parecem ser centrais e, conseqüentemente, a valorização das narrativas de si passam a ocupar um lugar importante como resultado da consolidação do projeto moderno.

Atreladas a essa profusão das escritas, as performances virtuais que os usuários de sites de redes sociais fazem nos seus perfis dizem respeito a quanto o ambiente íntimo assume essa dualidade de ser, ao mesmo tempo, um lugar onde é possível - e não necessariamente dicotômico - estar fisicamente sozinho e socialmente acompanhado. Assim como Joinson (2002) coloca:

Pessoas que se comunicam online estão predispostas a gostar dos seus parceiros na comunicação [...] quem envia a mensagem pode otimizar sua auto-apresentação, isto é, podem se apresentar a si mesmos desde um viés mais positivo do que seriam capazes de fazer off-line pois não tem por que se preocupar por seu comportamento não verbal (JOINSON, 2002, p. 4).

O fato de a identidade não ser estática está longe de ser indicador da sua falsidade, pelo contrário, essa característica descreve sua característica enquanto *constructo* que é constantemente atualizado e reprogramado na medida em que a experiência de vida se desenvolve. Seguindo a visão dialética de Geertz (1989), diríamos que:

A imagem de uma natureza humana constante, independente de tempo, lugar e circunstância, de estudos e profissões, modas passageiras e opiniões temporárias, pode ser uma ilusão, que o que o homem é pode estar tão envolvido com onde ele está, quem ele é e no que ele acredita, que é inseparável deles (GEERTZ, 1989, p. 26).

Entendemos que todo discurso é performático e ao mesmo tempo uma expressão da subjetividade dinâmica dos sujeitos: variável, camaleônica e auto e alo negociada. Consequentemente ele também pode ser dicotômico, contraditório e editável. O próprio Goffman (2011) realiza um paralelismo entre esse debate e as narrativas teatrais quando aponta que “Os textos [...] podem ganhar vida porque a própria vida é uma encenação dramática. O mundo todo não constitui evidentemente um palco, mas não é fácil especificar os aspectos essenciais em que não é” (GOFFMAN, 2011, p. 72).

Para Goffman, estamos performando o tempo todo. Nos ambientes de estudo, trabalho e até de lazer. Não existe campo de interação onde a performance individual não se manifeste como uma estratégia de comunicação nem onde deixemos de ser nós (legítimos) por atualizar nossas narrativas passadas e construir outras que não necessariamente dialogam harmonicamente com as anteriores. O que acontece nos ambientes virtuais é que a possibilidade de “encenar” é potencializada pelas próprias ferramentas que são facilitadas para se apresentar, burlando barreiras de tempo, espaço, materialidade e portanto, trazendo questões quanto à unicidade ou coerência expressiva, isto é, aquelas tentativas de gerenciamento identitário dos sujeitos de modo a se posicionar diante sua rede de contatos, procurando coerência nas enunciações (POLIVANOV, 2014; SÁ e POLIVANOV, 2012).

Assim, todo discurso é uma tentativa de construção social da realidade. A mudança mais significativa quando falamos em sites de redes sociais é, essencialmente, a possibilidade que usuários comuns com acesso à Internet têm para visibilizar cenas da sua própria vida cotidiana, sem precisar para tal ser um profissional da mídia alfabetizado em técnicas de produção de conteúdos dirigidos a grandes audiências (diretores de cinema, produtores, etc.). Ao dizer isto, não estamos desconhecendo que as brechas de acesso ainda existem ou ainda que não seja necessário um letramento digital para tal, mas é claro que o fato de cada pessoa com acesso à Internet ter a possibilidade de estruturar sua própria narrativa, combinando recursos de diversas naturezas (gráficos, sonoros, textuais), de acordo com suas competências comunicativas, tem sido uma mudança significativa que está atravessando e reconfigurando as experiências comunicativas dos sujeitos, diversificando as possibilidades de contato e incitando a falar sobre si.

Quando tentamos mapear os sites de redes sociais enquanto campo de trocas e expressão de sentidos, enfrentamos profundas discussões ontológicas que inevitavelmente aparecem ante nossos olhos como resultado da própria observação dos

comportamentos que ali acontecem. Criar um perfil, para além do superficial que esse ato pareça ser, significa de algum modo pensar nossa própria individualidade de maneira que possamos nos apresentar ao “mundo” do jeito que queremos ser vistos pelos outros. Esses cartões de apresentação virtual que são os perfis sociais contêm num breve resumo como nos auto-definimos, o que queremos, de que gostamos e até com quem nos relacionamos. Basta notar os itens a serem preenchidos nas páginas de informação do Facebook ou o que compartilhamos diariamente através das nossas *timelines*.

### 1.3 Criando *personas* no Facebook

A criação e manutenção de um perfil virtual envolve mais do que nossa simples presteza para entrar em alguma dessas plataformas e registrar nossos nomes. Implica especialmente nos situar em posições de avaliadores da nossa própria individualidade e sociabilidade *alterdirigidas*, construídas junto à figura do outro. A criação do perfil é, então, um processo no qual os sujeitos são interpelados a se tornarem mais conscientes de si mesmos e das capacidades ou potencialidades que têm para influenciar outros com os quais interagem nos sites de redes sociais. A vida virtual – que não está separada da vida *off-line* – é composta por recortes de nós que vamos arrumando e colocando cotidianamente à disposição (semi) pública. Imagens, sentimentos expressados através de textos, mensagens enviadas via chat e até registros mais formais das nossas narrativas autobiográficas, como pode ser a oficialização de um namoro nas “redes sociais”, constituem parte de nosso capital social nesses ambientes.

De algum modo, as ferramentas de socialização virtuais registram uma boa parte das nossas fontes de afeto e diversificam nossas possibilidades de expressá-lo, apagando distanciamentos de ordem temporal, espacial e enunciativa que, na comunicação não tecnologicamente mediada, poderiam atrapalhar a efetividade do conteúdo expressado. Pessoas que estabelecem algum tipo de contato por canais virtuais podem usar simultaneamente múltiplos recursos multimidiáticos<sup>20</sup> para enunciar uma

---

<sup>20</sup> Apoiamo-nos no conceito de *polimídia* delineado por Miller e Madianou (2012) para discutir sobre as complementariedades comunicativas que múltiplas plataformas oferecem ao usuário, garantindo uma experiência de socialização mais integrada e adaptada às demandas que o próprio laço social promove. Os autores entendem que tal categoria significa: “não só que certos tipos de mídia passam a ser vistos como mais apropriados para certos tipos de relações. Muitas relações criam uma configuração de mídia particular que funciona melhor para suas necessidades comunicativas (MILLER e MADIANO, 2012, p. 178).

mensagem qualquer e assim reforçar o conteúdo que se quer que seja transmitido, ou ainda pode construir diferentes personas em distintas plataformas.

Ao abrir uma conta no Facebook, por exemplo, os sujeitos enfrentam um processo de socialização onde as redes vão sendo criadas de maneira geralmente “orgânica” e a interação se estabelece a partir da possibilidade de depuração prévia até o discurso efetivamente enunciado. Modos de dizer diferentes que devem aprender na medida em que se inserem nesses entornos. Os perfis, particularmente, são a unidade básica de imaginação e recriação de si do sujeito na virtualidade:

Um ato explícito de se inscrever a si mesmos em ambientes digitais onde os participantes envolvidos devem determinar como querem se apresentar para os outros que podem estar assistindo essa auto-representação ou mesmo àqueles que gostaríamos estivessem nos vendo na rede (BOYD, 2010, p. 4).

Ao construir um perfil em sites de redes sociais os sujeitos acabam tendo que pensar a si mesmos, escolher histórias e momentos das suas vidas para fazê-los públicos. A narrativa no Facebook é, neste sentido, um tipo de mural da vida<sup>21</sup> onde sujeitos colocam momentos selecionados e refinados com premeditação; em função da personalidade, do momento da vida que estejam atravessando, etc. A comunicação vai se tornando, em certo sentido, não diríamos que menos espontânea do que na comunicação *off-line*, mas uma versão muito mais elaborada enunciativamente de si. A capacidade, não só de publicização seletiva de si, mas também de edição do registro biográfico próprio na virtualidade são nesse sentido essenciais para pensarmos tais tensões entre o espontâneo e o tido como autêntico.

Resulta inegável que ainda existem questões no uso dessas plataformas de socialização *online*, e é claro que não é tudo o que somos ou sentimos que fica à disposição dos outros. Porém, momentos da vida cotidiana dos sujeitos são registrados nos seus perfis pessoais e, nesse sentido, poderíamos dizer que a publicização experimenta algumas reconfigurações se a comparamos com épocas precedentes ou até com momentos não tão distantes de uso e experimentação destes ambientes. Desse modo, o olhar deve ser complexificado quando afirmamos que com a popularidade destas plataformas o privado passou a ter também uma dimensão pública. Ao serem gerenciadores dos seus próprios perfis, usuários de sites de redes sociais controlam sua exposição, a intensidade e frequência com a qual aparecem para os outros com

---

<sup>21</sup> Não casuisticamente, o Facebook denominou, por algum tempo, como “*wall*” (que foi traduzido como mural) o local onde os usuários publicavam suas postagens.

determinadas performances de si, os temas que desejam problematizar e com os quais os outros poderão interagir, em suma: escolhem e estruturam – usualmente – o que será dito e o que será silenciado, ainda que mediados pelas regras de funcionamento das próprias plataformas. Assim, mais do que apenas elaborarem perfis, estão sendo construídas *personas* nos SRS.

Na literatura contemporânea temos visto aparecer com frequência o termo para fazer referência àquelas narrativas pessoais que no marco da virtualidade têm lugar, sempre pensando na alteridade que nos “segue”, falando em termos técnicos<sup>22</sup>. Conceitualmente, entende-se por *persona* a “construção discursiva performatizada, dirigida para uma audiência, que permite sua auto-apresentação e interação com outros nesse lugar, sempre atravessada pelos discursos de outros autores” (POLIVANOV, 2014, p. 198). Nessas construções enfatizamos seu caráter performático, como também aponta Kennedy (2016):

As plataformas virtuais são percebidas pelos usuários como espaços para compartilhar sentimentos e pensamentos, para construir e manter relações, para formar e performar identidades, e para fazer essas coisas frequente e informalmente. Assim, são espaços nos quais aspectos íntimos e pessoais das nossas vidas são vividos (KENNEDY, 2016, p. 19).

E tais narrativas não são improvisadas, muito pelo contrário. Postar é também uma tentativa de apresentar traços identitários que fazem parte da *persona* que é construída na Internet, de maneira consciente, reflexiva e auto negociada (POLIVANOV, 2014).

Nesse sentido, a importância da Modernidade para discutirmos os processos de reconhecimento de si e as construções afetivas que têm lugar nos espaços de sociabilidade virtuais hoje reside nas mudanças na vida pessoal e social que resultam fundamentais na reconfiguração dos padrões de pensamento e ação através dos quais entendiam-se a *alteridade* e a individualidade. Defendemos que o cerne de algumas destas práticas que “ditam” o ritmo da sociabilidade e das relações romântico-afetivas contemporâneas se localiza quando, com a Modernidade, o eu começou a ser assumido como projeto reflexivo (GIDDENS, 2002).

Nesse processo os sites de redes sociais são um exemplo interessante para analisarmos tendo em conta suas potencialidades para a “*camaleonização*” dos

---

<sup>22</sup> Muitos sites de redes sociais apropriados (RECUERO, 2009) utilizam a denominação “seguidores” e o verbo “seguir” para o ato de passar a fazer parte da rede de contatos de um perfil.

indivíduos através dos seus perfis pessoais, permitindo a construção de modo dinâmico de vários *selves*. Nessas construções, têm importância os bens simbólicos aos quais os sujeitos se afiliam (ou rejeitam). Apesar de este não ser um ponto central do trabalho, destacamos, a partir de Everardo Rocha, que o “que consumimos está impregnado de valores públicos [...] e codificado de forma tal que este mundo dos bens transmite mensagens sobre nós, sinalizando proximidade e distância em relação ao outro” (ROCHA, 2005, p. 136).

Ou seja, os bens simbólicos que os usuários trocam através das redes sociais da Internet constituem práticas de consumo imaterial que não por essa condição deixam de ser dinâmicas de auto-definição identitária. Pelo contrário, quando uma pessoa constrói seu perfil pessoal em alguma rede virtual está legitimando uma série de comportamentos que ali desenvolve como elementos constitutivos da sua personalidade e não necessariamente fingindo ser algo que não é ou expressar afetos que provavelmente estaria falsificando, como alguns acadêmicos se posicionam (BAUMAN, 2001; SIBILIA, 2008; GALINDO, 2013). Assim, mais do que julgar deveríamos nos questionar por que as pessoas estão nas redes sociais? Como se relacionam umas com as outras nesses ambientes? O que as impulsiona a publicar conteúdo que são íntimos? Que tem ali que resulta tão atraente para os usuários? Como lidam com tais ferramentas na mediação de relacionamentos amorosos? São essas algumas das questões de fundo que estamos interessados em investigar como parte dessa pesquisa.

\*\*\*

Como vimos, a necessidade de extravasar sentimentos e dilemas atrelados à individualidade dos sujeitos foi marcante durante a Modernidade, quando a conjunção de elementos como a necessidade de olhar para si próprio e se questionar atitudes e lugares no mundo, a “camaleonização” das performances de si, a diversificação das possibilidades de socialização e o rompimento de muitas das barreiras político-sociais que restringiam os comportamentos individuais, o fortalecimento da “época das luzes” e especialmente das ciências humanas cujo interesse centrava-se nos sujeitos, a institucionalização das práticas profissionais através da instituição religiosa e do mercado literário, entre outras, favoreceu não só o interesse por praticar a autorreflexividade, mas também sua publicização. As filosofias de si não eram mais

simplesmente confinadas aos domínios íntimos e nesse processo a herança romântica desempenhou um papel essencial.

Nesse sentido, as narrativas virtuais têm muito a dizer sobre como esse modelo – do amor romântico – sobrevive ainda – e especialmente – a nível discursivo em sites de redes sociais. Conectar esse debate com as discussões sobre construção de personas virtuais e performances de si nos sites de redes sociais torna-se uma tarefa complexa que envolve análises histórico-filosóficas a partir de enfoques holísticos. A cristalização do modelo romântico de construção do amor repercute no que a prática amorosa abrange: desde a maneira com que nos comunicamos com o outro até a forma com que esse discurso sobre o amor precisa ser visibilizado para cumprir sua função socializante: para alguns, o que não é relatado nos sites de redes sociais não existe de fato e essa incitação faz parte dos rituais contemporâneos da experiência amorosa, tornando-se uma fonte de conflitos. Desse modo, discutiremos no próximo capítulo sobre a construção do amor romântico e as narrativas amorosas em SRSs.



## CAPÍTULO II

### **O amor romântico e a busca pelo prazer: vias de entendimento para as narrativas amorosas na contemporaneidade**

*“O mais importante é que a outra pessoa possa te perceber forte”<sup>23</sup>*

No presente capítulo abordaremos a construção do amor romântico e os tipos de estratégias que são usadas por usuários de sites de redes sociais para publicizar narrativas amorosas e como as mesmas estão estreitamente atreladas às especificidades culturais que caracterizam a maneira de viver a experiência amorosa na contemporaneidade. Buscaremos tangenciar também uma discussão sobre o porquê de alguns destes discursos expressarem a necessidade de transmitir às redes de contatos estados de felicidade ou gerar climas positivos ao redor da *persona* do relacionamento<sup>24</sup>, mesmo em casos de rupturas, término e conflitos.

Iremos traçar o percurso histórico-social que guiou o surgimento dos tempos modernos e de que maneiras a individualidade e a afetividade foram afetadas na ordem dos imaginários e das práticas sociais a partir de tais reconfigurações. Assumindo como premissa a ideia de a Modernidade ter sido um importante catalisador de formas de ver e agir no mundo, tanto a nível íntimo quanto público, guiamos nossa estruturação discursiva no presente capítulo. Tentamos construir um debate que propicie o entendimento das remodelações sociais, econômicas e culturais que deram passo a novas maneiras de se apropriar do mundo e estabelecer dinâmicas outras de consumir bens e serviços de modo a construir um mundo interior que se tornou prioridade após a consagração do humanismo e o renascimento. Nesse contexto, apreciamos que reconfigurações na ordem das possibilidades de acesso, liberdades individuais e consumo, afetaram também as maneiras de se relacionar com o amor e de construir individual e coletivamente o afeto. Para tal sedimentação, foi essencial o Romantismo enquanto movimento filosófico que gerou todo um sistema de entendimento e compreensão do homem moderno em constante procura pelo prazer e a ascensão

---

<sup>23</sup> Trecho de entrevista realizada em 2015 com uma das informantes que participou inicialmente da pesquisa. Devemos apontar que, para além de termos feito traduções para o português da totalidade de depoimentos dos informantes, optamos por manter alguns dos termos utilizados por eles em espanhol ao considerá-los significativos para as discussões empíricas que mais adiante faremos.

<sup>24</sup> Entendemos como *persona* do relacionamento o conjunto de estratégias enunciativas que atores sociais põem em prática para estabelecer sua representação própria e auto gerenciada da relação amorosa na ordem pública.

espiritual. Iremos mapear, então, de que modo este movimento afetou as relações afetivas contemporâneas e quais as tipicidades que ainda remanesçam e são refletidas quando os sujeitos são impelidos a construir narrativas amorosas em espaços públicos como os sites de redes sociais.

## **2.1 O amor romântico enquanto uma invenção da modernidade**

De acordo com Evans (2007) poder-se-ia localizar o começo da Modernidade no século XIV se assumimos que a sedimentação de dito projeto implicava, além das evidentes mudanças científicas e tecnológicas que se foram sucedendo de maneira progressiva e redimensionaram a formação das sociedades, novas formas de cultura e de compreensão do mundo. No entanto, a própria autora aponta que nesse período a sociedade estava ainda sujeita às “demandas da natureza” e à religiosidade cristã enquanto cosmovisões dominantes e quase incontestáveis; fatores que faziam das sociedades anteriores às dos séculos XVIII e XIX sistemas “não modernos”, de acordo com a categoria de Modernidade que iremos assumir para o presente trabalho (EVANS, 2007). Por outra parte, as principais mudanças acontecidas no terreno afetivo estiveram mediadas fundamentalmente por uma série de novas moralidades e filosofias que é preciso sinalizar para discutirmos o arcabouço afetivo moderno. Dentre os processos sociais e filosóficos de maior relevância impulsados no marco da Modernidade, o romantismo, como movimento icônico, liderou e encaminhou o sistema de representações do amor que se mantêm até a atualidade e funciona como mediador em em diversos tipos de compreensão sobre este afeto.

A necessidade de publicizar o amor aparece na esfera pública como herança do Romantismo quando a literatura se constitui como sua principal fonte de acesso e espalhamento, durante a Modernidade. Isto não quer dizer que nas sociedades pré-modernas as pessoas não amassem nem partilhassem sentimentos com o outro envolvido; mas sem dúvidas o projeto moderno alterou em grande escala a cosmovisão sobre o amor e, de igual modo, as possibilidades enunciativas para publicizá-lo. Hoje em dia muitos desses conceitos remanesçam e expressam-se nas narrativas do amor construídas por usuários dos SRSs. Nesse sentido, o conceito de alteridade é chave para compreendermos os traços performáticos que os sujeitos desenvolvem em prol da vinculação afetiva com o “outro” que é sempre parte do discurso *online*.

Com o propósito de entender as relações amorosas contemporâneas a partir das narrativas que sobre ele tomam lugar nos sites de redes sociais, iremos mapear o desenvolvimento da concepção do amor nas sociedades ocidentais a partir da Modernidade e, mais especificamente, a partir do Romantismo. A escolha desse momento histórico particular está baseada no fato de que foi a partir dessa época que a expressão romântica do amor adotou suas formas mais concretas, se consagrando socialmente como o posicionamento “legítimo” com relação a esse sentimento, especialmente no Ocidente.

Conectando essas ideias com os argumentos defendidos por Giddens (2002) quando discute sobre os elementos que, segundo ele, tipificam os tempos modernos, entendemos que a industrialização e as economias emergentes nos séculos XVIII e XIX foram fundamentais na reconfiguração das relações sociais e nas maneiras de pensar e agir com si próprios e com os outros no terreno afetivo.

Nas épocas que precederam a Modernidade a vida social nucleava-se em torno de uma série de princípios rígidos de comportamento que estabeleciam o lugar de cada um na sociedade de acordo com indicadores tais como a casta, posição social, o gênero, entre outras que iam dando forma aos destinos individuais, conforme discutimos no primeiro capítulo. O poder de escolha sobre si próprio era, por definição, uma interdição. Em tais ordens, a subversão era – além de isolada e quase nula – se existente, barrada pelas mesmas teias regulamentais que as estabeleciam e pelas limitações socioeconômicas com as quais o indivíduo encarava a sociedade e a vida em geral.

Conforme apontamos acima, os regimes de produção de subjetividade e os limites entre público e privado têm passado por transformações significativas principalmente nos últimos dois séculos. A crise, a catarse, deixaram de ser percebidas como signos de fragilidade para serem lidas a partir do terreno da normalidade, do “caos perfeito” que envolve não só aspectos materiais, mas também, e essencialmente, aspectos vinculados à subjetividade. Nesse contexto que alguns autores descrevem como “esquizofrenia coletiva” (ROLNIK, 1997) situam-se discussões sob o viés das ciências sociais contemporâneas sobre as regras morais cada vez mais difusas, as fronteiras entre público e privado borradas, as tecnologias desempenhando um importante papel na procura do conhecimento e na construção de identidades e a exteriorização de sentimentos como parte importante do cotidiano. Isto não quer dizer que a necessidade introspectiva tenha desaparecido. Cria-se, ao contrário, um paradoxo ainda mais interessante, que diz respeito ao fato de a introspecção tender a se realizar através da

extrospecção. Ou seja, autoconstruir-se implica pensar em si mesmo tendo como condição essencial a existência de um outro fazendo parte desse processo (SIBILIA, 2008).

A Modernidade então institucionalizou todo um sistema de práticas comunicativas que, de conjunto com a flexibilização moral que a classe burguesa fez emergir, contribuíram com a dinamização do imaginário ocidental sobre o amor e nesse processo as estruturas de pensamento e ação geradas a partir da sedimentação do movimento romântico resultaram fundamentais.

O Romantismo manifestou-se na esfera pública europeia a partir do século XVIII, abrangendo diversos campos da vida social. Ao mapear seu desenvolvimento histórico precisamos ter em conta o fato de ele ter se constituído como um conjunto de saberes onde a palavra de ordem era a sensibilidade e o homem seu foco de atenção; e não só como um movimento artístico, como amplamente lhe é conhecido.

Se bem é certo que tal movimento foi se popularizando no campo das artes a partir do impulso alcançado com a popularidade dos romances distribuídos no mercado literário (CAMPBELL, 2001), representava em si mesmo uma cosmovisão, mais do que um movimento artístico específico; especialmente ao ser esse mercado literário um veículo importante na propagação dos seus ideais. Segundo o próprio Campbell, os românticos eram a expressão fiel da “filosofia da sensibilidade”; onde o embate entre o *éthos*, a racionalidade inibidora e estática, em contraposição ao dinamismo subjetivo materializado no *pathos* como força libertadora, constitui o centro da atenção.

A respeito disso, o autor também comenta no seu livro *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*, sobre a relação romantismo-individualismo, quando afirma que:

Dessa maneira, enquanto aceitava aquele aspecto da filosofia política do iluminismo que ressaltava o direito de cada indivíduo à sua autodeterminação, sua concepção do ego como um gênio criativo, único e essencialmente divino significava que este era amplamente interpretado como o direito à auto expressão, ou à autodescoberta (CAMPBELL, 2001, p. 257).

Ao ser um tipo de sensibilidade que se enraizou em vários campos da vida social, definir o romantismo torna-se uma tarefa complexa. Trata-se de entender de que maneira certas tendências nos comportamentos individuais e coletivos desenvolveram-se a partir da necessidade de sentir e devanear que essa cultura romântica trouxe consigo. Nesse sentido, o romantismo contribuiu para que a individualidade começasse

a ser assumida como núcleo da existência dinâmico, variável e, portanto, uma unidade chave para ser pensada e problematizada.

Inserido nesse contexto de redefinições, o universo afetivo dos sujeitos experimentou significativas mudanças na forma com que o amor era representado e assumido a nível intersubjetivo. Defendemos que a maneira através da qual representamos comumente o amor hoje está conectada com a legitimação do modelo romântico como paradigma para assumir um relacionamento a partir de um viés heroico do amante *shakespeariano*; onde toda sensação é intensificada e essa intensidade não pode menos que ser compartilhada, tanto com o objeto desses afetos quanto pelos outros envolvidos.

Amar e enunciar o amor contém em si próprio a condição fundamental de imaginar e modelar as emoções em função das nossas literariedades cognitivo-afetivas, mas o que estamos tentando chamar a atenção com a presente discussão, é que essa capacidade de ministrar os afetos foi também produto de uma série de processos sociais acontecidos durante a emergência dos tempos modernos. Assim como foi apontado pelo próprio Bruckner (2009) na sua reconstrução histórica:

Hoje, todos estamos, homens e mulheres, sujeitos a um requerimento contraditório: amar apaixonadamente, e se possível ser amado, enquanto ao mesmo tempo se manter autônomo- ser livre mas protegido, com a esperança de que o casal seja o suficientemente flexível para permitir esta harmoniosa coexistência (BRUCKNER, 2009, p.20).

Trata-se, em resumo, de um aprendizado gradual ancorado em mudanças significativas a nível social. A estas alturas civilizatórias assumimos por fato dado o entendimento das relações romântico-sexuais enquanto portadoras de amor; algo que nem sempre foi assim, socialmente falando. Nesse sentido, o amor – como o conhecemos em Ocidente – é uma invenção da Modernidade. Tendo então como premissa que alguns acontecimentos e processos sociais contribuíram fortemente com a emergência do sujeito romântico ocidental e, ao mesmo tempo, com a cristalização dos imaginários que a este movimento estão atrelados. Mas resulta interessante pensar, a propósito do nosso interesse de pesquisa, se quando se trata de construir afetos usando os sites de redes sociais como mediadores esta coexistência entre possessão e liberdade à que Bruckner (2009) faz alusão é efetivamente harmoniosa.

Reforçamos a ideia de que o amor contemporâneo, além de ser um construto resultante de processos de desajuste das sociedades feudais tradicionais, é estruturado a

partir de narrativas baseadas nas expectativas geradas pelos modelos afetivos herdados do romantismo. Tais modelos não estão nem um tanto isentos de serem conflituosos, especialmente em sites de redes sociais onde a sociabilidade passa por uma multiplicidade de filtros comunicacionais que mediam a interação entre os atores, geram expectativas e estabelecem padrões novos de viver a emoção, de sentir, padrões que estão ainda sendo apreendidos e introjetados como parte indissociável da vida afetiva das pessoas. É importante destacar também que, no marco da presente pesquisa, nosso debate fica restrito às formas culturais fundamentais através das quais se compreende e narra o amor nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Um levantamento histórico realizado pela antropóloga Josefina Lobato no seu livro *Antropologia do amor* mostra que durante os anos 80 do século XX a maioria dos antropólogos anglo-saxões “negam a existência de experiências amorosas mais refinadas e intensas entre os povos primitivos”; sendo essa ideia do amor romântico, portanto, “uma invenção de Ocidente” (LOBATO, 2012, p. 15).

Na época, o amor romântico assumia-se como um enfoque exclusivo das sociedades ocidentais. O interessante do trabalho de Lobato é precisamente o fato de entender o amor como um conceito cuja definição é sempre inacabada se tivermos em conta que é atravessado por mediações de contextos socioculturais diversos. Ou seja, segundo sua perspectiva, não existiria uma concepção única do amor e esse é um viés importante a não perder de vista na hora de instrumentar pesquisas de corte antropológico.

O amor deve ser entendido, portanto, enquanto construção discursiva criada de acordo com as especificidades de cada contexto cultural, que passa pelo consenso e imaginário que é gerado numa sociedade determinada (e também pelas apropriações que sobre ele cada indivíduo faz). Segundo Bezerra (2002):

A maneira como a realidade político-econômica de uma sociedade afeta a subjetividade e o mundo psíquico dos indivíduos é mais complexa e indireta, e se dá fundamentalmente por meio da criação de certos ideais, da valorização de modelos de pensamento, da propagação de certos repertórios de conduta, da difusão de metáforas que se incorporam ao senso comum, enfim, pela criação de novos jogos de linguagem, repertórios de sentido ou jogos de verdade que dão consistência ao imaginário de uma época, imaginário por meio do qual o mundo, a existência e a experiência pessoal ganham consistência e significação (BEZERRA, 2002, p.232).

Outra autora que reforça tal ideia é Regina Navarro Lins, em sua obra *O livro do amor*, na qual afirma que:

Não existe o ser humano natural; o comportamento é modelado pela cultura. A forma como amamos e praticamos sexo é construída socialmente. Crenças, valores, expectativas determinam a conduta íntima de homens e mulheres (NAVARRO LINS, 2012, p. 13).

Dessa forma, ainda que busquemos concepções outras para a ideia de amor, estamos inevitavelmente inscritos em uma cultura particular na qual há certos imaginários já previamente construídos sobre ela. Foi com a emergência das estruturas e supraestruturas modernas que a relação dos sujeitos com o conceito de “amor” mudou consideravelmente; tornando-se o precedente fundamental do que hoje é consagrado enquanto padrão sentimental por excelência em Ocidente. No seu livro *The Paradox of Love*, Bruckner (2009) faz uma reconstrução detalhada das dinâmicas que envolveram os modos de amar desde o século XVI até os dias atuais, passando por momentos importantes de reconfiguração de convenções sociais, tais como a revolução sexual dos anos 60. Segundo o próprio autor, a Modernidade foi um período chave para entendermos estas novas maneiras de se relacionar, uma vez que foi durante essa época que novos modelos de mercado e economias emergentes progressivamente começaram a moldar os padrões sentimentais, para além do fato iniludível de ter estado inscrito nela o cerne do romantismo. Os afetos, conforme argumenta Bruckner (2009), começaram a ser pensados a partir das próprias lógicas mercadológicas modernas que o capitalismo fez emergir.

À luz do debate que estamos tentando trazer aqui, como explicamos dita transposição sem soarmos deterministas? Citando ao próprio Bruckner (2009), dito fenômeno fica explicado quando afirma que durante a Modernidade:

O amor foi liberado do jeito que poderia ser liberada uma princesa adormecida. Mas o indivíduo também foi liberado do peso das tradições, da religião, da família. Essas liberações são de fato inseparáveis: desde o momento em que o indivíduo é liberado do controle coletivo, desde o momento em que é a ele oferecido, por meio do salário, um pouco de autonomia, ele finalmente pode se sentir interessado pela qualidade das suas emoções, e desenvolvê-las como deseja. Ele pode dar um pouco mais de prioridade ao coração por cima da lei do clã e considerar a pressão coletiva como nula. Foi assim que começou a revolução sentimental na Europa, em parte graças ao nascente capitalismo. Pela primeira vez, as massas tinham direito a desfrutar as nobres paixões que previamente haviam sido reservadas a princesas e poetas (BRUCKNER, 2009, p. 20).

Analisar as especificidades sociológicas do projeto moderno se faz necessário não só para compreendermos uma transição histórica que foi fundamental para a história da humanidade, mas também para discutirmos de que modos muitas das

institucionalidades sedimentadas nesse período sentaram as bases para o desenvolvimento das interações públicas. Nesse contexto inscreve-se a relação dos sujeitos com seu mundo interior e as barreiras entre o público e o privado; debate essencial para abordar nosso objeto de estudo.

Uma vez apontadas as principais rotas que guiaram a construção do projeto moderno e as subsequentes implicações institucionais, subjetivas e morais que tiveram lugar durante tal período, discutimos de que modos a Modernidade se consagrou como o momento em que acontecem mudanças fundamentais para a compreensão do universo afetivo do sujeito contemporâneo. A seguir iremos abordar as reestruturações das práticas de consumo que emergiram durante a Modernidade de modo a estabelecer uma ponte conceitual entre este entendimento e as análises sobre o consumo como ato sociabilizador na contemporaneidade. Assumimos que tais práticas vão além da materialidade dos bens e potencializam capacidades imaginativas no sujeito que lhe fornecem ferramentas para se entender a si mesmo e o mundo ao redor, as quais são fundamentais para a discussão sobre afetos que aqui estamos construindo.

## **2.2. O sujeito contemporâneo, práticas de consumo e a valorização do prazer**

Com o advento das sociedades capitalistas, a burguesia – enquanto classe emergente – foi capaz de liderar vários dos processos de reestruturação social que flexibilizaram muitas das relações sociais antes descritas. Um deles foi a centralidade que o consumo passou a assumir na esfera social, configurando sociedades ou culturas de consumo.

Segundo Barbosa (2004), existem duas tendências fundamentais através das quais se desdobra a discussão sobre as origens sociedade de consumo. Por uma parte, encontramos um grupo de autores que se adscvem à tendência produtivista, sob o argumento que identifica como fator causal da emergência do consumo massivo a produção em série e a industrialização. Por outro lado, temos um grupo de pesquisadores que aponta e reconhece reconfigurações nas formas de consumo como uma fase prévia à industrialização e fator fundamental para a cristalização destas novas lógicas produtivas.

O que estava sendo discutido dentro deste marco foi relevante para entendermos que, ao problematizar a sociedade de consumo, é preciso ir além da sua simples relação causa-efeito com a industrialização. Sem dúvidas, a otimização das



redes produtivas fez com que fosse possível, como nunca antes, consumir massivamente uma ampla variedade de produtos que já não se limitavam a bens de primeira necessidade. Assim, o consumo experimenta uma mudança sem precedentes, reorientando as cadeias produtivas, impulsando o mercado e favorecendo a aparição de mercadorias que, como veremos, junto com o desenvolvimento da publicidade vinham acompanhadas da promessa do prazer. Produtos começaram a ser consumidos pela satisfação da experiência de compra e pelo prazer resultante do ato de consumo, e não unicamente a partir da relação entre a necessidade básica e experiência física e material que o produto oferece para saciá-la. Nas palavras de Barbosa (2004):

Os consumidores não procuram nos produtos e serviços tanto as famosas “satisfações das necessidades” como o prazer das experiências auto-ilusivas que constroem com suas significações associadas. A partir de um bem ou serviço um conjunto de associações prazerosas pode ser feito. Nessa perspectiva, por tanto, a atividade fundamental do consumo não é a seleção, compra ou o uso dos produtos, mas a procura do prazer imaginativo a que a imagem do produto se empresta, sendo o consumo verdadeiro, em grande parte, um resultante desse hedonismo mentalístico (BARBOSA, 2004, p. 52-53).

Conforme foi apontado antes, com a Modernidade houve uma flexibilização importante das hierarquias tradicionais. A escravidão feudal foi sendo gradualmente substituída pelo trabalho remunerado e isto sem dúvidas fez com que uma classe emergente fosse incorporada às redes de consumo que antes estavam praticamente reservadas a monarcas e senhores feudais.

Consumir tornou-se uma prática possível para as grandes massas trabalhadoras. Tal oportunidade de acessar não só a produtos de primeira necessidade, mas também a bens e serviços que proporcionavam aos consumidores o prazer do lazer, foi chave para a emergência de uma consciência outra acerca das possibilidades de escolha sobre si do sujeito moderno e, também, para a intensificação dos prazeres afetivos individuais.

Isto sem dúvidas dinamizou as redes de produção e distribuição de bens e serviços, em particular na Europa, onde as dimensões da industrialização foram ainda mais perceptíveis. Assim, com a força da burguesia como classe investidora começaram a aparecer bens de todo tipo, produtos que satisfaziam as necessidades mais diversas e, portanto, abriam o leque de possibilidades para consumidores que, por sua parte, cada vez eram mais sofisticados e exigentes.

O grande sucesso da lógica de mercado esteve atrelado ao aparecimento da publicidade. Foi através desta ferramenta comunicativa que as capacidades imaginativas

do consumidor foram potenciadas, oferecendo não só a visível materialidade do produto como satisfação fundamental de compra, mas também ideias e sonhos ancorados nessas materialidades. Estas lógicas tão próprias da Modernidade transcenderam a esfera de produção-consumo e tiveram um correlato também a nível individual. Segundo foi apontado por Bruckner (2009) na sua reconstrução histórica:

Assim que a vida privada individual é liberada do controle coletivo, assim que lhe é conferido, por meio do salário, um pouco de autonomia, o indivíduo finalmente tem a possibilidade de tomar interesse pela qualidade das suas emoções, e desenvolvê-las como desejar (BRUCKNER, 2009, p. 20).

Os tempos modernos, segundo Mary Evans (2007), só emergiram realmente quando os sujeitos e grandes grupos começaram a pensar em formas de ordenar a sociedade, mas resulta impossível pensar estas lógicas de ordem sem termos em conta como elas se refletiram nas vidas individuais. A consciência sobre a própria vida e a noção de responsabilidade por ela parece um comportamento para o qual estamos – muitos de nós – programados, mas para sujeitos acostumados, em pleno século XVI, a serem administrados por outros de classe social superior isto foi uma verdadeira conquista do término das monarquias enquanto poder incontestável e exclusivo. Nas palavras de Barbosa (2004), assistimos ao que por ela foi identificado como a ética do *self*: “cada um de nós se torna o árbitro fundamental das suas próprias opções e possui legitimidade suficiente para criar sua própria moda de acordo com o seu senso estético e conforto” (BARBOSA, 2004, p. 22).

Identificamos, assim, que para além das mudanças terem sido fundamental e visivelmente sociais, todos estes processos de reforma tiveram um impacto também na esfera individual. A reverberação do mercado literário de romances, a consolidação da prática da leitura individual, dentre toda uma série de atividades de caráter introspectivo e espiritual, resultaram fundamentais para o cultivo da individualidade que é tão sintomático do sujeito moderno.

Nesse sentido, poderíamos apontar para a noção de hedonismo moderno de modo a entender as principais características que delineavam o novo sujeito à procura do prazer e quanto de significativo isto teve na ordem da sociabilidade e afetividade. Segundo Campbell (2001), a prática hedonística permitia aos sujeitos evocar estímulos através da imaginação e na ausência de qualquer sensação gerada a partir do mundo exterior e isto foi chave para cristalizar imaginários que mediam as relações afetivas hoje em dia. A respeito disso, Barbosa (2004) comenta:

Esse controle ocorre através do poder da imaginação, que proporciona a ampliação das experiências agradáveis. Isso resulta não só do fato de não existirem quaisquer restrições à faculdade da imaginação, como também de que esta se encontra dentro do próprio controle do hedonista (BARBOSA, 2004, p. 51).

A capacidade de sonho e devaneio sinalizam não apenas a cristalização de uma psiquê *outra*, mas também a possibilidade mais materializável de experimentar com a própria individualidade, o qual veio das múltiplas mudanças institucionais que a sociedade moderna trouxe. Encontramos aqui dinâmicas socioeconômicas que enquadraram o cenário propício para a junção entre a dinamização na ordem material e a reestruturação das experiências individuais de consumo, onde a simbologia e tudo relacionado à subjetividade resultaram essenciais para moldar o “novo” sujeito.

Nesse sentido, em conjunto com algumas das mudanças já mencionadas, o desenvolvimento da psicanálise enquanto prática inovadora dentro da psicologia foi fundamental para a sedimentação de novas maneiras de lidar com a própria individualidade. A transgressão da psicologia mais tradicional e julgadora para uma bem mais atenta e preocupada com as particularidades do *self* foi um acontecimento chave para a valorização da experiência individual de um sujeito já impelido a pensar sobre si e com as possibilidades sociais suficientes para se questionar sobre a própria existência. A psicanálise que teve Freud como figura de vanguarda contribuiu para intensificar aquela sede que já nascia no indivíduo moderno de problematizar seus dilemas existenciais. Assim como Illouz (2007) aponta no seu livro *Saving the Modern Soul. Therapy, emotions and the culture of self-help*:

Freud quase criou de maneira independente uma nova linguagem para descrever, discutir, e ministrar a psique, mas fazendo-o encaminhou o que tinha se tornado uma das características mais dominantes e problemáticas da vida moderna, a esfera privada, transformando-a assim (ILLOUZ, 2007, p.35).

Assim, ficam institucionalizados a nível social – na cultura ocidental – práticas voltadas para a valorização da experiência individual e do prazer que constituem o sedimento do que na contemporaneidade percebemos através das reflexividades públicas que se sucederam a tais reconfigurações. Com isso, uma busca pelo ideal de felicidade também se dá de modo proeminente na contemporaneidade, talvez de forma ainda mais exacerbada.

Para este tipo de problematizações resulta relevante trazer à tona alguns estudos que têm discutido sobre a questão da exteriorização de sentimentos negativos

nos sites de redes sociais, como é o caso do trabalho do professor brasileiro João Freire Filho. A ideia trazida por Freire Filho (2010) nos chama a atenção sobre algumas tendências contemporâneas que se orientam para uma discursividade mais positiva sobre si na vida social em geral e particularmente nos entornos *online*; trazendo à tona algumas problematizações que servem para entendermos o discurso da felicidade e da superação como construções típicas de algumas narrativas autobiográficas em sites de redes sociais. O autor defende como argumento principal que, na contemporaneidade, existe uma tendência bem marcada por assumir o discurso do triunfo na esfera pública, o que em suas palavras fica denominado como o “imperativo da felicidade”:

A tristeza se encontra inteiramente destituída de sentido ou dimensão positiva, o mal-estar existencial mais oportuno é repelido como um estorvo. Convém aparentar-se, invariavelmente, bem adaptado ao ambiente, irradiando confiança e entusiasmo, alardeando uma personalidade extrovertida e dinâmica. (FREIRE FILHO, 2010, p.1).

Nesta busca pelas respostas da existência que, como vimos, se fez sintomática da modernidade, a procura da felicidade vem a ser então o graal, o sentido de ser de uma vida que parecia de repente ter se tornado cheia de possibilidades e sonhos para os sujeitos e onde o consumo foi fundamental para reorientar tal procura. Este imperativo da felicidade torna-se então muitas vezes causa das ansiedades do sujeito contemporâneo, como aponta o autor, ecoando discursivamente em múltiplos cenários da vida social, em particular nos sites de redes sociais, como iremos discutir mais adiante na parte empírica do trabalho.

Poder-se-ia dizer então que os perfis pessoais em sites de redes sociais, ao serem ambientes de fomento da autorreflexividade contemporânea, não só refletem a tendência do sujeito moderno/contemporâneo por filosofar sobre a própria existência, mas também abrangem complexíssimas estratégias enunciativas, especialmente se tratando de conteúdos de alto valor afetivo. O encobrimento de sentimentos negativos e condenativos, como já vimos nos resultados apresentados por Polivanov (2014); assim como a necessidade imperativa de alguns atores por “sair por cima” de muitas situações problemáticas no campo afetivo através da narrativa virtual positiva (FILHO, 2010), reforçam nosso argumento de que existe a consciência e intencionalidade estão presentes sempre que interações acontecem nos sites de redes sociais e de que o discurso é, portanto, uma construção seletiva da realidade individual. Questionamo-nos então como é que esses processos reflexivos têm lugar entre jovens cubanos que usam

Facebook para problematizar questões romântico-afetivas, num contexto de conectividade tão peculiar como o do país referido.

Conforme veremos a seguir, muitas das postagens aqui analisadas refletem maneiras romanticizadas de viver publicamente a experiência amorosa, o que constatamos ao ver que na maior parte dos conteúdos publicados os usuários fazem alusão ao relacionamento como uma parceria pura, isenta de conflitos, de enganos e segredos. Esse discurso é, muitas vezes, revertido quando algum dos informantes passa por situações de ruptura; a narrativa torna-se então algo oposto a esse ideal harmônico e é substituída, normalmente, por mensagens onde o imperativo da felicidade e a ideia de superação estão sempre presentes.

## CAPÍTULO III

### **O amor nos tempos de Facebook. Apontamentos para uma experiência etnográfica de cubanos na virtualidade**

Neste capítulo, iremos apresentar os dados empíricos construídos a partir da incursão etnográfica da pesquisadora no Facebook, que foi iniciada em meados de 2015 e desenvolvida a partir da observação participante, o monitoramento de perfis e entrevistas individuais, ferramentas de coleta de dados que iremos detalhar mais adiante.

Na primeira seção nos propomos a cartografar o contexto socioeconômico cubano atual e o percurso histórico que seguiu até hoje a informatização da sociedade cubana, de modo a entender o marco referencial no qual está baseada nossa discussão empírica posterior. Seguidamente, iremos discutir as principais questões levantadas durante a imersão em campo a partir da análise dos cinco casos selecionados para compor nosso corpus.

Antes de iniciarmos a discussão propriamente dita, devemos apontar que existem algumas particularidades da realidade cubana que, no contexto desta pesquisa, não podemos deixar de mencionar e estão atreladas às dificuldades que os havaneiros e os cubanos em sentido geral atravessam para acessar a Internet. Consideramos que esse é um elemento chave, pois, aventa-se como hipótese, ele influencia também o jeito com que as narrativas sobre si são apresentadas na virtualidade. Os elementos diferenciadores que tipificam a experiência sociopolítica cubana fazem com que tal nação provoque estranhamentos em pesquisadores interessados em entender de que modos uma experiência social tão peculiar tem conseguido sobreviver seis décadas num contexto político tão hostil quanto o que vivemos na contemporaneidade.

No caso particular das narrativas amorosas que aqui mapeamos, é preciso apontar a necessidade e, ao mesmo tempo, desafio metodológico, de reconhecer dentro do amplo espectro de interações entre usuários, aquelas que remetem a algum tipo de relação romântico-afetiva. Isto é dado pelo fato de que cada sentido tecido dentro da rede não tem por que remeter, diretamente, a uma tentativa de construção discursiva amorosa, sendo que para os pesquisadores resulta difícil reconhecer estes discursos a partir da mera observação. É por esta razão que destacamos aqui a necessidade e

importância da triangulação dos dados obtidos em campo e, sobretudo, a interação direta com os informantes de modo a entender as nuances do processo discursivo.

Somos cientes de que a informação no Facebook é fragmentada e nem sempre funciona a partir de referências diretas, de fato, nos atreveríamos a afirmar que na maioria dos casos os interlocutores optam por discursos mais ambíguos quando se trata de narrativas amorosas; ainda mais quando o que está por trás de ditas narrativas é a expressão de algum tipo de incômodo ou mal-estar com o parceiro alvo.

Ao se referir a uma das informantes que participou de seu estudo, Polivanov comenta que publicar conteúdos de significados implícitos evoca uma vontade do ator de expor seus sentimentos com relação a um fenômeno dado, mas sem fazê-lo de modo explícito para “proteger sua intimidade” (POLIVANOV, 2014, p. 176). Isto sinaliza uma problematização importante a se fazer no marco da presente pesquisa, que é o fato de estarmos lidando com conteúdos que na sua grande maioria refletem uma grande dose de intimidade dos atores e podem assumir, portanto, múltiplas formas de serem expressadas. Desse modo, nossos informantes não são identificados no trabalho de modo a preservar suas identidades.

### **3.1 Contextualização da informatização da sociedade cubana**

No que diz respeito ao que estamos interessadas em discutir com o presente trabalho, deparamo-nos com um país cujo ecossistema informacional é particularmente peculiar e, depois da queda do bloco socialista nos anos 90 do presente século, uma experiência praticamente isolada. As linhas de ação que guiaram a implementação do modelo sociopolítico após o triunfo revolucionário de 1959 configuraram as bases para posteriores conflitos e manifestações de desencaixe dentro da sociedade cubana. A política era a da massificação do acesso, porém na prática a distribuição dos recursos continuava reproduzindo padrões hierárquicos. Alguns setores da população foram, desse os primeiros anos da introdução da Internet, mais favorecidos que outros nesse sentido.

O ideal socialista de equidade que guiava as primeiras manifestações da política revolucionária atravessou, no plano instrumental, uma série de contingências que demonstraram o quanto seria difícil a materialização de tais propósitos num país com marcadíssimos contrastes sociais herdados da colonização e posterior

neocolonização; para além da escassez de recursos e a precariedade infraestrutural que resultaram do pouco desenvolvimento das suas forças produtivas.

Distribuir riquezas, nacionalizar empresas de capital estrangeiro, substituir a propriedade privada pela propriedade social e conseguir a centralidade do Estado socialista em todas as esferas da vida foram das primeiras ações implementadas pelo governo após 1959. No entanto, houve espinhos no caminho da consecução de tais propósitos. A Revolução deu seus primeiros passos rumo ao socialismo no meio de constantes agressões e políticas hostis por parte dos Estados Unidos de América e seus países aliados; os quais tinham como propósito barrar qualquer tentativa de desenvolvimento da Ilha, um país que desde 1902 e até então tinha sido seu local de experimentação, comércio e investimentos econômicos mais próximo. A autonomia de Cuba era, então, no mínimo inconveniente para as administrações norte-americanas que – junto com a derrocada do sistema neocolonialista – perderam qualquer tipo de controle econômico sobre Cuba. E, com o apagamento das barreiras de classe, também uma elite burguesa acostumada com privilégios que se viu obrigada a sair do país após a chegada dos rebeldes<sup>25</sup> ao poder. Desse modo, sucederam-se a partir do ano 1960 uma série de políticas que se propunham socializar a propriedade privada e distribuir recursos de modo a construir uma sociedade mais igualitária.

De acordo com Chávez (1974):

Nos primeiros anos do Governo revolucionário, com a promulgação das novas leis – Reforma Agraria, Reforma Urbana, Nacionalização, etc. - , mais a dinâmica econômica gerada por esse processo fizeram com que fosse possível criar novos empregos; fator que unido a uma redistribuição do ingresso deu passo a uma situação econômica estável para as grandes maiorias (CHAVEZ, 1974, p. 32).

O novo governo herdou, em 1959, um país com altos índices de analfabetismo em idades adultas. Para paliar esta situação pôs-se em marcha a Campanha de Alfabetização que mobilizou o país inteiro em função do que seria uma das maiores conquistas da Revolução: converter a Cuba no primeiro território livre de analfabetismo em América Latina. No ano 1961 tinham sido alfabetizados uns 707 mil cubanos, o que representava naquela época uma diminuição do índice de analfabetismo a 3,9%<sup>26</sup>. Após esta iniciativa, a formação de capital profissional tornou-se assunto prioritário nas

---

<sup>25</sup> “Rebeldes” era o termo com o qual popularmente se denominava os guerrilheiros que, liderados por Fidel Castro, levantaram as armas no oriente do país para fazer frente aos governos neocoloniais.

<sup>26</sup> Fonte: <https://www.ecured.cu/Campa%C3%B1a%20de%20Alfabetizaci%C3%B3n>. Disponível em 20/01/2017.



agendas do governo socialista. Foi dentro deste panorama que se implementaram uma série de ações cujo propósito fundamental era o de contribuir com a democratização da educação e a formação integral de profissionais no território nacional, dentre as quais encontravam-se a formação técnica e a preparação informática.

O próprio Fidel Castro, então presidente da República de Cuba, expressara o posicionamento do governo revolucionário com relação a este setor quando, no marco do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, celebrado em Havana, no ano 1971, pronunciara:

Como eu disse: proximamente teremos somente satisfações morais. Nos próximos cinco anos, dez anos, com essa enorme massa de mais de um milhão de crianças nas escolas primárias, com essa explosão de alunos nas escolas secundárias de mais de 100 000 por ano, na medida em que superemos nossas atuais dificuldades materiais e tenhamos todos os livros e melhores livros, e melhores e mais articulados programas, e mais quadros e melhores níveis e melhor base material e mais meios audiovisuais e mais professores nas escolas, os frutos do esforço traçado neste Congresso e dos esforços do país irão nos proporcionar no fundamental satisfações morais. E claro, os milhões de pessoas que estudem irão receber algo mais que satisfações morais. Vão receber uma melhor educação, uma magnífica perspectiva de futuro. As famílias cujos filhos se formem, cada vez de maneira mais eficiente, vão receber algo mais do que satisfações morais. Vão experimentar a satisfação e felicidade de ver como possíveis para seus filhos essas perspectivas<sup>27</sup>.

De modo a atingir tais propósitos, o novo governo desenvolvia múltiplas ações em prol da construção de uma sociedade melhor preparada, técnica e intelectualmente. Formaram-se as bases de uma nova institucionalidade socialista onde o benefício coletivo passou a substituir as filosofias de livre empresa típicas das sociedades capitalistas. Foi assim que no ano 1960, após a nacionalização da outrora *Cuban Telephone Company*, cria-se o Ministério de Comunicações do país, que foi fundamental nas políticas de distribuição e uso social da Internet. Dita instituição tinha como principais funções:

Propor, e uma vez aprovada, dirigir e controlar a política do Estado e do Governo para o Sistema Único de Comunicações do país, que compreende as telecomunicações, a informática, as radiocomunicações, os serviços postais, a automática para os sistemas de comunicações, a gestão do espectro radioelétrico e o asseguramento técnico e de suporte associado, garantindo, desde

---

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1971/esp/f300471e.html>. Último acesso em 22/12/2016.

tempos de paz, a infraestrutura e os serviços para a segurança e a defesa nacional<sup>28</sup>.

Como foi discutido anteriormente, Cuba é um país cujo sistema socioeconômico apresenta tipicidades dadas pela natureza Estado-cêntrica da sua forma de governo. Algumas delas já foram descritas enquanto tentativa de condensar neste marco referencial as essências do sistema. Pretendemos assim embasar nossa discussão no conhecimento de algumas particularidades que resultam iniludíveis à hora de discutir a maneira em que são estabelecidas as práticas comunicativas em ambientes virtuais nesse país. Assumindo essa realidade, tomamos como ponto de partida um fato fundamental para nossa análise: em Cuba as telecomunicações e a navegação em sentido geral – assim como acontece com quase todas as esferas socioeconômicas do país – são ministradas e reguladas por instituições estatais e isto tem, sem dúvidas, uma repercussão direta nas formas de consumo destes espaços.

Por se tratar de um país subdesenvolvido e abalado pelo embargo econômico instaurado pelos Estados Unidos, além da escassez de recursos derivada do Período Especial<sup>29</sup>, o acesso à Internet em Cuba foi pautado desde o começo pela vigilância eletrônica e por limitações na conectividade, fatores que afetam e mediam as práticas virtuais e o exercício da cidadania de usuários que, pela sua posição profissional e econômica, conseguem ter certa presença no ciberespaço (RECIO, 2014). A precariedade da infraestrutura, a pouca disponibilidade de ferramentas tecnológicas e o encarecimento das taxas de acesso à Internet, dentre outros fatores, fazem com que a experiência de estar *online*, no país, seja uma prática quase exclusiva de uma classe média intelectual, administrativa e política favorecida; embora nos últimos anos o aparecimento de fontes alternativas para navegar tenha flexibilizado estes padrões.

Inscritos nessa política, deparamo-nos então com uma sociedade na qual os serviços de telecomunicações em sentido geral são fornecidos por empresas que respondem às diretrizes administrativas do governo socialista e que, ao mesmo tempo, estão sujeitas a vontades políticas externas dos países líderes no ramo, como é o caso dos Estados Unidos, com o qual a Ilha tem tido historicamente embates políticos intensos. Nesse sentido o contexto é, sem dúvidas, instável. Segundo Recio (2013), existem dois elementos tangenciais que atravessam qualquer análise sobre a política

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.mincom.gob.cu/?q=historia>. Último acesso em 22/12/2016.

<sup>29</sup> Assim se conhece popularmente o Período de crise econômica e política que derivou da desintegração do bloco socialista europeu e teve grandes repercussões em Cuba. Mais informação disponível em: [https://www.ecured.cu/Per%C3%ADodo\\_especial](https://www.ecured.cu/Per%C3%ADodo_especial). Último acesso em 22/12/2016.

cubana de acesso à Internet e que iremos considerar na nossa análise: as sequelas do embargo econômico instaurado pelos Estados Unidos e o que a própria autora define e identifica como “crise sistêmica na sociedade cubana, sobrevinda a princípios da década dos 90” (RECIO, 2013, p. 6).

Cuba não se conectou à Internet até 1996. No marco do embargo econômico aplicado a Cuba pelos Estados Unidos, não foi até esse ano que o governo desse país, enquanto provedor principal das grandes redes de telecomunicações, permitiu que a Ilha se conectasse à Internet. Através de convênios realizados com a *Sprint Corporation* (RECIO, 2013), Cuba dava seus primeiros passos para a informatização da sociedade e abertura ao mundo em matéria de informação. No entanto, a concessão feita durante o mandato do então presidente norte-americano George Bush fazia parte das denominadas estratégias “leves” dos Estados Unidos para penetrar em Cuba usando, neste caso, os recursos informativos. Neste ponto, parecia que Cuba finalmente teria abertas as portas para a grande rede, mas tratava-se de uma abertura cujas limitações estiveram dadas não só pelas evidentes condições colocadas pelo governo norte-americano, mas também por reticências internas e ineficientes políticas de distribuição social, como veremos mais adiante. Falamos então de um convênio que estabelecia a garantia de uma “conexão satelital de 64kbps a um custo de 10.000 dólares cada mês” (RECIO, 2013, p. 7).

Sem dúvidas, a possibilidade de que Cuba se conectasse à Internet estivesse baseada em vontades explícitas do governo norte-americano por derrocar internamente à Revolução através da guerra informativa, fez com que o Estado cubano exacerbasse suas reticências com respeito à rede. No que diz respeito às políticas que foram implementadas, devemos apontar que encontramos um país cuja experiência socialista era ainda jovem e cujo inimigo político fundamental era nada menos que a potência econômica mais poderosa do mundo. Assim, Cuba se conectou finalmente à Internet, mas as reservas eram muitas e os cuidados pareciam poucos. Nesse marco, cria-se uma Comissão Interministerial de modo a conseguir que cada Ministério do país ditasse políticas e diretrizes para o uso das Tecnologias da Informação e a Comunicação que servissem de guia para dar os primeiros passos na Web. Como foi colocado por Rubira (2006):

Cada órgão executaria tarefas específicas na introdução da Web. Por exemplo, o Ministério da Sidero mecânica e a Eletrônica devia propor e instrumentar a estratégia de informatização; o de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente regulamentaria o uso dos conteúdos; o de Comunicações teria ao seu cargo a infraestrutura; o de Justiça desenharia as leis imprescindíveis para o marco jurídico da segurança

informática e o desenvolvimento da rede e o do Interior de conjunto com o das Forças Armadas se ocuparia do cumprimento dessa legislação e a defesa da Pátria ante a ameaça de uma guerra cibernética (RUBIRA, 2006, p. 9).

Isto assentou as bases do que seria durante décadas o posicionamento fundamental do Estado cubano frente ao uso da Internet. Devemos apontar que desde os primeiros anos de introdução da Web, o governo cubano implementou políticas de distribuição extremamente centralizadoras, o que respondia também a questões de recursos escassos. O controle e a supervisão eram as palavras de ordem. Isto devia-se, fundamentalmente, a três fatores: em primeiro lugar estamos falando de um país que, no ano 1996, já tinha atravessado por seis anos de crise econômica aguda que foi gerada a partir do desmantelamento do socialismo europeu no começo dessa década. A economia da Ilha praticamente se sustentava pela importação de bens de consumo dos países socialistas que a “apadrinhavam” através de programas de intercâmbio comercial e apoio infraestrutural.

Após o triunfo revolucionário Cuba recebeu o apoio das grandes potências socialistas e praticamente seus convênios comerciais se restringiam a estes. Nos 90, as potências socialistas que integravam o bloco da antiga URSS se viram mergulhadas no meio de uma grave crise interna que ecoou em Cuba como efeito reflexo pela proximidade política e socioeconômica que as conectava. A Ilha carecia de infraestrutura e forças produtivas desenvolvidas para se auto-sustentar e garantir que dito período não tivesse consequências graves para o funcionamento harmônico da sociedade. A economia se deprimiu e as grandes ondas migratórias que tinham cessado se intensificaram, provocando um êxodo ilegal sem precedentes na história do país. As políticas de austeridade começaram a ser aplicadas em cada setor da sociedade como estratégia de sobrevivência. Foi nesse convulso contexto que a Internet foi liberada pelos Estados Unidos para ser usada na Ilha, de modo que, se bem foram consideráveis os esforços para instrumentar as primeiras experiências de uso da web, o país estava focado em assuntos que pareciam ser mais prioritários nas agendas de governo. Era impossível fazer muitos progressos na informatização e o aprimoramento do parque tecnológico de uma sociedade que apenas conseguia sustentar suas necessidades básicas de produção e indústrias básicas.

No entanto, não foi este o fator exclusivo que provocou a sedimentação das políticas reticentes e de supervisão extrema com relação à Web que foram implementadas. Como segundo fator, devemos apontar que com o desmantelamento do

bloco socialista europeu Cuba perdeu mais do que as garantias de estabilidade econômica. O país se viu em situação de vulnerabilidade sem precedentes após o triunfo revolucionário em 1959. As políticas de hostilidade dos Estados Unidos se faziam cada vez mais intensas, exemplo disso é a aprovação, em 1992, na Câmara de Representantes norte-americana da *Lei Torricelli* ou *Lei da Democracia Cubana*, elaborada estrategicamente para barrar qualquer tentativa de sobrevivência econômica da Ilha e “isolar totalmente a Cuba do entorno econômico internacional”<sup>30</sup>. Em tal panorama, diretrizes de uso da Internet baseadas em reticências políticas e controle excessivo tinham então razões fortes para serem mantidas enquanto estratégias de auto-proteção da guerra informativa e cibernética que os Estados Unidos tinha abertamente declarado após sua concessão. De acordo com Elizalde (2013):

A estratégia de exclusão de Cuba dos benefícios de Internet que projetou a Lei Torricelli de 1992 teve uma mudança fundamental a partir de 2003, quando os tanques pensantes de Washington perceberam um giro na estratégia cubana frente ao acesso a esse médio. A finais do século passado e começos do atual, resultaram determinantes para desatar alarmas em Washington as ideias de Fidel Castro em favor da conectividade social e de uma prática propícia ao acesso pleno ao conhecimento e uso das redes informáticas, o qual foi expressado na criação de Infomed, a reanimação dos Jovem Club de Computação, o impulso da conectividade em vários setores da sociedade e a fundação em 2002 da Universidade de Ciências Informáticas (UCI) da Havana (ELIZALDE, 2013, p. 22).

O terceiro fator que identificamos como causal na maneira em que foram instrumentadas as políticas de distribuição e uso da web em Cuba tem a ver com uma filosofia socialista de se manter desconfiado frente a qualquer manifestação material ou simbólica do capitalismo e, em particular, da sociedade de consumo norte-americana onde encontram-se os grandes monopólios da informação e as interfaces virtuais. Nesse sentido, as instâncias estatais cubanas que tinham como função legislar e administrar as práticas dos cidadãos no ciberespaço ocuparam-se em garantir que tais usos estivessem baseados em precauções quanto ao que era publicizado sobre Cuba e os sites que eram consumidos internamente. Foi privilegiado o uso coletivo dos espaços virtuais acima do consumo individual e, nesse processo de distribuição, houve setores mais favorecidos que outros. Tal e como foi apontado por Rubira (2006):

Tem sido privilegiados, essencialmente, três setores para a navegação na Web: a Saúde Pública, o grêmio dos jornalistas e as universidades junto com os centros de pesquisa. Mais do que impulsar o uso privado da Web tem sido preferência potenciar, em virtude das condições

<sup>30</sup> [https://www.ecured.cu/Ley\\_Torricelli](https://www.ecured.cu/Ley_Torricelli). Último acesso em 22/12/2016.

económicas da Ilha, o uso social das Tecnologias da Informação e a Comunicação em sentido geral (RUBIRA, 2006, p. 11).

Isto nos leva a discutir uma outra característica bem típica do contexto cubano: o fato de que dentro dos ambientes profissionais existam critérios de elegibilidade que são levados em conta para decidir quem pode ter disponibilidade para acessar a Internet e quem não. Tais indicadores passam por vários filtros. Primeiramente e o mais importante deles é a questão do conteúdo de trabalho do profissional, o qual tem a ver basicamente com se o trabalho desempenhado exige por alguma razão conexões habilitadas para que seja desenvolvido. Por outra parte, é importante dizer que em algumas instituições as práticas *online* destes mesmos especialistas que têm os privilégios do acesso à Web são muitas vezes monitorados e controlados, mesmo se tratando de trabalhadores que são - a priori - confiáveis e tiveram o acesso garantido a partir da crença de que não iriam, em momento algum, favorecer o vazamento de informações que pudessem pôr em risco a instituição nem mesmo usar essas conexões para fins pessoais.

No caso dos centros universitários a realidade não é muito diferente. A tentativa de controle das práticas *online* reside em garantir fontes de acesso ao conhecimento para estudantes e pesquisadores que sejam confiáveis e não contribuam com a subversão política dentro de faculdades e centros de pesquisa. De acordo com o levantamento realizado por Rubira (2006), em tal ano os Laboratórios de Computação da Universidade da Havana garantiam conexões a Internet a uns 15 estudantes por computador, aproximadamente; sendo que este valor podia se fazer ainda maior dependendo do curso e da quantidade de computadores habilitados para uso coletivo. Cada estudante recebia um nome de usuário, endereço de correio eletrônico e senha pessoal com a qual podia usar os serviços de conectividade, recebendo uma quota mensal de uns 3GB aproximadamente para navegar.

Para aprovar a concessão do desfrute da WWW a uma entidade subordinada à Colina<sup>31</sup> em 1998 eram considerados critérios técnicos e também políticos. Primeiro se exigia a elaboração em regra de documentos para a solicitação do acesso à Internet. Os futuros usuários tinham que conhecer o regimento e o código de ética e se comprometer a cumpri-lo com sua assinatura ao efeito. Adicionalmente, a Faculdade ou centro de pesquisa aspirante devia possuir algum tipo de enlace com o servidor central já que no começo não havia pressuposto suficiente para levantar redes novas, algo que iria ser feito logo depois (RUBIRA, 2006, p. 14).

---

<sup>31</sup> Como popularmente se conhece o centro da Universidade da Havana.

Em outros contextos e países, talvez estas especificidades não seriam significativas assumindo que os cidadãos tivessem a possibilidade de se autogarantir conexões particulares à Internet; algo que em Cuba é ainda utópico. Não foi até o ano 2013 que o grande monopólio dos serviços de telecomunicações em Cuba, ETECSA, implementou o primeiro serviço de acesso público à Internet, denominado “Nauta”, que surge, segundo fontes oficiais “sendo parte de uma estratégia que tem como propósito a convergência entre o acesso aos serviços que oferece a Empresa de Telecomunicações de Cuba com possibilidade de consultar o correio eletrônico a partir dos celulares”<sup>32</sup>. O sistema funciona ativando os dados móveis do telefone celular e o usuário que o utiliza tem acesso a ele em função do crédito disponível para o uso do dispositivo móvel, sem precisar de redes *wifi* ou conectividade de outro tipo, o qual, no contexto cubano, resulta muito eficiente considerando que a conexão doméstica é uma raridade no país.

O que o serviço trouxe de novidade para o cenário web cubano foi a possibilidade – inédita até então – de que as pessoas pudessem criar contas de correio eletrônico para uso pessoal e acessá-las a partir de seus dispositivos móveis, usando a rede de dados do serviço telefônico.

Nos primeiros anos de habilitação do serviço, as tarifas de Nauta variavam entre uns 4.50 CUC<sup>33</sup> para navegação com Internet completa, 1.50 CUC para correio eletrônico internacional e navegação nacional, e 0.60 CUC exclusivamente para navegação nacional. Atualmente, estão habilitados para o consumo público de Internet uns 135 pontos de acesso a nível nacional e recentemente foram anunciadas pela Empresa de Telecomunicações de Cuba as novas tarifas de acesso, ficando estabelecido para navegação internacional e serviço de correio eletrônico o valor de 1.50 CUC a hora<sup>34</sup>, o que representa um 33% de diminuição do valor inicial das tarifas em 2014.

Considerando a precariedade infraestrutural que ainda experimenta o país em questões atreladas à conectividade, *CubaMessenger*, *Nauta*, *Alamesa*<sup>35</sup> entre outras interfaces criadas por jovens cubanos para garantir sua presença no mundo *online*, chamam-nos a atenção as necessidades e desejos de comunicação virtual que os mesmos experimentam, para além da especificidade do seu contexto tecnológico.

---

<sup>32</sup> Disponível em: [http://www.ecured.cu/Correo\\_Nauta](http://www.ecured.cu/Correo_Nauta). Último acesso em: 20/01/2017.

<sup>33</sup> Moeda livremente convertível que circula em Cuba como equivalente ao dólar norte-americano. A taxa de cambio é quase sempre de 1 x 1.

<sup>34</sup> Informações disponíveis em: [http://www.etcensa.cu/inicio/nota\\_de\\_prensa\\_novedades\\_del\\_servicio\\_nauta\\_2016\\_12\\_19/](http://www.etcensa.cu/inicio/nota_de_prensa_novedades_del_servicio_nauta_2016_12_19/). Último acesso em 20/01/17.

<sup>35</sup> Aplicativo para sistemas Android criado com o propósito de fornecer a usuários cubanos uma base de dados de todos os restaurantes e centros culinários do país, sem precisar de conexão com a Internet.

O panorama que buscamos descrever aqui serve como base para entendermos como se estabelecem hoje – política, cultural e socialmente – as relações de atores sociais cubanos com a Internet e em particular com os sites de redes sociais. Falamos de um país que possui como média uns 11,5 anos de escolaridade<sup>36</sup>, condição que o coloca na posição número 67 dentre os 188 países que foram avaliados em matéria de desenvolvimento humano pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 2014. Desde as primeiras idades de ensino, as escolas em Cuba ocupam-se em fornecer uma preparação técnica aos alunos através da qual sejam capazes de formar habilidades informáticas para o uso e produção de diversas interfaces e *softwares*, se mantendo como disciplinas obrigatórias até o ensino superior. Outra das tentativas do governo para incentivar a formação deste tipo de competências em setores etários diversos foi a criação, no ano 1987, dos *Jovem Club de Computação e Eletrônica*. A principal função para a qual uma instituição do tipo fosse criada foi, fundamentalmente: “proporcionar uma cultura informática à comunidade, com prioridade para crianças e jovens, desenvolvendo um papel ativo, criativo e de formação de valores no processo de informatização da sociedade cubana”<sup>37</sup>.

Se temos em conta os apontamentos realizados por Elizalde (2013), confirmamos que em Cuba a alfabetização do digital precedeu o seu uso, especialmente em se tratando de plataformas digitais online:

aqui a influência da revolução sócio tecnológica atual é atípica: a apropriação cultural para o uso destas tecnologias se adiantou à infraestrutura da Internet e tem gerado uma adaptação evolutiva ao cenário virtual, onde predomina a articulação em rede ao uso de plataformas digitais acessórias (dispositivos USB, CD, DVD, videogames, tecnologia móvel, etc.), particularmente visíveis entre os jovens nascidos a partir da década dos 90 do século passado, que acessam a laboratórios de computação desde o ensino fundamental (ELIZALDE, 2013, p. 24-25).

Desse modo nos deparamos com uma população cuja grande maioria – especialmente as gerações nascidas após os 90 – tinha recebido preparação informática em algum nível, porém o acesso a estes espaços fora dos ambientes institucionais não era tão fácil quanto se preparar tecnicamente para usá-los, ainda menos aqueles que demandavam estar *online*.

<sup>36</sup> Dados disponíveis em: <http://www.granma.cu/cuba/2016-01-04/cuba-su-alto-indice-de-desarrollo-humano-04-01-2016-23-01-50>. Último acesso em 20/01/17.

<sup>37</sup> Tomado de: [https://www.jovenclub.cu/index.php?option=com\\_content&view=article&id=69:quienes-somos&catid=77:informacion-fija&Itemid=483](https://www.jovenclub.cu/index.php?option=com_content&view=article&id=69:quienes-somos&catid=77:informacion-fija&Itemid=483). Último acesso em 20/01/17.



Apesar dos esforços realizados em função da informatização da sociedade ao longo de décadas, o panorama infraestrutural e de acesso à Internet em Cuba não evoluiu consideravelmente. De acordo com o Índice de Desenvolvimento das TICs publicado em 2015 pela UIT, Cuba ocupava a posição número 129 do total de 167 países analisados; sendo que sua posição regional – nas Américas – também não foi muito promissora ao ficar colocada na última posição na área. O que isto traduz é que falamos de um país com um capital humano e profissional muito bem preparado e capacitado para o uso das TICs, porém, existe uma defasagem considerável entre estas capacitações e as possibilidades reais de uso. Tanto é assim que, no próprio informe emitido pela UIT em 2015, Cuba aparece na posição número 58 dentre 167 países que foram avaliados a partir do indicador das habilidades que seus cidadãos possuem para o uso das redes e das tecnologias em geral; dado que confirma o argumento apontado acima<sup>38</sup>.

No seu trabalho “A hora dos desconectados”, a jornalista e professora da Universidade da Havana Milena Recio (2013) chama a atenção sobre alguns dados que resultam interessantes para compreendermos o estado atual da informatização em Cuba. A autora aponta:

Em 2012, segundo estatísticas oficiais cubanas, somente o 25,7% da população era considerada usuário de Internet, embora essa cifra incluísse também usuários de Intranets com algumas prestações web da Internet e correio eletrônico internacional. Não se trata de Internet em sentido amplo em todos os casos, nem de usuários que fazem uso da rede assiduamente, ou sempre que o desejam ou precisam (RECIO, 2013, p. 3-4).

Em 2013, após a habilitação do serviço Nauta, o índice de usuários das redes nacionais e internacionais se incrementou de maneira considerável. Tratava-se, como explicamos, de um serviço que garantiria aos cidadãos cubanos a possibilidade até então inédita de consultar e-mail e outras facilidades via dispositivos móveis, com a possibilidade de que isto fosse feito também desde suas casas. Comparado com outros países da região parecia não ser um crescimento notável, mas se temos em conta o estado das infraestruturas e possibilidades reais de se conectar à Internet em Cuba até então, foi um grande passo de avanço na democratização da info-comunicação no país.

As políticas mais recentes de democratização das redes resultaram na disponibilização de redes Wi-Fi ativas em alguns espaços públicos do país, como

---

<sup>38</sup> Fonte consultada: International Telecommunication Union. Facts and Figures, 2016.

tentativa de garantir aos cidadãos a possibilidade de navegar usando seus próprios dispositivos móveis. Em paralelo a estas ações, ficaram abertas para uso público umas 154 salas de navegação em todo o país e, em 2015, fontes oficiais estimavam que tinham tido acesso à Internet de maneira assídua em torno de 3 milhões de cubanos, o que representa aproximadamente 27% da população total do país<sup>39</sup>.

Em informe publicado pela União Internacional de Telecomunicações (UIT) em 2016, Cuba apresentava uma porcentagem de penetração de Internet de conexões domésticas de 5.6% correspondente ao ano 2015. No entanto, se conectar do lar não era de todo impossível, pois alguns cidadãos – de acordo com sua vinculação profissional – obtinham licenças para contratar estes serviços em nome de empresas e instituições, como apontamos. Em geral, a qualidade destas conexões não costumava ser muito boa, se temos em conta que em sua maioria falamos de redes estabelecidas via telefônica. Este fator e o fato de que a velocidade da conexão era lenta faziam com que em geral a experiência de navegação dos usuários que tinham acesso não fosse – e ainda não é – consideravelmente boa.

Numa tentativa de sistematização histórica, Recio (2013) resume o que ela considera seriam as principais etapas pelas quais atravessou a implementação da Internet em Cuba, a partir da década dos 90. Segundo a autora coloca, existem três etapas fundamentais: em primeiro lugar, uma etapa que vai de 1990 até 1999 e consistiu no uso fundamental das redes com propósitos de desenvolvimento científico-técnico; continuada por uma segunda etapa que começa nos anos 2000 e está baseada no emprego das redes para combater, basicamente, as políticas neoliberais e mobilizar a opinião pública no marco da denominada Batalha de Ideias<sup>40</sup>. Uma última etapa que a autora denomina como “economicista” reflete como no marco da atualização do modelo econômico cubano no ano 2006, a Internet passou a ser pensada como um investimento para o desenvolvimento da sociedade e, portanto, um gasto social necessário (RECIO, 2013, p. 17).

A sistematização que fazemos aqui, por questões de referências bibliográficas encontradas, ficou circunscrita ao ano de 2013, momento que foi chave para o redimensionamento das políticas sobre o acesso à Internet em Cuba pelas aberturas com relação aos tipos de serviços que foram implementadas, em conjunto com a

---

<sup>39</sup> Segundo dados disponíveis nos Informes da Oficina Nacional de Estatística de Cuba, em 2014 Cuba contava com uma população de 11.238.317.

<sup>40</sup> Como oficialmente se denominou à serie de ações políticas lideradas pelo governo cubano para fazer frente a enfrentamentos constantes do governo dos Estados Unidos.

reconfiguração dos espaços tradicionais de consumo da Web, como foi explicado anteriormente.

Assim sendo, aventamos que o fenômeno da conectividade atravessa hoje em Cuba novos conflitos, tensões e relações interessantes de serem mapeados a partir do viés Etnográfico. Nossa revisão bibliográfica levou-nos a confirmar a inexistência de teses e dissertações produzidos na Faculdade de Comunicação da Universidade da Havana que visem compreender como usuários cubanos de sites de redes sociais estabelecem narrativas amorosas nesses ambientes. Contudo, é importante apontar que existem alguns trabalhos (RUBIRA, 2006; RECIO, 2013, BACALLAO, 2015) cujos focos de atenção têm sido os usos e apropriações que sujeitos fazem da Internet em Cuba, basicamente a partir de estudos de casos pontuais. A maioria destas pesquisas ficou restrita no tempo a momentos da história da conectividade cubana que hoje se reconfiguram a partir da dinamização dos espaços de consumo, e da emergência de alguns novos que estão impulsando apropriações diferenciadas da Web.

As mesmas brechas de acesso continuam sendo reproduzidas em um contexto que favorece, oficialmente, a classes intelectuais e técnicas que pela sua posição profissional tem acesso constante à Internet, embora nem em todos dos casos se trate de consumo de qualidade<sup>41</sup>.

A disponibilidade das conexões na Ilha ainda não é capaz de satisfazer as necessidades comunicativas dos usuários no ciberespaço. A frequência de conectividade, assim como a qualidade das práticas virtuais, continuam sendo mediadas por fatores tais como a inexistência dentro do marco legal do país de leis que permitam a pessoas contratarem serviços de conectividade à Internet a partir de suas casas. De maneira conjunta, outros fatores como a permissibilidade para acessar a Internet em ambientes institucionais, os horários restritos, a preeminência de uma navegação regulada, as altas taxas de acesso para conexões públicas e o controle excessivo também conspiram para que em Cuba existam ainda não só baixos índices de penetração da Internet, mas também práticas de consumo limitadas. No entanto, alguns estudos consultados (RECIO, 2013; BACALLAO, 2015), assim como os contatos com nossos informantes, permitiram-nos perceber que, de uma forma ou outra, sujeitos cubanos conseguem manter certa presença em ambientes virtuais e, em particular, nos sites de

---

<sup>41</sup> Ainda existem muitas barreiras de acesso à Internet para Cuba: sites bloqueados pelo governo dos Estados Unidos e pelo próprio governo de Cuba são impossíveis de consultar se não usando procedimentos piratas de navegação. Paralelamente, as conexões são ainda lentas e existem múltiplas dificuldades para ter experiências de navegação ideais.

redes sociais, sendo o Facebook o mais utilizado no país dentre as plataformas que pertencem a essa categoria e são acessíveis na Ilha<sup>42</sup>.

Passamos, assim, a analisar os dados empíricos desta pesquisa, obtidos durante a fase de entrada em campo e o intercâmbio direto com os informantes da pesquisa.

### **3.2 Procedimentos de pesquisa, jovens cubanos e relacionamentos**

Tendo sido apontado este enquadramento, lembramos que para nosso trabalho analisamos um total de cinco pessoas; se tratando, na sua totalidade, de jovens cubanos residentes nesse país e com possibilidades constantes – embora restritas pelas condições econômicas do país – de conectividade à rede de redes devido às suas profissões. Em verdade, entrevistamos e analisamos o perfil de um total de dez pessoas, no entanto, só foi possível obter a permissão de cinco dos informantes para a publicação dos resultados da pesquisa, dos quais tivemos a participação de quatro mulheres e um homem. Apontamos que tal condição não responde a uma intencionalidade da pesquisadora senão as possibilidades reais de contato com os informantes e disponibilidade dos mesmos para participar da pesquisa e permitir a publicação de seus resultados.

Durante as etapas iniciais de contato, nos deparamos com algumas dificuldades para encontrar informantes dispostos a participar da pesquisa. Para além de termos esclarecido o caráter anônimo da pesquisa, muitas pessoas que contatamos se recusaram a fazer parte do estudo argumentando que se tratava de temáticas demasiado íntimas para serem registradas em uma pesquisa acadêmica e que, inclusive, muitos dos resultados do trabalho poderiam lhes trazer problemas com seus parceiros amorosos. Aos que consentiram participar, chegamos à maioria através da estratégia da *snowball*, razão pela qual quase a generalidade dos informantes que se mantiveram até o final do estudo pertence à rede de contatos pessoal da pesquisadora.

As entrevistas foram feitas a partir de conversas diretas e individuais entre a pesquisadora e os informantes, nos permitindo assim um contato mais próximo e imediato com os sujeitos que participaram do estudo. O diálogo estabelecia-se geralmente a partir de inquietudes da própria pesquisadora após a análise dos perfis, mas em muitas ocasiões os próprios informantes tomavam a iniciativa na interação,

---

<sup>42</sup> Dados disponíveis no site oficial de métricas Alexa: <http://www.alexa.com/topsites/countries;1/CU>. Último acesso em 20/01/17.

chamando a atenção sobre algum elemento da sua performance virtual que consideravam relevante para a pesquisa.

Salientamos que a maioria das entrevistas realizadas<sup>43</sup> foi feita via e-mail e chat, os canais mais acessíveis para a maior parte dos usuários cubanos que têm acesso à Internet. Dentro da totalidade de informantes que consideramos para a análise, só pudemos estabelecer contatos através de vídeo-ligações<sup>44</sup> com um deles, que pelas condições propícias de conectividade que tinha no seu centro laboral podia usar este tipo de facilidades sem que isso implicasse nenhum investimento monetário. Com o resto dos informantes, ao não contarem com as mesmas facilidades de comunicação *online*, optamos por métodos mais tradicionais de levantamento de dados que consideramos igualmente válidos e legítimos para desenvolver estudos etnográficos, como as entrevistas via *chat*, *e-mail* e uma entrevista presencial durante a etapa inicial de entrada em campo. Consideramos que o fato de as conversas terem sido geradas fundamentalmente por meios escritos não atrapalhou a cordialidade e proximidade entre pesquisador e sujeitos pesquisados. O processo de interpelação dos sujeitos que foram analisados teve lugar a partir da estratégia de nos aproximar deles usando registros linguísticos que lhes foram familiares, gírias próprias do setor etário ao qual pertencem e neste processo consideramos que o fato de a pesquisadora ser alguém de sua rede de contatos ajudou bastante a criar sensação de conforto entre os informantes na hora de falar sobre assuntos que são, sem dúvida, de natureza íntima.

Por outra parte, destacamos que a dimensão reflexiva da Etnografia se apresenta como um desafio na hora de julgar e estabelecer prioridades quanto ao conteúdo e os recursos de apresentação *online* que os nossos informantes estabelecem nas suas *timelines*. Eis aqui um ponto importante do qual todo etnógrafo deve ser ciente em função de entender a própria prática da pesquisa como um processo que não escapa desses indicadores onde a percepção, a intuição e a sensibilidade pessoais mediam constantemente o roteiro do estudo e fazem deste uma produção única e passível, sem dúvidas, de questionamentos quanto à sua “objetividade”. Sendo cientes desta realidade,

---

<sup>43</sup> Ocorridas nos anos de 2015 e 2016.

<sup>44</sup> Muitas pessoas que conseguem acessar ao serviço de vídeo-ligação o fazem fundamentalmente através do aplicativo *Imo*, que tem se popularizado muito entre os internautas da Ilha, mas ainda apresenta algumas dificuldades técnicas que acabam atrapalhando a qualidade da comunicação. Assim sendo, optamos por um contato que se adaptasse melhor às possibilidades reais de comunicação dos nossos informantes e aos canais através dos quais se sentissem mais confortáveis. Neste caso o e-mail constituiu uma ferramenta chave para o desenvolvimento das conversações, além do *chat*.

tentamos abranger a maior quantidade de postagens possível com o propósito de considerar conteúdos que, à simples vista, poderiam parecer fora da temática de nosso interesse.

Não podemos dizer que a entrada em campo começou em um momento pontual, pois desde inícios do mestrado já vinham sendo feitas algumas observações isoladas em perfis de jovens que respondiam a nossos interesses de pesquisa. No entanto, durante a segunda metade de 2015 foi identificada a maior parte dos sujeitos que finalmente participou da pesquisa. Nesse período concentramos nossa atenção na observação de conteúdos que considerávamos significativos para trabalharmos nossas questões de pesquisa, em se tratando basicamente de narrativas amorosas explícitas e progressivamente fomos ampliando o espectro de interesse para postagens sutis que pudessem sugerir algum tipo de construção pública de afetos, ainda que mais implícita. Prestamos atenção a questionamentos, reprodução de diálogos em forma de postagens autorais, definimos palavras-chave de pesquisa e nos esforçamos por identificá-las mapeando postagem por postagem, processo do qual surgiram análises que logo foram complementadas com os depoimentos dos próprios informantes a esse respeito.

Foi essencial optar por estratégias que nos permitissem identificar termos e palavras-chave, recursos em sentido geral que ativassem algum tipo de sinalizador sobre se esse conteúdo poderia ser ou não uma narrativa amorosa. Não tínhamos como dissipar, *a priori*, dúvidas sobre esta categorização, sendo extremamente difícil discernir entre um conteúdo “de interesse para a pesquisa” e outro, para cujo esclarecimento ajudou muito o contato posterior com os informantes por meio das entrevistas. Os sujeitos foram interpelados em várias ocasiões chamando a atenção sobre conteúdos específicos que tivessem compartilhado ou postado nas suas *timelines* e que consideramos, a critério pessoal, que poderiam constituir narrativas amorosas. Isto contribuiu em grande medida com nossa intencionalidade de fugir dos tênues limites entre o achismo e a intuição do pesquisador que tanto afeta a pesquisas deste tipo, de maneira que salientamos a importância da triangulação de resultados e a complementação dos diversos campos de análise para pesquisas desta natureza.

De maneira paralela, durante o mapeamento dos perfis estabelecemos categorias próprias que nos permitiram classificar os tipos de recursos enunciativos utilizados pelos informantes para publicizar narrativas amorosas. Deste modo e partindo da observação dos perfis analisados, definimos como categorias fundamentais: a música, literatura, *memes* e *gifs*, frases autorais, artigos acadêmicos, *selfies* e fotografias

e conteúdos mistos<sup>45</sup>. Quanto ao reconhecimento dos atores que participaram da pesquisa, optamos pela estratégia de denominação por siglas de modo a preservar a identidade dos informantes.

Tendo apontado isto, iremos problematizar os principais usos que os informantes cubanos fazem dos sites de redes sociais e, em particular, do Facebook, quando têm a possibilidade de estar *online*. Não pretendemos trazer problematizações que conduzam a generalizações sobre os usos sociais e individuais da Internet em Cuba, senão fazer um aporte à compreensão do fenômeno da estruturação de narrativas amorosas por cidadãos jovens desse país. Em primeiro lugar, trata-se de uma pesquisa de corte etnográfico cujo interesse fundamental consiste em entender as micronarrativas (COGO, 2013) estruturadas pelos jovens que foram selecionados para gerar o corpus exclusivo do trabalho.

Partimos de uma série de pressupostos culturais que tomamos como base para analisar as construções narrativas sobre os afetos que jovens cubanos constroem nos seus perfis em Facebook. O contexto socioeconômico de Cuba discutido anteriormente faz da Ilha uma espécie de realidade atípica dentro do mundo globalizado em muitos dos campos da vida social, sendo os usos e apropriações das tecnologias *online* um deles. Nesse sentido, resultava impossível desenhar um mapeamento das práticas virtuais amorosas de atores sociais cubanos sem entendermos as nuances culturais que dão forma a ditos comportamentos. Para tal, consultamos alguns estudos realizados por acadêmicos das áreas de sociologia e psicologia da Universidade da Havana e outros centros de pesquisa (GARCIA, 2008) que serviram para embasar muitas das discussões que iremos levantar mais adiante na problematização dos dados obtidos do trabalho de campo. Tais análises propõem entendimentos sobre os modos através dos quais jovens cubanos constroem suas subjetividades e quais os fatores que influenciam esse desenvolvimento. Segundo Garcia (2008) apontou no seu trabalho sobre as tipicidades dos processos de construção subjetiva de jovens cubanos e como estes influenciam seus processos de integração social, quando se trata de relacionamentos amorosos, os jovens outorgam uma especial relevância a relacionamentos baseados na tranquilidade e na estabilidade:

Relacionamentos amorosos constituem um eixo central na vida dos jovens do mesmo modo em que as relações da esfera familiar ocupam

---

<sup>45</sup> Decidimos considerar a categoria de conteúdos mistos para abranger todas aquelas postagens que utilizavam, de maneira simultânea, alguns dos recursos mencionados: letras de músicas complementando imagens, etc.

um lugar essencial para eles. E preciso destacar a importância que lhe concedem à estabilidade da relação em vínculo estreito não só com tal centralidade, mas também com a preocupação perante problemas como a perda de valores ou as doenças de transmissão sexual [...] assim como os desejos de satisfação espiritual encaminhados à conquista da felicidade e tranquilidade (GARCIA, 2008, p. 91).

Tendo em vista tais apontamentos, iremos analisar de que modos as referidas preferências em matéria afetiva são recriadas ou não dentro do campo social virtual gerado no site Facebook e quais as implicações que tais maneiras de socializar o afeto têm na vida social e subjetiva dos informantes. Optamos, para apresentar os resultados e discussão dos dados, por fazê-lo a partir de cada um dos informantes e não por eixos ou categorias temáticas, destacando, assim, a experiência de cada um/a deles/as.

### **3.3. Casos analisados**

#### **3.3.1 L.A.**

L.A. é uma jovem havaneira de 26 anos, formada em Comunicação pela Universidade da Havana, Cuba. Atualmente ocupa o posto de especialista em Marketing e Comunicação dentro da Empresa de Telecomunicações de Cuba (ETECSA) e reside na própria cidade de Havana, a capital do país. Pela sua função profissional como divulgadora da empresa, L.A. tem habilitada a possibilidade de conexão diária de seu centro laboral e, em ocasiões, também de seus dispositivos móveis pessoais fora do trabalho, o qual lhe permite usar o Facebook como plataforma de socialização fundamental diariamente. Além deste site de rede social, L.A possui um perfil pessoal no Twitter e um perfil profissional no Instagram. Quando lhe indagamos sobre os principais usos e apropriações que faz do site de rede social Facebook, apontou que as práticas que ali desenvolve consistem fundamentalmente em postar e repostar conteúdos relacionados com seu trabalho; local de onde se conecta majoritariamente, e assim o confirmamos quando contrastamos este depoimento com os dados que resultaram do monitoramento do seu perfil.

Entramos em contato com ela através da rede pessoal da pesquisadora, ao termos percebido nas suas práticas de sociabilidade nesses espaços uma tendência a postar conteúdos relacionados com a temática amorosa, em especial de publicizar seu relacionamento de maneira explícita. L.A. conta atualmente com um total de 365



amigos no Facebook<sup>46</sup>, e atualiza seu perfil com uma frequência quase diária. No último semestre considerado para fazer a análise do perfil de L.A, constatamos uma média de 2.4 postagens por dia, o que representa uma presença além de diária, ativa na rede, já que para ela estar no Facebook vai além do se registrar e acessar a conta, existe também registro textual das suas interações públicas quase sempre que o faz, isto é: postagem de conteúdos diversos dentre os que se destacam conteúdos profissionais e afetivos.

Como afirmamos, L.A. usa o Facebook tanto por motivos profissionais quanto pessoais. Muitas das postagens que identificamos durante a etapa de monitoramento de perfis correspondem à sua função enquanto divulgadora da empresa para a qual trabalha como especialista em Comunicação. No entanto, identificamos também um número significativo de postagens de cunho pessoal e, em algumas ocasiões, íntimo, o qual demonstra uma predisposição favorável para este tipo de práticas nos ambientes virtuais; sendo a publicização gráfica de imagens atreladas ao seu relacionamento atual de muita significação para nossa pesquisa, como iremos discutir mais adiante.

Segundo ela afirmou durante as entrevistas, estar no Facebook significa ter a oportunidade de divulgar seu trabalho como profissional, mas também uma possibilidade de estar em contato com amigos e familiares que estão dentro ou fora de Cuba, ao mesmo tempo que lhe fornece ferramentas para conhecer novas pessoas, fazer outros contatos e expandir sua rede social. Quando lhe indagamos sobre sua relação com esta plataforma e seus relacionamentos amorosos, declarou ter uma predisposição favorável para compartilhar conteúdos que possam gerar interações entre pessoas conhecidas e fatos da sua vida amorosa. No entanto, enfatizou que para além de valorar a utilidade que a rede tem para se aproximar afetivamente do seu parceiro em um contexto de distância física como o que vivem agora, a considera um espaço onde os limites sobre o quanto de intimidade publicizar ou não devem ser bem estabelecidos. Suas estratégias de publicização neste sentido são marcadamente autorreflexivas se temos em conta que sempre que vai postar alguma foto, texto ou conteúdo em geral relacionado com seu parceiro sentimental – atualmente seu marido – utiliza a configuração da privacidade para garantir que esses conteúdos só sejam visíveis para suas amigas mais próximas, o qual nos leva a pensar sobre processos de classificação da audiência que são essenciais para sua performance.

---

<sup>46</sup> Informação atualizada em janeiro de 2017.

L.A. se conecta à rede diariamente com o propósito de desenvolver seu trabalho como divulgadora da empresa para a qual trabalha, mas ao mesmo tempo para interagir com amigos através do chat e, em especial, com seu marido, que atualmente mora fora do país no qual ela reside. Desde que começamos o monitoramento do seu perfil, observamos que o predomínio de postagens de cunho profissional responde ao fato de a informante possuir acesso liberado e ilimitado ao site de rede social que analisamos para desenvolver seu trabalho como promotora dos serviços que a empresa que a contrata oferece. Assim, se estabelece uma espécie de relação de “justificativa do uso da plataforma” dentro da qual a informante identifica que para ter o direito de postar conteúdos pessoais é necessário compensar tais narrativas com a quantidade suficiente de conteúdo profissional que justifique seu uso privado, especialmente porque muitos dos seus colegas de trabalho fazem parte da sua rede de contatos e “monitoram” suas práticas nessa plataforma.

Enquadrados na categoria que identificamos como conteúdos pessoais, nosso foco de interesse, apreciamos que existe uma série de temáticas privilegiadas na agenda virtual de L.A. para serem publicizadas, dentre as quais se destacam: a luta pelos direitos da mulher e a equidade de gênero – temática dentro da qual alguns conteúdos tem gerado reações de valor e reconhecimento público por parte do seu marido - estéticas e estereótipos sociais, discursos de empoderamento feminino nos relacionamentos amorosos, violência doméstica, a importância das atitudes positivas perante a vida, superação de conflitos e cultivo das emoções positivas em sentido geral. Como tipicidade identificamos que predominam na sua *timeline* conteúdos compartilhados de páginas de interesse pessoal, sendo, no entanto, escassas as legendas e reflexões de natureza autoral sobre os diversos temas que visibiliza.

Observamos que, de maneira paralela, do total das fotos de perfil de L.A. quatro são imagens com o seu marido, o qual representa um 40% das imagens publicadas por ela nessa categoria no site de rede social que tomamos como plataforma de análise para a presente pesquisa. A foto de perfil representa, poderíamos dizer, o recurso gráfico de identificação de maior importância nas plataformas de socialização virtuais. Bacallao (2015), no seu estudo sobre a presença de usuários cubanos em sites de *online dating*, constatou a importância que para seu corpus tinha a escolha e publicação de uma foto de perfil determinada. Segundo o autor, para usuários cubanos a escolha deste recurso de identificação está diretamente atrelada à sua decisão de preservar ou não sua privacidade e identidade pessoal. Se conectamos esses

apontamentos feitos por Bacallao (2015) no seu trabalho com os dados coletados do perfil de L.A. durante a fase de entrada em campo, poderíamos discutir sua percepção pessoal sobre o relacionamento que atualmente mantém e sua rede de contatos no momento da publicização de imagens conjuntas com seu parceiro nas categorias *foto de perfil* e *foto de capa*.

O fato de usar momentos importantes do seu relacionamento como recurso de auto-apresentação virtual no Facebook, supõe - em primeiro lugar - uma predisposição favorável para falar publicamente sobre si e uma parte importante da sua intimidade e, por outra parte, segundo pudemos constatar nas entrevistas, um tipo de estratégia de contato à distância com seu marido e de confirmação do seu relacionamento para si e para os outros que assistem à performance. Através do mapeamento realizado durante um ano no perfil da informante e coleta de 356 postagens de seu perfil durante esse período, pudemos perceber que as imagens têm um peso fundamental como recursos de apoio para a publicização do relacionamento, sendo o que mais predomina na sua narrativa, como podemos apreciar no gráfico<sup>47</sup> abaixo:

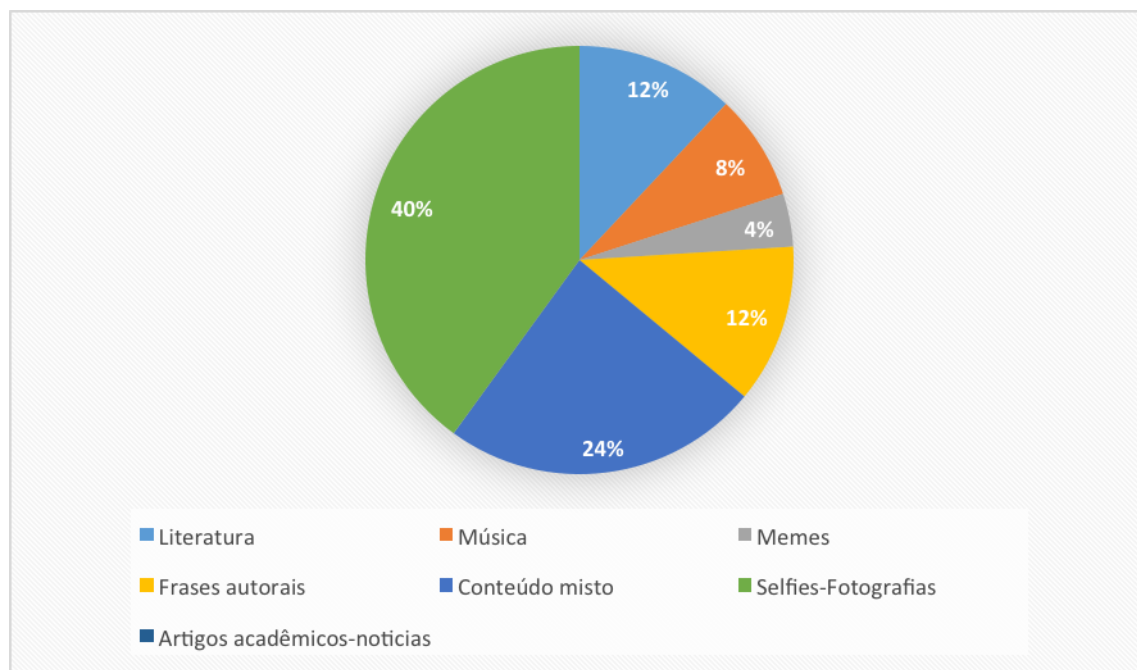


Figura 1. Mapeamento dos recursos enunciativos utilizados por L.A. para construir narrativas amorosas no seu perfil em Facebook.

<sup>47</sup> Sabemos que usualmente pesquisas com inspiração etnográfica não prescindem ou mesmo valorizam a apresentação de dados numéricos. Contudo, julgamos relevante apresentá-los de forma complementar à análise.

A informante apontou que, em várias das ocasiões em que decidiu usar fotos com seu marido para colocar no seu perfil, esteve motivada pela necessidade de reafirmar publicamente que se encontrava em um relacionamento sério para evitar um caso pontual de acoso pelo qual passou:

Sendo sincera, uma vez postei como foto de perfil uma imagem com meu marido para deixar claro que estava casada. Uma pessoa estava me incomodando e aproveitei que ele via as coisas que eu postava na minha *timeline* para atualizar a foto de perfil e evitar que continuasse me incomodando.

No perfil de L.A. apreciamos que a declaração explícita da sua relação romântico-afetiva aparece oficializada no seu status sentimental, registro através do qual pudemos identificar o nome social<sup>48</sup> e acessar ao perfil do seu parceiro. Nas entrevistas, a informante apontou que, embora tenha aceito colocar como dado público seu status civil, não era sua intenção fazê-lo: “Me deixei levar pela cafonice do meu marido (risadas)”. Isto nos leva a pensar que de algum modo esta prática de aceitar a registrar publicamente uma informação que ela reconhece como “muito íntima” constitui um elemento do *disclosure* que pode ter sido de algum modo “não natural” para nossa informante. Práticas iniciadas por terceiras pessoas passam a ter uma continuidade única e exclusivamente com a participação e aprovação de um outro. Nesse sentido, oficializar o casamento na rede partiu de uma iniciativa do seu marido, que L.A. esteve – de algum modo – forçada a aceitar para evitar futuros conflitos com seu parceiro.

As postagens de cunho romântico que L.A. constrói na sua *timeline* expressam uma estruturação cuidadosa dos conteúdos selecionados por ela para serem publicizados. As manifestações explícitas de conteúdos românticos são, em sua maioria, gráficas, em se tratando de fotos onde o casal aparece, geralmente sem acompanhamento de texto ou legenda, se comportando de maneira visivelmente afetuosa. Percebemos que marcações diretas ou menções ao parceiro amoroso, fora casos isolados, são práticas excepcionais para nossa informante, porém, ao analisarmos os comentários de cada postagem vemos que geralmente se geram comentários e interações entre ambos os parceiros. Contudo, apreciamos que publicamente estas interações são o que poderíamos qualificar como “discretas”; já que embora são usados alguns recursos que ativam a intimidade entre ambos – como apelidos ou sinais de afeto – estes são em geral pontuais e não tem uma continuidade, ao menos não publicamente,

---

<sup>48</sup> Entendemos como nome social o jeito através do qual os sujeitos se autointitulan nos sites de redes sociais.

dentro da própria postagem. Isto significa que o parceiro interpelado “reage” à postagem e em algumas ocasiões essa reação gera uma resposta da nossa informante, seja um comentário ou uma curtida, mas estas interações não se prolongam demais no registro público da plataforma.

Por outra parte, a informante afirmou que sempre que o casal atravessa por algum conflito ou tensão afetiva ela opta pelos canais privados para comentá-los com seu parceiro, sendo o chat a via fundamental de comunicação entre ambos nesses momentos; não ocorrendo o mesmo quando alguma vivência ou emoção positiva é ativada e reprocessada publicamente por ela na sua *timeline* ou na do seu marido. Aqui apreciamos um apagamento intencional das vivências negativas do casal na esfera pública virtual em que se relacionam, o que dá conta de um processo de estruturação narrativa onde apenas os valores positivos são considerados aptos para o *disclosure*. Durante os conflitos, o casal recorre a estratégias de silenciamento ou apagamento de qualquer tipo de interação por vias públicas, um comportamento que se relaciona com a proteção e o cuidado da intimidade amorosa onde é negada a visibilidade à rede de contatos. Segundo L.A. apontava durante as conversas que fizeram parte do trabalho de campo, o fato de o Facebook constituir para ela uma ferramenta de sociabilidade e compartilhamento intenso de afetos, não é garantia que a mesma plataforma tenha de ser usada para exteriorizar problemas pessoais com seu parceiro, ideia que não compartilha. Esta possibilidade está, para ela, fora de questão, se dando assim um processo de reconhecimento da plataforma como um recurso de sociabilidade passível de depuração onde uma ideia de catarse ou extravasamento de sentimentos intensos e negativos está descartada.

Poderíamos estabelecer a partir destes pontos um diálogo com algumas das reflexões realizadas pelo professor João Freire Filho ao longo da sua produção teórica sobre a importância e a valorização do prazer e a felicidade nas sociedades contemporâneas. No seu artigo “Fazendo pessoas felizes: o poder moral dos relatos midiáticos”, o autor enfatiza algumas das filosofias individuais que atravessam todo o sistema de práticas dos sujeitos contemporâneos e estão baseadas na ideia da felicidade como um projeto pessoal que só se consegue a partir do trabalho emocional árduo e da constância. A principal crítica contida nos depoimentos do autor reside em que longe do que deveria realmente ser o seu efeito, a procura da felicidade está se tornando um imperativo para os sujeitos, uma tarefa mais a ser cumprida seguindo disciplinas e regimes de controle afetivo que chegam a ser repressivos pela sua sugerida

obrigatoriedade. Em todo esse percurso, o discurso ocupa um papel fundamental na consecução da personalidade feliz, como vemos quando o próprio autor aponta:

Os ícones, slogans e mantras da felicidade concentrada na interioridade individual se espraiam por cada recanto do mundo *online* e *offline*, ratificando a importância de sentir-se bem consigo mesmo, de confiar na própria capacidade e de cultivar um otimismo incondicional (FREIRE FILHO, 2010, p. 4).

No caso da estruturação narrativa que L.A. conscientemente constrói no seu perfil, apreciamos que o “apagamento da catarse” e a potencialização da narrativa feliz estão diretamente atrelados – segundo constatamos nas entrevistas – ao ideal da construção social da realidade que o discurso reafirma.

Em pesquisa realizada por Polivanov (2014), são sistematizadas algumas das tendências que identificou no grupo de usuários que entrevistou e observou durante o desenvolvimento do seu trabalho de campo, no qual analisou as cenas de música eletrônica no Facebook. A autora conclui que existe um paradoxo interessante entre as estratégias de visibilidade que os usuários adotam na hora de postar, pois embora na maioria dos casos estudados a frequência e intensidade das publicações é alta, os entrevistados se referem a uma certa reticência a fazer públicos conteúdos que consideram íntimos demais (problemas de namoro, família, pornografia, hiperexposição do corpo, etc.): “Há uma negociação, portanto, entre o que eles consideram material que pode ser publicizado e aquele que não seria interessante mostrar” (POLIVANOV 2014, p. 196).

O que não se registra na narrativa simplesmente não existe, e isto aplica a problemas conjugais e toda uma série de conflitos que são ventilados exclusivamente no ambiente virtual privado; o qual passa a ser entendido por nós como, em primeiro lugar, um marcador atitudinal, uma escolha constitutiva da personalidade da informante e, ao mesmo tempo, um sintoma de reconhecimento da plataforma como um espaço reservado para discursos positivos.

As narrativas amorosas que apreciamos no perfil de L.A. possuem intencionalidades atreladas à sua vontade explícita por sentir próxima a presença do seu marido, que se encontra atualmente morando em outro país. A maioria destas representações discursivas constituem apropriações de terceiros canais (contatos, páginas de interesse), sendo as postagens de cunho autoral (PEREIRA, 2016) as menos frequentes na discursividade da informante. Identificamos alguns temas recorrentes

nestes discursos que estão associados a um ideal de amor duradouro, verdadeiro e incondicional, como podemos apreciar nas imagens que seguem:

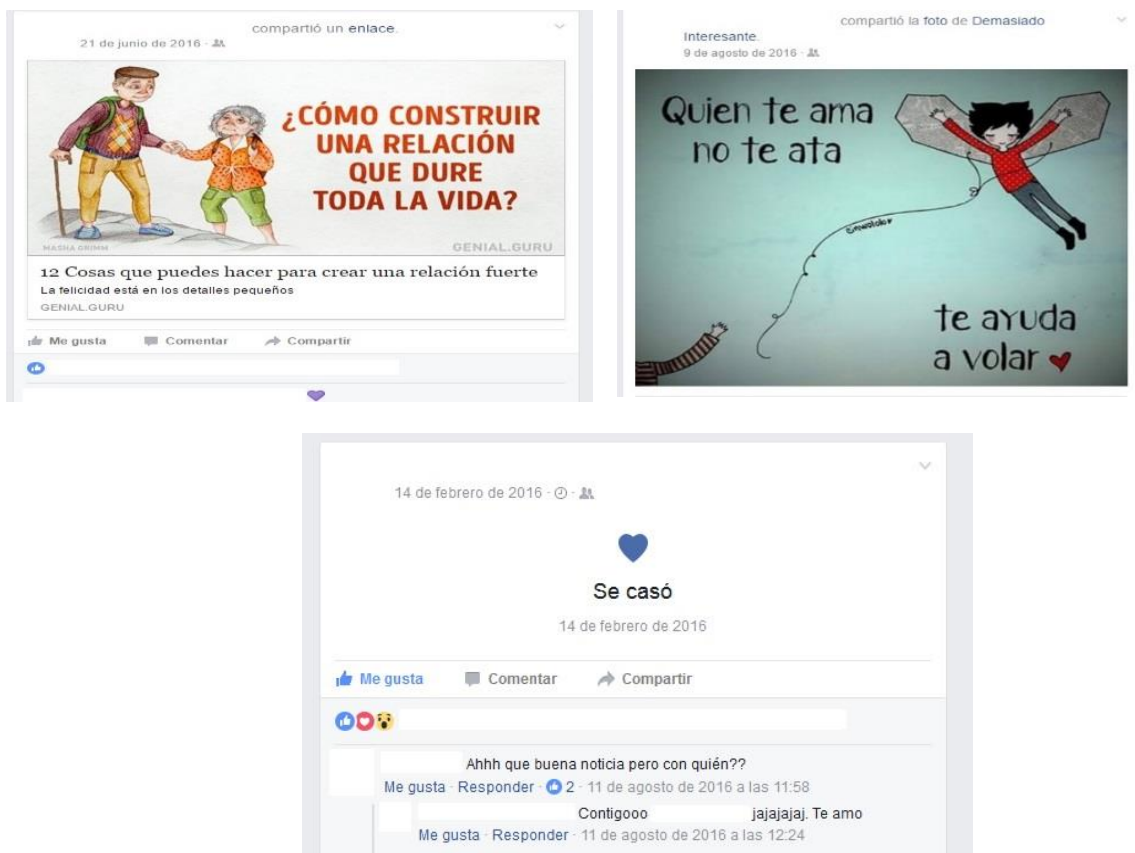


Figura 2. Imagens obtidas da *timeline* da informante que expressam alusões diretas à sua visão própria sobre o amor<sup>49</sup>.

Em estudo realizado por Berto e Gonçalves (2011) para analisar a diferentes intersemioses discursivas que se estabelecem na plataforma Facebook, os autores chamam a atenção para alguns elementos que tipificam a comunicação ali estabelecida:

A comunicação virtual mediada pela escrita é complexa e necessita da articulação de diversos elementos para dotar de sentido e significados, a qual depende de um conhecimento prévio dos códigos por parte dos interlocutores para acontecer (BERTO E GONÇALVES, 2011, p. 107).

Segundo estes apontamentos, a possibilidade de interconectar formatos e a própria condição colaborativa da rede fazem com que a mesma possua *ganhos*

<sup>49</sup> Tradução: Imagem 1: Como construir um relacionamento que dure a vida inteira? Imagem 2: Quem te ama não te ata, te ajuda a voar. Imagem 3: Casou. - Comentários Marido: Ah, que notícia boa, mas com quem? -Comentários L.A: Com você! Ahahaha, te amo

*enunciativos* se a comparamos com outras esferas de estruturação discursiva. Nesse sentido, apreciamos que no perfil de L.A. são combinados constantemente múltiplos destes recursos como são imagens, textos, *emojis* e *hashtags*, como podemos ver nas imagens abaixo:



Figura 3. Imagens tomadas da *timeline* de L.A. onde se apreciam interpelações diretas ao seu parceiro amoroso<sup>50</sup>.

Entre essas últimas, observamos que são predominantes aquelas nas quais a informante condensa em frases curtas aqueles valores mencionados anteriormente sobre o ideal de amor que perdura para além de qualquer barreira espacial ou temporal, funcionando assim este recurso como elemento que reafirma a mensagem que acompanha, seja texto ou imagem. De igual modo, observamos que declarações explícitas de afeto são feitas por L.A. e geralmente estão acompanhadas de marcações ao parceiro através do seu perfil no site de rede social, do que concluímos que a atitude da informante não é totalmente evasiva no que diz respeito à visibilização de momentos amorosos íntimos no Facebook; mas esse processo responde diretamente ao que ela

<sup>50</sup> Tradução: Imagem 1: Quando você ama uma pessoa não importa a frequência com que se veem, o importante são as vezes que você lhe faz sentir que é especial. Boa tarde a todos! (emojis) Hashtag: fechando o dia com frases. Imagem 2: Olha o que encontrei. Para que momentos como esse se repitam sempre, meu amor, te amo. Hashtags: selfies juntinhos; sempre juntos. Emojis.



considera de interesse “social”, segundo os limites conceituados pela própria informante. Assim, concluímos que La. estabelece hierarquizações do conteúdo que publiciza, sendo o tempo todo essa narrativa uma construção depurada dos elementos identitários e das vivências que lhe interessa visibilizar para sua rede de contatos. Ela dedica tempo e recursos para escolher, desenhar e estruturar as mensagens que posta segundo sua própria percepção entre as barreiras do público e o privado, o que dá conta do alto componente autorreflexivo que essas práticas contêm em si próprias.

### 3.3.2. L.E.

L.E. é um jovem cubano de 29 anos de idade, jornalista e residente em Cuba. Entrou na pesquisa ao termos observado – como parte da sua rede de contatos – nos seus comportamentos virtuais “visíveis” uma certa disposição para exteriorizar sentimentos e acontecimentos da sua vida amorosa. Para ele, o Facebook, apesar de não ser considerada uma plataforma de encontros como Badoo, hi5, entre outras, tem desempenhado um papel importante nos seus relacionamentos romântico-sexuais, tal quando afirma: “Em algum momento da minha vida, a rede tem sido útil para conhecer pessoas que logo depois se tornaram minhas parceiras estáveis, ou simplesmente para sexo casual”. Ao mesmo tempo, em sua opinião, existe uma diferenciação entre os usos que usuários cubanos do sexo masculino fazem do Facebook, comparados a usuários de sexo feminino, sendo os primeiros os que mais a usam para “flertar”, um dado que não conseguimos comprovar tendo em conta as limitações do nosso estudo e o próprio recorte que nos interessava definir para a análise. Nesse sentido, apreciamos que da sua parte existia o que podemos denominar talvez como um “uso subversivo da plataforma” já que, como sabemos, Facebook não é um *site de online dating* como muitos outros que hoje estão disponíveis na Internet, mas suas potencialidades enquanto espaço de conexão entre indivíduos e grupos têm feito da rede o ambiente propício para o flerte virtual.

No seu texto de apresentação nesse site de rede social, L.E. se auto-define como: “Jornalista indocumentado. Geek. Caçador de *almendrones*<sup>51</sup> e zombis”. Apreciamos nesse breve texto a intencionalidade do reconhecimento público através de dois indicadores fundamentais: a profissão e o lazer, elementos que irão aparecer com

---

<sup>51</sup> *Almendrones* é o termo popular para denominar os carros antigos que circulam pela cidade de Havana como táxis.

recorrência nas suas narrativas diárias. Na maior parte das fotos de perfil, a escolha de recursos gráficos de embelezamento das imagens resulta evidente, predominando fotografias em preto e branco onde observamos a predominância de expressões faciais sóbrias onde se ressaltam muitos dos seus atributos físicos. Predominam os *close-ups* e primeiros planos com os quais se busca chamar a atenção sobre elementos do seu físico: “Quase sempre *subo*<sup>52</sup> minhas fotos pensando se me vejo bem nelas ou não”, comentava nas entrevistas.

Na época em que começamos o monitoramento do perfil de L.E., o informante encontrava-se iniciando um novo namoro, o qual tivemos em conta para a presente discussão. Na época em que L.E. e sua namorada naquele momento se conheceram, ambos estavam solteiros. Vários amigos virtuais em comum favoreceram que um dia qualquer L.E. recebesse uma “sugestão” feita pela própria rede para adicionar a sua parceira – que iremos chamar de C. a partir desse momento – à sua rede de contatos, tendo em conta que provavelmente fossem conhecidos no mundo *offline* segundo os algoritmos de conexão social através dos quais Facebook opera:

Decidi enviar um pedido de amizade para ela. Depois de alguns dias de largas e boas conversas me animei a convidá-la para nos conhecer fora da rede [...] Ela não era meu tipo, fisicamente falando, por isso enviei o pedido sem nenhum interesse romântico-sexual a priori, já depois fui conhecendo-a melhor, sua forma de pensar e a conversa foram tão boas que me interessei muito mais.

A partir desse momento ambos iniciaram nas suas respectivas *timelines* um processo de trocas que dava conta do que estava acontecendo com eles na ordem afetiva. No começo as postagens expressavam uma relação de cumplicidade entre ambos, se tratando de textos indiretos ou declarações públicas de amor nas quais quem postava não precisava marcar o outro nem mencionar seu nome para o parceiro atingido completar com algum comentário, como se mostra nas imagens abaixo:

---

<sup>52</sup> Igualmente ao contexto brasileiro, trata-se de termo muito utilizado pelos jovens cubanos para se referir à publicação de algum conteúdo. Relativo à ideia de *upload*.



Figura 4. Imagens tomadas da *timeline* de L.E. onde se apreciam algumas interpelações e mensagens indiretas com as quais C. interagiu publicamente<sup>53</sup>.

Assim foi se estabelecendo uma camaradagem virtual entre o casal que deixava entrever a possibilidade de existir entre eles uma relação além da simples amizade; até o dia em que L.E. tomou a decisão de oficializar o namoro no Facebook e isso deixou de ser uma suspeita para as pessoas que acompanhavam diariamente essas expressões de afeto. A respeito desse processo de *disclosure*, o antropólogo Daniel Miller (2011) comenta na sua obra *Tales from Facebook* como a exteriorização de alguns sentimentos íntimos na rede torna-se uma faca de dois gumes que em algumas ocasiões termina afetando a pessoa que se revela para sua rede de contatos. No caso aqui analisado vemos como L.E., depois de ter enviado o pedido de oficializar o namoro virtualmente para C., achou-se numa situação de desconforto ao ter que “desfazer” essa oficialização quando

<sup>53</sup> Tradução: Imagem 1: Ainda no silêncio mais profundo, o amor se sente. – Comentário namorada: shhhh (onomatopeia para expressar silêncio). Imagem 2: Então você é a minha meia toranja? - Comentário namorada: tangerina? - Comentário L.E: laranja!

o namoro acabou por razões alheias a conflitos virtualmente gerados. Assim como Miller aponta:

O desconforto que deriva de Facebook é quase sempre uma consequência do jeito em que sentimentos e ações transitórios, uma vez inscritos em textos, terminam tendo efeitos não intencionais a longo prazo (MILLER, 2011, p.175).

Aqui vemos uma construção social do ideal do amor romântico através da virtualidade, a ideia de que um não está completo sem o outro e como esse amor foi o que sempre procuraram na vida, algo assim como uma missão vital. Normalmente a iniciativa de postar esse tipo de mensagens partia dele, C. limitava-se a comentar, expressando assim sua cumplicidade, mas quase sempre de uma posição reativa e não proativa, elemento que pudemos observar, pois ela já formava parte da nossa rede de contatos pessoal ao iniciarmos a observação dos perfis. Essa conceituação do amor romântico, entendido como aquele jeito único de assumir um relacionamento onde ambas partes são a peça chave para completar ao outro, confirma-se nas narrativas virtuais de L.E. através das imagens e textos que publicava para provocar algum efeito em C.

Antes de termos começado nosso trabalho de levantamento de dados para a pesquisa, o namoro de L.E. e C. terminou por razões alheias aos embates da rede. Neste caso, embora o Facebook não tenha constituído o detonador do término do relacionamento, muitos dos conflitos que afetaram o casal foram gerados dali: ciúmes causados por interações públicas e privadas com ex de ambos, conversas via chat com pessoas do sexo oposto, dentre outros comportamentos que envolviam o ambiente virtual foram provocando brigas cada vez mais frequentes entre eles, em detrimento da sua parceria. A respeito disso, L.E. comentava:

A pior coisa que pode acontecer em um relacionamento é saber a senha da outra pessoa. Ninguém é capaz de carregar semelhante peso e ser totalmente frio. As pessoas, embora te amem, gostam do jogo de se sentirem desejados e nesta rede (Facebook) isso é quase um hábito; eu tenho comprovado isso por mim mesmo e pelas coisas que alguns amigos me contam, eles também amam muito suas parceiras mas “brincar” virtualmente com outras não resulta tão grave assim. É um modo de se sentir desejado, a gente curte isso. Quando passa o tempo a gente se dá conta que o melhor que pode acontecer em um relacionamento é cada um respeitar o espaço individual do outro na rede e dentre as coisas “proibidas” a fazer e mexer no perfil do parceiro procurando um passado que pode estar vivo ainda através de fotos, mensagens, postagens que nunca foram deletadas, entre outras coisas que podem te predispor.

No caso que aqui analisamos, momentos de conflito no relacionamento deixavam-se entrever por meio de postagens que ambos faziam para atingir o outro, mesmo sem deixar claro o alvo do texto publicado. Outra das estratégias utilizadas por L.E. para chamar a atenção de C. quando o relacionamento atravessava por algum momento de crise era usar algumas pessoas das quais sabia que C. sentia ciúmes a causa das frequentes interações que ele mantinha na rede com as mesmas, para curtirem ou comentarem suas postagens e assim “cutucar” indiretamente a C. mexendo nos seus pontos de insegurança mais fortes; segundo ele mesmo declarou nas entrevistas. Uma possível leitura deste comportamento nos faz entender que, ao se sentir inseguro, L.E. procurava ativar reiteradamente essas mesmas sensações em C. e seu jeito de lidar com isso era precisamente fazendo com que o parceiro se colocasse nessa posição desvantajosa na qual ele encontrava-se.

A necessidade de L.E. de que C. soubesse e fosse plenamente ciente de que ele era objeto de desejo de outras pessoas além dela levou-o a usar as potencialidades oferecidas por Facebook para provocar ciúmes nela e usar a rede como cúmplice da sua performance, da mensagem que de maneira premeditada construiu para atingi-la, e esse comportamento foi se repetindo em diversas ocasiões durante o namoro.

Considerando que ao começarmos oficialmente nosso levantamento de dados em campo o namoro entre C. e L.E. já tinha acabado, tivemos que recorrer a estratégias que nos permitissem trazer de volta todos aqueles comportamentos que tínhamos começado a observar sendo meros participantes da cena virtual de ambos: sua rede de contatos. Para tal, fizemos um mapeamento através do qual identificamos o total de postagens realizados por L.E. durante 2014 (etapa em que iniciou o namoro com C), 2015 (etapa em que oficialmente iniciei a entrada em campo como pesquisadora) e 2016. Como podemos ver nos gráficos que se mostram a seguir, o ano em que namorava com C. foi o mais significativo na ordem da quantidade de postagens relacionadas aos afetos, seguido por 2015 e quase um apagamento deste tipo de narrativas durante 2016, o qual confirma o que já tinha sido apontado pelo informante nas entrevistas sobre sua reticência ao *disclosure* afetivo após uma experiência negativa dentro da rede:

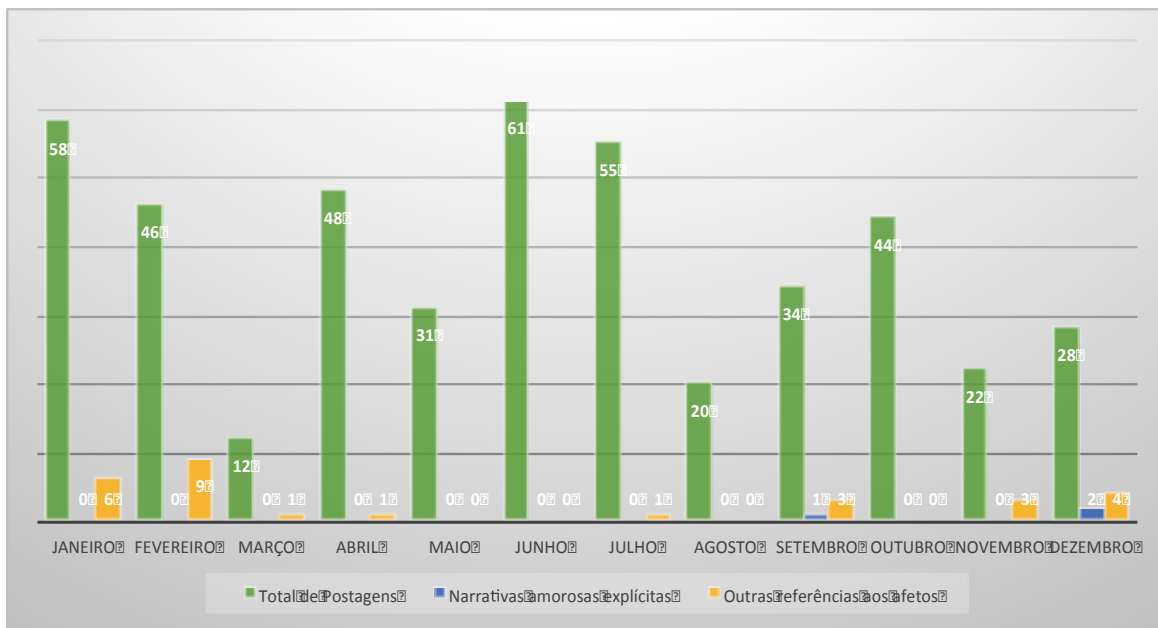


Figura 5. Análise das postagens realizadas por L.E. durante 2014.

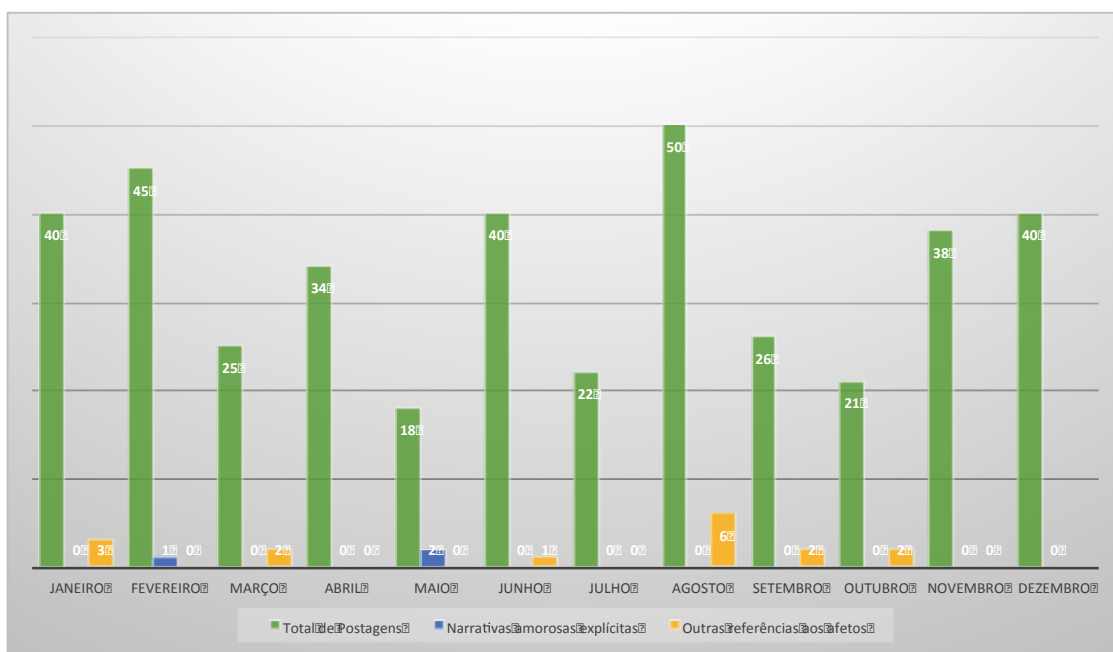


Figura 6. Análise de postagens realizadas por L.E. durante 2015

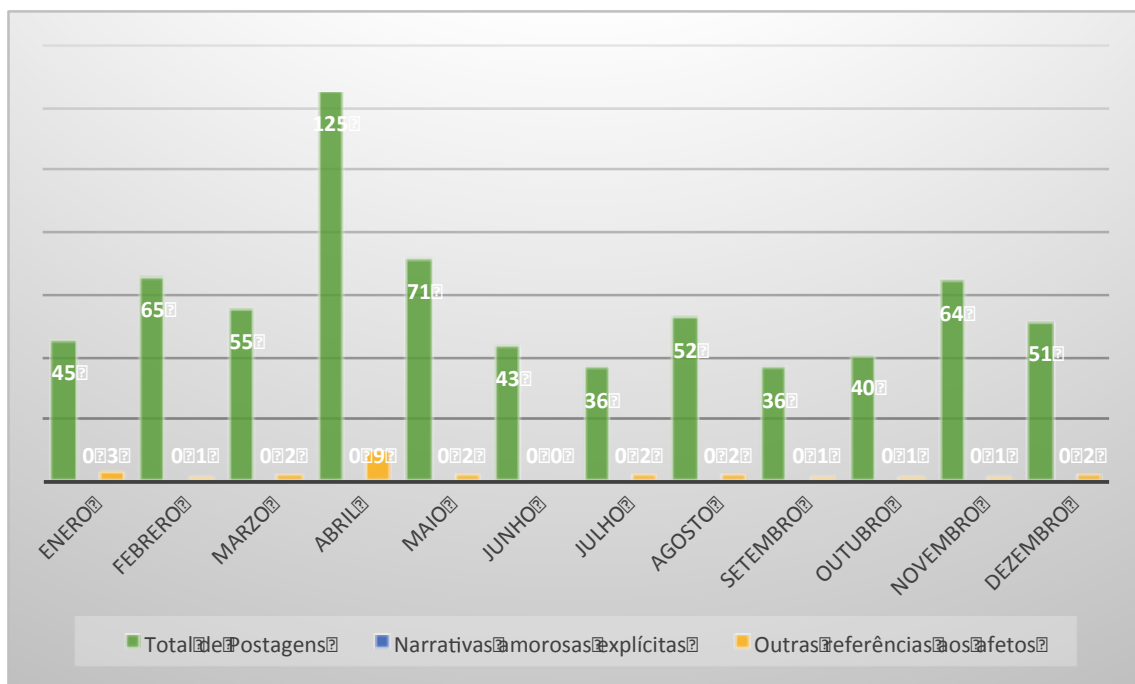


Figura 7. Análise de postagens realizadas por L.E. durante 2016

Alguns meses depois de terminar o relacionamento com C., L.E. começou namorar de novo e mais uma vez a existência de uma nova pessoa na sua vida sentimental se fez visível através da sua *timeline* do Facebook. De repente uma série de postagens de conteúdo romântico explícito encheram seu perfil fazendo do novo relacionamento com A. o protagonista da sua narrativa virtual. As estratégias iniciais adotadas por L.E. para performar essa nova etapa da sua vida começaram quando decidiu mudar sua foto de perfil e capa, como tentativa de renovação dos seus elementos de apresentação virtuais básicos. Ao entrevistá-lo, L.E. afirmava que nessa nova experiência amorosa procurava não cometer os mesmos erros que cometeu no seu relacionamento com C. ao se precipitar oficializando o namoro através da rede. Uma vez que seu relacionamento com C. Terminou e foi difícil para ele ter que eliminar esse evento do Facebook, de maneira que, segundo ele: “dessa vez, estou pensando melhor as coisas antes de fazê-las”.

O relacionamento com A. esteve, sem dúvidas, tendo uma cobertura importante na *timeline* de L.E., e vice-versa. Eventos em comum, festas, reuniões que compartilham enquanto colegas e além de parceiros sentimentais, eram diariamente postados no Facebook como uma maneira de ambos se dizerem “te amo”, ainda indiretamente. Ao respeito disso L.E. comentava: “eu já disse te amo para A. em

privado, mas no Face é outra coisa, é muito cedo para dizer algo tão forte assim na frente de tantas pessoas”. Esse resguardo de L.E. em expressar seus sentimentos livremente neste novo relacionamento deve-se, como constatamos através das entrevistas, ao medo de ter que atravessar novamente pelo trauma do relacionamento não dar certo e ele ter que lidar depois com os recursos de ativação de lembranças recentemente estreados pelos criadores da rede social; do mesmo jeito que lhe aconteceu depois da ruptura com C:

Facebook tem desempenhado um papel importante na incorporação de “*um dia como hoje...*” quando passa o tempo alguns acontecimentos que a gente compartilha na rede são lembrados por ela, o que na maioria dos casos é bom mas quando trata-se de ex relacionamentos não é engraçado não.

Salientamos, de maneira paralela, que uma grande parte das fotos nas quais L.E. aparece com C. foram apagadas da sua *timeline* após o término do relacionamento, o que nos diz a respeito do conteúdo performático que está também implícito no ato de apagar memórias gráficas enquanto tentativa de estruturação da realidade que se registra virtualmente.

Atualmente, podemos observar como o perfil de L.E., após a experiência de ter que desfazer publicamente a oficialização do namoro e de tanta constância no *disclosure* de afetos, tem se tornado uma via quase exclusiva para compartilhar conteúdos de natureza profissional e, de vez em quando, lazer. A mudança nas performances discursivas do informante saltam à vista como um chamado de atenção a respeito da influência que pode ter para atores sociais o fato de ter tantos e tão detalhados registros sobre seu relacionamento no seu perfil pessoal. Hoje L.E. opta por canais mais privados para expressar afetos; as narrativas públicas têm sido, nesse caso, descartadas no seu relacionamento atual. Apreciamos um posicionamento bem definido na sua fala, quando ele próprio apontava:

Já não uso mais a rede para essas coisas. Desde o momento em que terminei meu relacionamento com C., optei por uma estratégia de zero Facebook para esse tipo de depoimento. Há 7 meses estou num novo relacionamento e, se observar com detalhe, dá para ver que não publico quase nada sobre isso. A maior parte do tempo é ela quem publica e eu nem sempre permito que muitas das fotos que posta da gente apareçam como públicas na minha *timeline*. Se ela perguntar por que não aparecem eu me finjo de bobo, faço como se não tivesse visto e deixo passar. Por outra parte, se eu vou publicar alguma coisa, tem que ser algo geral, nada muito comprometedor.



No depoimento de L.E. observamos o evidente desconforto que gerou nele o *disclosure* afetivo prévio a seu relacionamento atual. Segundo ele apontava, não segue um padrão para “recusar” a publicização de fotos e postagens que sua namorada publica marcando ele. Porém, resulta visível para mim, enquanto pesquisadora, que durante um tempo monitorou o perfil do informante, que suas narrativas se modificaram radicalmente nesse sentido. O informante passou de uma predisposição muito favorável e até proativa na postagem de conteúdos amorosos e íntimos a um posicionamento que, além de cético, sugere desconforto quando é “incitado” por sua parceira a participar de alguma narrativa construída por ela para publicizar o relacionamento.

### 3.3.3. G.E.

G.E. é havaneira e começou a usar o Facebook em 2009 e tem 29 anos de idade. Desde então, tem mantido um uso continuado da plataforma como espaço de socialização que contribui para complementar sua interação com amigos, familiares e parceiros amorosos. Com alguns deles, é sua única via de comunicação. Se conecta fundamentalmente de sua casa, já que segundo nos relatava nas entrevistas sua família teve a possibilidade de contratar o serviço particular de internet<sup>54</sup> a partir de uma amiga que lhes cede mensalmente uma parte da conexão à qual tem direito por ser estrangeira e residente no país. De maneira paralela, G.E. acessa à Internet de praças e hotéis que têm conexões *wifi* habilitadas para pessoas que contratam o serviço de cupons individuais; uma prática que vem ganhando muita popularidade em Cuba desde que começou a ser implementada, como foi comentado anteriormente.

Formada em Letras na Universidade da Havana, G.E apresenta um uso frequente do Facebook. Se conecta quase diariamente e procura manter um ritmo de publicação bastante constante. A informante apontou nas entrevistas que o Facebook possui uma importância na sua vida que vai além da simples interação, já que a tem ajudado também a criar novos círculos de amizade a partir do compartilhamento e consumo de fotos, artigos, revistas, histórias, entre outros bens que fazem parte do capital social (RECUERO, 2012) circulante nas suas micro-redes pessoais.

---

<sup>54</sup> Como foi comentado no marco referencial, em Cuba é ainda impossível para pessoas contratarem o serviço de conectividade doméstico, com exceção de estrangeiros residentes no país, os quais sim têm essa possibilidade, legalmente falando.

“Acho que Facebook é como um noticiário”, comentava a informante. “Uso ele para quase tudo: postar fotos, ler, ver notícias. Em especial gosto de postar coisas que contenham alguma história de amor de “mover o chão”. Adoro acreditar que as minhas também vão ser assim”, agregou. O uso constante da rede vai, para G.E., além da mera observação do que ali acontece. A informante desenvolve nesse espaço múltiplas práticas de socialização que lhe permitem estreitar o contato com velhas amizades através da privacidade do chat e também por meio da discursividade pública na sua *timeline*. Apreciamos que, no tempo compreendido para nosso recorte de pesquisa, a média de postagens publicadas por G.E. na rede vai de umas 4 a 5 publicações por dia. Devemos salientar que durante o tempo em que estivemos monitorando seu perfil, a informante se encontrava numa situação migratória instável que, por razões pessoais, a levaram a viajar de maneira continuada a outros países. Assim sendo, optamos por uma estratégia de mapeamento do perfil que não perdesse de vista nenhuma postagem, mesmo que ela tivesse sido publicada estando fora de Cuba, pois estávamos mais interessados em compreender processos de performance discursiva da informante, para além da sua localização geográfica.

Consideramos, no entanto, mais relevantes para nosso trabalho alguns elementos decisivos para a estruturação narrativa, aos quais – mesmo não tendo excluído postagens feitas fora de Cuba – prestamos especial atenção quando a informante se conectava da Ilha. Elementos como: os locais e dispositivos através dos quais a informante se conectava, assim como a frequência com que o fazia de Cuba foram relevantes para entendermos como eles são capazes de influenciar a performance dos usuários nessa plataforma; como vimos na discussão de casos anteriores.

Quando G.E. se conecta de sua casa usa fundamentalmente o computador, ao dispor nesse local de uma conexão via modem, sendo impossível para ela usar o celular e outros dispositivos móveis para acessar à Internet. No entanto, os já mencionados são os mais utilizados por ela quando se conecta de praças, ou quaisquer outros locais públicos com conexão *wireless* na cidade.

Frente a esta continuidade de uso e consumo dos ambientes *online*, observamos elaborados discursos dentro do conjunto narrativo autobiográfico disponível para consumo público na *timeline* de G.E. A informante se declara abertamente usuária frequente do Facebook, sendo a plataforma que prefere para socializar na virtualidade, apesar de usar Instagram com bastante regularidade mas, segundo expressava, com propósitos de socialização diferentes: “No Facebook posso ser mais desenvolvida com

as palavras. Posso brincar com elas, pensar, analisar, me sinto muito mais confortável até para contar uma piada. Brinco com o personagem que invento para mim”.

O reconhecimento de uma pretendida “invenção” do personagem através do qual se apresenta, a *persona* virtual, nos remete a pensarmos a preeminência da *expressão controlada* (SERRANO, 2012) da individualidade através dos sites de redes sociais. A informante não só estabelece tais jogos de construção identitária na sua *timeline*, mas também vemos como se reflete no seu discurso sua consciência no desenvolvimento de tal comportamento. Observamos aqui processos de *estilização do eu* (CARO, 2012) através dos quais a informante seleciona dados e recursos que irão lhe permitir se apresentar diante dos seus contatos no site de rede social, administrar a frequência, intensidade e forma através das quais esses conteúdos aparecem e gerenciar após o momento de postagem as subsequentes interações que, em definitiva, constituem a base da sociabilidade e o componente básico de construção coletiva da identidade individual no Facebook.

A apresentação visual de G.E. no Facebook é atualizada com bastante regularidade. Observamos que, em 2016, mudou sua foto de perfil cinco vezes, as quais obtiveram em média 134 curtidas, o que representa uma porcentagem de interação de 18% considerando a totalidade de “amigos” com os quais conta nesse site de rede social (792)<sup>55</sup>. Para além dos dados visuais, observamos que G.E. utiliza seu nome completo como identificação social no Facebook, sinalizando a ausência de apelidos na maneira em que se auto-apresenta.

Quando lhe indagamos a respeito de como ministra emoções e afetos com a publicização que desenvolve no Facebook, observamos que a informante se posiciona de maneira favorável à visibilização de conteúdos sobre sua vida amorosa; inclusive quando se trata de relacionamentos que recém começam. Até meados de 2016, no perfil de G.E. via-se a oficialização do relacionamento com seu atual ex-namorado, elemento que deixou de fazer parte dos seus dados de identificação quando, uma vez terminada a relação entre eles, G.E. decidiu apagar todas as informações – textuais e gráficas – nas que houvesse algum registro que a relacionasse com dessa pessoa. Nos interessa especialmente enfatizar o fato de que a informante não apenas desfez o registro público da relação, mas também fez uso das ferramentas de controle da privacidade que a rede oferece para garantir que essa “atualização” do seu estado não aparecesse como pública

---

<sup>55</sup> Informação atualizada em janeiro de 2017.

para ninguém que conscientemente não se aventurasse a procurá-la: “Quando essas coisas acontecem e me vejo na necessidade de apagar alguns dados, sempre tento utilizar algum mecanismo para que ninguém fique sabendo”. Vemos aqui novamente o controle que possuem usuários de sites de redes sociais sobre os conteúdos que lhes interessa visibilizar ou não. Nesse processo de escolhas narrativas conscientes, o fato de se tratar de vivências negativas que possam gerar conflitos, dúvidas e questionamentos públicos por parte da sua rede de contatos influencia em grande medida na hora de decidir o que vai ser visibilizado ou não: “E uma economia de incômodos”, apontou.

Segundo declarava, desfazer o namoro na virtualidade não foi tão difícil quanto apagar todas as memórias gráficas que ambos, ela e seu antigo parceiro, tinham postado no Facebook: “Desfazer o namoro não foi o difícil, pois sentimentalmente a gente sabe que acabou, o que resta é pura burocracia. Apagar as fotos foi difícil demais, mas fiz a faxina, precisava começar com uma vida nova sem nenhuma lembrança”.

A expressão do recomeço nos chama a atenção sobre a importância que tem para a vida emocional dos usuários da rede as trocas que ali se estabelecem. Para G.E., se não havia como entrar no seu perfil e olhar uma foto do seu relacionamento antigo, esse já era um grande passo para a superação. Nesse sentido o apagamento do capital afetivo circulante é fundamental. Ao ser um site de rede social, Facebook se apresenta como um espaço para “mostrar” e receber afetos em troca, de modo que qualquer imagem ali publicizada contém o peso da lembrança através da gráfica mas, ao mesmo tempo, o significado das interações que essa própria imagem foi capaz de gerar na temporalidade em que esteve inscrita: comentários, palavras de afetos, trocas. Acessar essas lembranças, portanto, vai além do simples contato com a imagem, ativa também lembranças de interações que podem gerar conflitos emocionais entre sujeitos em posições vulneráveis, afetivamente falando.

Contudo, ao realizarmos uma revisão detalhada das postagens de G.E durante a primeira metade de 2016, período em que ainda encontrava-se namorando com seu hoje ex parceiro, observamos que houve um apagamento seletivo das memórias e narrativas amorosas que ambos construíram durante o relacionamento. Exemplo disso é a imagem que se mostra abaixo, onde G.E. fez uma postagem autoral para expressar publicamente afeto ao seu parceiro no dia dos namorados<sup>56</sup>. Ao terem sido usadas marcações diretas consideramos este conteúdo como narrativa amorosa explícita:

---

<sup>56</sup> O dia de São Valentim ou dia dos namorados celebra-se em Cuba no 14 de fevereiro.



Figura 8. Postagem realizada por G.E. para expressar afeto no dia dos namorados que foi mantida após o processo de faxina virtual que seguiu o termino do relacionamento<sup>57</sup>.

Observamos, de maneira paralela, que durante a etapa na qual estava lidando com a separação, na *timeline* de G.E. estruturavam-se discursos orientados a passar uma imagem de conclusão efetiva do namoro. O tom de confirmação nas postagens não deixava dúvidas de quão diretos eram esses conteúdos no que diz respeito à mensagem que estavam tentando passar. A informante valeu-se de recursos como músicas e frases replicadas de outras páginas e pessoas nas quais as mensagens do recomeço, da superação e do empoderamento resultavam uma constante na narrativa. O humor foi outro dos recursos retóricos mais utilizados por G.E. para sociabilizar – de maneira subliminal e nunca diretamente – o término do seu anterior relacionamento, como vemos nas imagens que seguem:



<sup>57</sup> Tradução: Meu vampirinho de luz (emoji coração).



Figura 9. Imagens tomadas da *timeline* de G.E. no período em que estava lidando com o término do seu relacionamento<sup>58</sup>.

Durante o namoro com seu ex, G.E. relatou que em uma ocasião teve que passar pelo incômodo de ser vigiada no Facebook. Seu antigo parceiro – motivado por ciúmes excessivo – obteve por alguma razão alheia à sua vontade a senha do seu *login* nesse site de rede social e a partir daí iniciou uma série de práticas de monitoramento do seu perfil que, segundo relata a informante, ele mantém até hoje:

No começo me incomodava muito pois o considero uma falta de respeito à privacidade individual. Mas já que ele decidiu procurar, usei isso ao meu favor e não troquei a senha do meu perfil quando nos separamos, pois sabia que ele continuava revisando minhas conversas e isso, em aquele momento de dor pelo término, foi um alívio para mim, saber que ele via as coisas que eu falava com pessoas que me interessavam.

Aqui vemos como, no Facebook, as performances discursivas muitas vezes vão além da publicidade da *timeline*. No caso relatado por G.E., a consciência de que seu antigo namorado ainda revisava suas conversas privadas no Facebook, a levava a pensar tais intercâmbios também a partir do efeito emocional que queria provocar nele através das mensagens que trocava com outras pessoas. Nesse sentido constatamos uma alta dose de performatividade e autorreflexividade também na ordem mais privada de sociabilidade na rede: o chat. Esta sensação de vigilância funcionava como fator

<sup>58</sup> Tradução: Imagem 1: “O duro foi o pouco que durou”. Imagem 2: “Você está comigo, a gente está cantando à sombra da nossa parra. Uma canção que diz que a gente só conserva o que não amarra. E sem te ter, tenho a você e à minha guitarra”.

estruturante do discurso e, longe de ser uma ameaça para ela, durante o término do relacionamento funcionou também como narrativa de superação, segundo apontou nas entrevistas.

Para além da relação que G.E. estabeleceu com o monitoramento virtual do seu antigo parceiro, resultava relevante indagar, de maneira paralela, as práticas desenvolvidas por nossa informante para “vigiar” os comportamentos de pessoas com as quais se envolvia afetivamente e se relacionava no site de rede social Facebook. Ao ser um comportamento não registrado publicamente só tínhamos como nos assegurar de que efetivamente havia se estabelecido algum tipo de vigilância eletrônica por parte de G. através das entrevistas, pois o monitoramento do perfil e a análise de conteúdos não supriam, como ferramentas de pesquisa, esta demanda de dados. Assim, pudemos detectar que a informante desenvolvia de maneira frequente comportamentos associados à insegurança e aos ciúmes que resultavam em revisões diárias do perfil do seu parceiro e das suas ex namoradas ou pessoas com as quais em algum momento ele se relacionou afetivamente. Segundo declarou nas conversas, geralmente este comportamento não era motivado por práticas do seu parceiro que lhe gerassem alguma insegurança, tratava-se mais de “curiosidades mórbidas”, como ela mesma apontou: “Acho que tem um pouco a ver com minhas crises de baixa autoestima. Tenho a necessidade de saber que fazem essas pessoas da vida, onde moram, como são. É uma espécie de prazer”.

Em estudo realizado no ano 2005 por Campbell et. al. (2005), os autores enfatizaram o peso que tem a ansiedade gerada por inseguranças no relacionamento amoroso na intensificação de práticas de vigilância em alguns sujeitos. Segundo os autores:

A hipervigilância de indivíduos mais atados pela ansiedade pode intensificar o monitoramento e avaliação de pistas que ameacem o relacionamento amoroso. Isto pode levar esses indivíduos a interpretar informações de modo a confirmar suas expectativas negativas sobre os seus parceiros (CAMPBELL et. al. 2005, p. 512).

Embora nossa pesquisa não pretenda se estender até os limites da psicologia, estas análises nos servem de base para complementar alguns dos dados obtidos durante a entrada em campo e discutir de que maneira tais comportamentos contribuem para a estruturação da performance discursiva e os comportamentos “anônimos” de atores sociais dentro do Facebook. No caso aqui trazido observamos como o anonimato da rede também promove práticas que podem intensificar, em alguns casos, ansiedades no relacionamento que são geradas fundamentalmente pela consciência de vínculo entre o

parceiro amoroso e contatos que passam a ser percebidos como ameaças. Isto resulta relevante para entendermos o peso que a nível de sociabilidade tem a condição anônima da rede, em conjunto com a possibilidade de exploração e detalhamento das *personas* construídas por sujeitos de interesse, mesmo quando não podemos perder de vista que muitos destes monitoramentos são frustrados na prática pela própria barreira de privacidade que hoje os usuários da rede são capazes de gerenciar.

Atualmente, G.E. encontra-se num novo namoro do qual observamos registros isolados e não tão constantes na sua *timeline*. Segundo ela comentava, isto se deve fundamentalmente ao pedido de pouca publicização por parte do seu parceiro, no entanto, a partir da própria fala da informante detectamos que muitas das fotos que publica com seu namorado atual respondem à necessidade dele por “afugentar os ex”. Estabelece-se então uma relação através da qual a performance discursiva de G.E. é influenciada diretamente por expectativas de impacto que seu namorado possui com algumas imagens nas que se mostram visivelmente juntos. As narrativas amorosas de G.E. atualmente são resultado de processos de cuidadosa estruturação e reflexividade individuais e, em alguns dos casos, parte de uma camaradagem entre ela e seu parceiro para decidir e ministrar o que será publicizado e com que propósito. Observamos também de maneira recorrente tentativas de tecer retóricas que compactuam com a desconstrução do ideal de amor romântico usando fundamentalmente imagens, *gifs*<sup>59</sup> e frases humorísticas. No entanto, se avaliamos a publicização de modo geral apreciamos que quando se trata de narrativas amorosas públicas, G.E. prefere a música como recurso enunciativo fundamental, como podemos ver no gráfico que segue<sup>60</sup>:

---

<sup>59</sup> Algumas destas imagens (*gifs*) não podem ser reproduzidas dentro do corpo do próprio trabalho devido à formatação do conteúdo.

<sup>60</sup> Foram coletadas no total 501 postagens da informante.



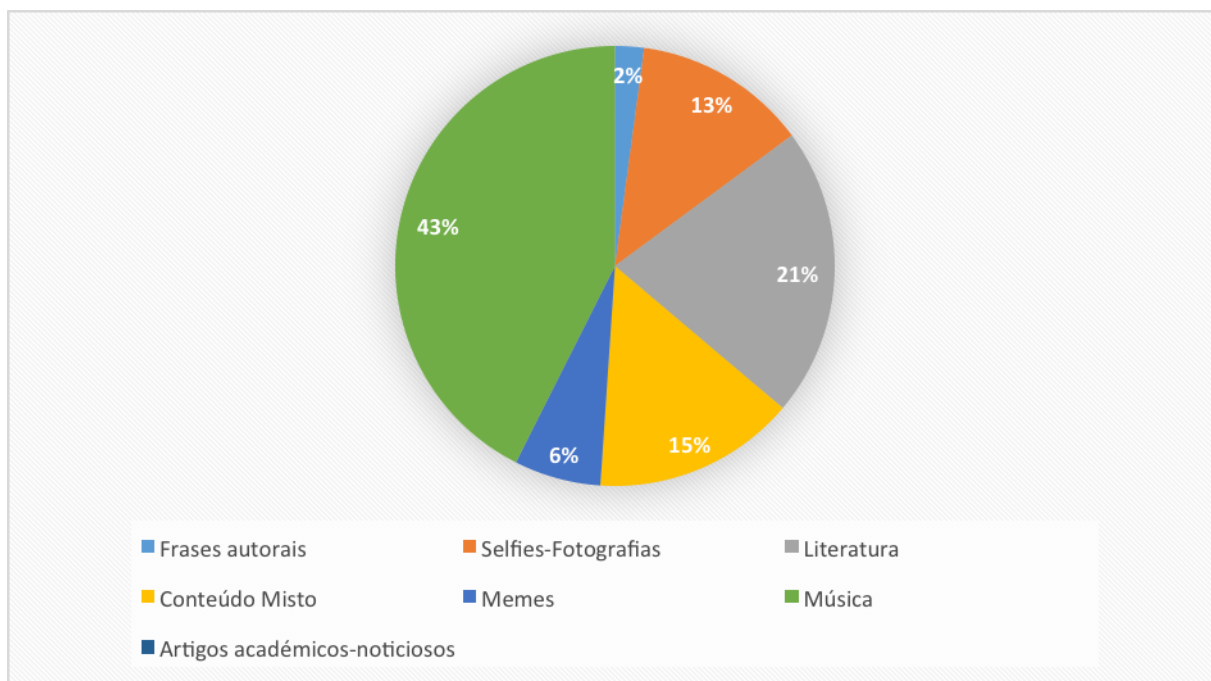


Figura 10. Recursos enunciativos utilizados por G.E. para construir narrativas amorosas em Facebook.

Muitas destas postagens refletem como a informante se vale do discurso para “rir de si mesma” publicamente; pois a época em que estas narrativas se fizeram mais recorrentes coincidiu com o momento em que terminou o namoro com seu parceiro anterior; como vemos nas seguintes imagens:





Figura 11. Imagens tomadas da *timeline* de G.E. onde se aprecia o uso de narrativas humorísticas para estabelecer jogos discursivos com relação ao ideal de amor romântico<sup>61</sup>.

Poderíamos dizer que, no caso da informante, a rede continua sendo um espaço de construção identitária individual, porém, ao mesmo tempo passível de sofrer adequações que são dadas por intrusões de pessoas afetivamente próximas.

Em sentido geral G.E. publiciza com bastante regularidade aspectos íntimos das vivências que partilha com seus parceiros amorosos. No entanto, observamos que na sua fala também se expressa uma preocupação com o gerenciamento da impressão (GOFFMAN, 2009) no site de rede social. Esta preocupação se vê refletida na avaliação de cada conteúdo da sua vida diária que muitas vezes se sente impulsada a postar. A auto-reflexividade aparece de questionamentos sobre o suposto “interesse” que sua rede de contatos poderá sentir se esse conteúdo é efetivamente postado, o que diz respeito à relevância que a alteridade e a figura do outro tem para o término exitoso e feliz da sociabilidade. Narrativas são, nesse sentido, a ponte que se estende entre o mundo afetivo de quem posta e quem recebe e interage – se decidir interagir – com esse conteúdo, pois no final das contas não há sociabilidade se a plateia escolhe recusar a comunicação e se manter à margem do discurso.

<sup>61</sup> Tradução: Meme 1: “Se você não encontrar o amor da sua vida na décima tentativa, iremos lhe dar um pet”.

### 3.3.4. D.H.

D.H. é comunicadora social de formação. Tem 26 anos de idade e mora na cidade de Havana e atualmente trabalha como especialista em comunicação no Instituto Cubano de Rádio e Televisão (ICRT), instituição que se dedica à produção e divulgação da maior parte do arsenal televisivo e radial do país.

D.H. faz parte atualmente da rede de contatos pessoal da pesquisadora, no entanto, o contato entre ambas não era de muita proximidade, já que só estabeleciam algum tipo de intercâmbio através das ferramentas básicas de interação do Facebook (curtidas fundamentalmente), sendo as conversas privadas um canal praticamente não utilizado por ambas para compartilhar algum tipo de informação. Esse era – fundamentalmente – o cenário de comunicação entre ambas até o momento de início da pesquisa, fase a partir da qual as observações e monitoramento do perfil se tornaram cada vez mais agudos e logo foram complementados, em primeiro lugar, pelo pedido de colaboração oficial com a pesquisa e posteriormente mediante entrevistas via *e-mail* e chat. Não foi possível, neste caso, estabelecer algum tipo de contato via *Skype* ou outra ferramenta de vídeo-ligação tendo em conta que as possibilidades de conectividade, combinado com as rotinas de trabalho da informante, não lhe deixavam muito tempo nem recursos para estabelecer este tipo de contato.

D.H. criou seu perfil no Facebook como uma curiosidade que surgiu quando ainda estudava na Universidade e em uma das disciplinas a ferramenta era bastante utilizada para intercambiar informações e pôr em prática conteúdos oferecidos em sala de aula. Nesse sentido, segundo ela própria aponta, abrir uma conta no Facebook foi, além de uma necessidade acadêmica, resultado de uma curiosidade de saber que tipo de intercâmbio ali se estabelecia quanto à socialização.

Segundo ela própria argumentava:

Ter acesso ao Facebook é uma oportunidade de socializar numa esfera que se bem não é a tradicional, também oferece a possibilidade de fazer amizades, compartilhar informação interessante, te manter informado e conhecer sobre determinados temas sempre que você seguir as páginas pertinentes.

Ao analisarmos a *timeline* de D.H desde o momento de início da nossa entrada em campo, observamos que a apresentação de si se estabelece fundamentalmente através de *selfies*, fotografias convencionais com amigos, pessoas próximas e, em particular, por meio de textos, trechos e citações que em sua maioria falam sobre os

afetos, os desafios da individualidade e têm em geral um tom existencialista e filosófico. Faz-se uso de muitas frases e textos de intelectuais, escritores e artistas reconhecidos na esfera pública internacional para discursar sobre temáticas relacionadas à vida emocional. Notamos que a poesia constitui uma constante nas narrativas construídas por D.H. para definir publicamente traços identitários e se auto-afirmar diante sua rede de contatos.

Os *selfies*, em particular, aparecem como narrativas de auto-apresentação constante nas performances discursivas de D.H., constituindo-se naqueles “instantes de exteriorização subjetiva do eu” (PEREIRA, 2016) através de recursos escolhidos intencionalmente dentre os quais identificamos: poses, manipulação e edição das imagens, cores e filtros escolhidos, etc. Observamos que, no caso dos *selfies*, é uma generalidade o fato de a informante postar a imagem sem acompanhamento nenhum de legenda ou *hashtags* para complementar o conteúdo. Na totalidade de *selfies* analisada não identificamos este tipo de complementos. Na maioria destas imagens a informante se apresenta com olhares ao infinito, muitas vezes apresentando fotografias que são trabalhadas em preto e branco. Nesse sentido, é interessante tentar desdobrar como essa narrativa visual isenta de textos constitui uma expressão importante da subjetividade alter-dirigida de atores sociais que se identificam com esse recurso discursivo para tecer as próprias performances virtuais. Segundo Pereira (2016):

No *selfie*, como nas demais publicações compartilhadas em rede, os atores são ao mesmo tempo protagonistas e diretores de si mesmos e do cenário em que se inserem, além de editores, uma vez que manipulam as imagens priorizando predominantemente narrativas visuais de sucesso, por meio das quais exacerbam qualidades, histórias de superação, trajetórias individuais e experiências desejáveis para apropriação do outro (PEREIRA, 2016, p. 40).

Nesse sentido observamos que, embora a ausência de legendas acompanhando as imagens não nos permitam apreciar explicitamente nenhum traço discursivo voltado para a superação, o próprio tratamento que se faz das imagens, sua edição e até as poses assumidas pela informante para se auto-apresentar denotam sua intenção de ressaltar determinados atributos estéticos do físico e também do próprio emocional que se orientam para uma imagem projetada onde se potenciam valores implícitos de sobriedade, alegria, mistério, etc. Em estudo realizado por Zhao et. al (2008) os autores concluíram que além de os usuários se valerem de múltiplas estratégias para a

construção identitária no Facebook, apontaram como aquelas de natureza visual constituíam formas implícitas de construção identitária. Segundo os autores:

as reivindicações identitárias mais implícitas são visuais, envolvendo a exibição de fotos e imagens subidas pelos próprios usuários ou imagens junto com comentários postados nas suas contas por outros usuários [...] (ZHAO ET. AL, 2008, p. 1823).

A respeito destas narrativas gráficas, nossa informante apontou em vários momentos da entrevista que ao postar essas fotos sempre foi ciente do caráter socializador que a rede tinha e, nesse sentido, enfatizou que em várias ocasiões postava esperando que esse conteúdo alcançasse pessoas pelas quais se sentia atraída sexual e afetivamente:

Em sentido geral a intenção é sempre compartilhar, ninguém publica nada aqui no Facebook se não deseja que outros vejam esse conteúdo e inclusive interajam através de uma curtida ou o que for. Em alguns casos tenho tido em mente alguma pessoa quando posto minhas fotos, geralmente uma pessoa da qual gosto ou com a qual tenho algum tipo de relacionamento.

Durante as entrevistas, D.H. declarou não se sentir muito à vontade para publicar na sua *timeline* coisas demasiado íntimas. No entanto, faz uso da rede para expressar de maneira recorrente emoções e sentimentos. Segundo ela apontava:

Tenho sentido a necessidade de fazê-lo, pois quando se trata de coisas tristes sempre você encontra algum comentário alentador, uma frase ou o que for, e se estou falando sobre emoções positivas sempre vai ter alguém que te mostre agrado. Disso se trata também o caráter socializador deste espaço.

No depoimento realizado por D.H. observamos que, para além do cuidado que a informante tem com relação ao seu *disclosure* nesse espaço, existe uma apropriação explícita e clara da rede como um espaço de sociabilidade onde as trocas afetivas são relevantes para o desenvolvimento das suas práticas virtuais, porém, a dosagem de conteúdos é importante. Ao postar, existe sempre a expectativa de retorno comunicacional por parte da sua audiência; pelo que concluímos que uma das razões que a mobilizam a publicar sobre suas emoções são precisamente as trocas que podem ser geradas a partir da narrativa de si.

No que diz respeito às narrativas amorosas, a informante declarou não usar a rede com muita frequência para falar sobre tais assuntos. Segundo ela, quando faz isto geralmente usa o chat privado para conversar com amigos próximos: “Quanto ao que faço público, são normalmente frases interessantes, notícias do meu interesse, fotos minhas e dos meus amigos, esse tipo de coisas”. Por outra parte, afirmou nunca ter

compartilhado com seus parceiros sentimentais sua senha nem nenhum tipo de dado que pudesse pôr em risco sua privacidade na rede, mas, segundo comentava, costuma partilhar quase todas suas práticas de socialização virtuais e os usos que faz da plataforma.

D.H. comentou algo que achamos relevante para discutirmos algumas das questões que atravessam nosso objeto de estudo e está relacionado ao ciúmes que seu convívio no site de rede social Facebook tem lhe provocado. Declarou ter sentido muitas vezes este tipo de emoção motivada essencialmente por coisas “bobas”, como ela mesmo apontou: “Uma das coisas que tem me provocado ciúmes, por exemplo, são as novas fotos que a *ex* do meu parceiro postava. Eu via e sabia que do mesmo jeito ele poderia ver, isso me cutucava de algum modo”. Isto é interessante, pois nos chama a atenção sobre o quanto as narrativas de pessoas que ela considera como “ameaças” potenciais para seu relacionamento influenciam suas práticas “*off the record*” na rede, já que segundo percebemos nas declarações feitas durante as entrevistas, em muitas ocasiões este ciúmes a tem levado a monitorar com certa periodicidade tanto o perfil do seu parceiro quanto o da própria pessoa que lhe provocou essa reação, com o propósito de achar algum registro que pudesse lhe proporcionar informação sobre possíveis contatos virtuais entre estas pessoas.

Observamos a recorrência de agradecimentos públicos a presentes recebidos tanto por amigos quanto por parceiros sentimentais. Estes depoimentos são apresentados fundamentalmente usando imagens e textos curtos onde é mantido o anonimato sobre a quem vão encaminhados estes discursos e isto aparece como uma constante na narrativa. Não conseguimos identificar à primeira vista nos comentários destas postagens respostas por parte de parceiros amorosos.

A música constitui também um recurso ao qual nossa informante recorre com bastante frequência para criar este tipo de narrativa mais subliminal onde não fica esclarecida a intencionalidade da mensagem. Nas entrevistas, D.H. comentava que quando precisa exteriorizar algum tipo de sentimento geralmente usa a rede de maneira simbólica para representar alguns afetos, mas não de forma muito explícita, coisa que pudemos identificar como uma tipicidade da sua narrativa autobiográfica na maioria das postagens que foram incluídas nas análises. Nesse sentido ativam-se alguns recursos como músicas, poesias e frases de personalidades que estejam relacionadas à temática que lhe interessa extravasar no momento em que publica, mas deixando a margem da

dúvida para sua rede de contatos sobre o que está querendo dizer, como pode ser visto abaixo:



Figura 12. Imagens tomadas da *timeline* de D.H. onde músicas e poesias são usados como recursos para dotar de sentido à narrativa<sup>62</sup>.

Apreciamos como a escolha de trechos específicos de músicas e poesias contém em si própria a necessidade de a informante enfatizar emoções que são evocadas através deles. Há uma intencionalidade visível a partir do momento em que D.H. escolhe ressaltar uma frase particular dentro da obra toda, seja uma música, uma história, etc.; e isso é relevante quando entendemos o perfil virtual como uma representação da individualidade que é constantemente gerenciada (GERSHON, 2012) pelos atores. Nas imagens de cima vemos o uso de uma frase do poema “Muchacho loco”<sup>63</sup>, como uma provocação na qual parece ser que a informante conversa com alguém que não é citado em momento algum. O uso de reticências deixa entrever também esse tom de suspense, de mistério que a postagem possui.

Contudo, observamos que quando sua intenção é obter algum tipo de *feedback* (dicas, conselhos, frases encorajadoras), a narrativa se estabelece muito mais claramente do que de costume; embora como ela mesma apontava, nesses momentos de tensão geralmente opta por evadir a esfera pública da rede com o propósito de evitar interações

<sup>62</sup> Tradução: Imagem 1: A vida ira se abrir como uma flor, se só encontro o teu olhar, e o alento do mar mensageiro. Imagem 2: Moço louco, quando você me olha...

<sup>63</sup> Escrito pela poetisa cubana Carilda Oliver, é um dos emblemas da poesia erótica em Cuba.

conflituosas ou confusões e usa o chat privado para conversar com amigos e pessoas mais próximas.

É importante salientar que durante o período em que começamos a análise do perfil da nossa informante, não se identificaram narrativas amorosas explícitas, entendidas por nós como interpelações públicas e diretas a parceiros da vida sentimental através de discursos. No entanto, indo um pouco além da temporalidade definida no nosso recorte de entrada de campo, observamos registros de narrativas autobiográficas nos quais as vivências sobre uma experiência amorosa em particular possuem uma visibilidade importante na *timeline* de D.H. Desse modo, sem deixar de focar na análise das postagens mais recentes, optamos por incluir estas narrativas no nosso escopo de pesquisa por considerá-las relevantes para a discussão que aqui estamos tentando trazer. Para tal, aplicamos basicamente a estratégia de monitoramento de perfis combinada com as entrevistas abertas, que nos serviram para interpelar a nossa informante sobre as interioridades destas construções discursivas prévias, sempre tendo o cuidado de não invadirmos demais os limites sentimentais que desde o começo da pesquisa optamos por respeitar. Ao se tratar de uma experiência amorosa prévia que a informante não mantém atualmente, conversar sobre o tema constituiu um desafio do ponto de vista instrumental, já que ao mesmo tempo que não queríamos deixar de incluir tais discursos na nossa análise, introduzir o tema foi difícil e para isso tivemos que recorrer a estratégias que pudessem oferecer à informante a ideia de que pelo próprio percurso de investigação chegamos a tais postagens e estas discussões não deixavam de fazer parte do nosso estudo, deixando aberta para ela a decisão de falar sobre o assunto ou não.

Em tais narrativas, aprecia-se mais uma vez a evasão de depoimentos demasiado explícitos sobre sua situação sentimental; já que embora aparecem imagens onde claramente se expressa certa intimidade entre ela e seu parceiro, a mensagem visual não é em momento algum enfatizada por nenhum comentário próprio a respeito de seu relacionamento. Destacamos também que a moderação do conteúdo resulta típica no comportamento de nossa informante no que diz respeito às narrativas amorosas: “Em geral não gosto de encher minha *timeline* nem a do meu parceiro com “coisas de amor”, nem cansar os meus amigos da rede com esses conteúdos. Penso que isso não demonstra o quanto se ama a outra pessoa, então, não há necessidade de excessos”. Tais observações foram registradas durante o período da análise das postagens (total de 129 foram coletadas) e entrevistas, assim como se mostra abaixo:



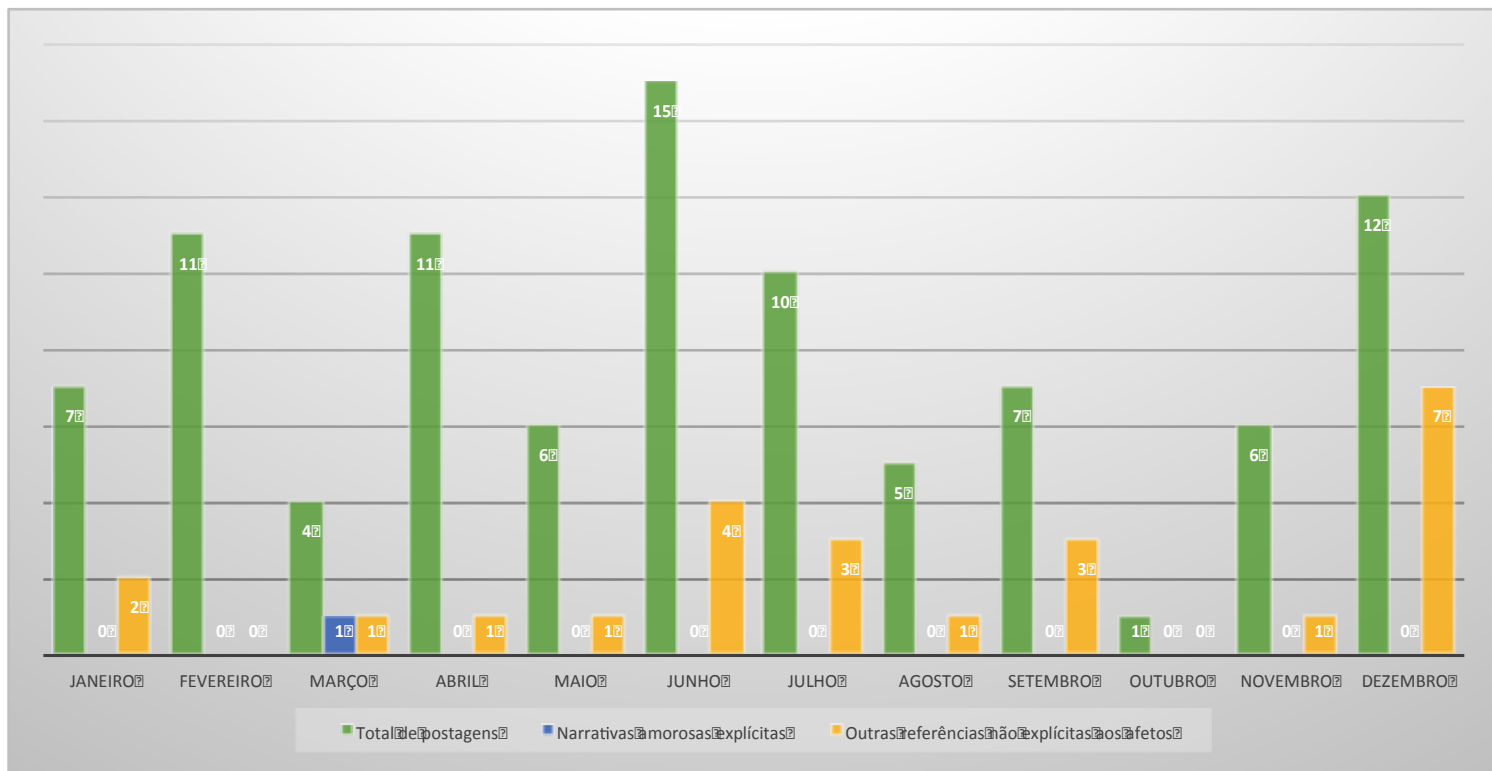


Figura 13. Análise de postagens da *timeline* de D.H. durante 2016; onde observamos o predomínio de narrativas amorosas não explícitas.

Há aqui uma preocupação, em primeiro lugar, com a rede de contatos e o gerenciamento da impressão (GOFFMAN, 2009) na cena pública; se associando a profusão de narrativas amorosas a práticas que, em demasia, podem gerar percepções negativas por parte dos outros com relação à sua *persona* nesse site de rede social. Isto é interessante para pensarmos o cuidadoso gerenciamento da frequência de publicação de certo tipo de conteúdos em função de garantias de aceitação e valorização dos atores na sua rede social mais ampla.

Detectamos mensagens associadas a filosofias da superação e do empoderamento emocional que são geralmente postagens replicadas de páginas e pessoas que fazem parte da sua rede de contatos-interesse e raramente publicações de natureza autoral, como podemos ver nas imagens abaixo:





Figura 14. Postagens tomadas da *timeline* de D.H.<sup>64</sup>

Numa das entrevistas realizadas durante o período de entrada em campo, D.H. comentava que:

Para muitos, Facebook é um entretenimento tonto, vulgar e frívolo. Eu particularmente considero que é um espaço, uma ferramenta, um fenômeno social – seja como for que você queira nomear – com um enorme poder, que se for bem aproveitado pode ser muito positivo, embora seja só a nível individual e pessoal.

Assim sendo, concluímos que nossa informante reconhece a plataforma como uma ferramenta muito relevante do ponto de vista pessoal e social, sendo seu ambiente de convívio fundamental quando se encontra *online*. A rede funciona também como válvula de escape em ocasiões nas que tem atravessado por algum tipo de conflito afetivo, embora as narrativas estejam mais focadas em extravasar sugerindo um desconforto mais do que explicitá-los de maneira clara para sua plateia.

### 3.3.5. C.C.

C.C. tem 28 anos de idade e se registrou no Facebook pela primeira vez no ano de 2006. Faz uma década usa a ferramenta com o propósito, segundo ela própria afirmou, de manter o contato com pessoas que estão fora de Cuba, o país onde reside.

Não identificamos nos seus dados públicos nenhuma menção direta a algum tipo de status afetivo, porém, sua *timeline* está cheia de referências a temáticas amorosas e alusões diretas ao amor em textos que, por sinal, muitas vezes são escritos em inglês, além do espanhol; que é sua primeira língua. C.C. é psicóloga de formação e atualmente trabalha como professora de psicologia no Instituto Superior de Desenho (ISDI) da Cidade de Havana.. Para além da sua ocupação oficial, C.C. utiliza seu tempo livre

<sup>64</sup> Tradução: Imagem 1: Cuidado com os medos, adoram roubar sonhos. Imagem 2: A vida se abrirá como flor se encontrar apenas seu olhar e o alento do mar mensageiro.

desenvolvendo alguns trabalhos de fotografia artística, atividade que realiza tanto com fins lucrativos quanto por lazer. Seu perfil no Facebook é reflexo disso: paralelamente ao seu perfil pessoal, C.C. administra uma página nessa plataforma onde promove seu trabalho como fotógrafa, e muitas vezes vemos uma conexão entre sua página profissional e seu perfil pessoal, através de compartilhamentos fundamentalmente. Dentre as atividades principais que desenvolve na sua página de fotografia, a publicação de autorretratos ou fotografias onde ela própria aparece modelando é significativa. A maior parte do tempo as imagens são postadas acompanhadas por textos que podem ser trechos de músicas ou citações de algum escritor ou personalidade reconhecida no campo das artes e das letras.

Segundo ela própria comentava durante as entrevistas, no seu trabalho consegue ter acesso diário à Internet, com exceção dos finais de semana, além das vezes que por conta própria compra cupões que lhe permitem se conectar fora das instalações do seu centro laboral. Quando se conecta, as atividades principais que desenvolve na web consistem basicamente em revisar o e-mail e abrir o Facebook, a rede social na qual passa a maior parte do tempo quando tem a possibilidade de navegar, segundo ela, para interagir com amigos e se manter atualizada em matéria de política e cultura. Outras atividades como a procura de informações que necessita para seu trabalho ou para lazer, assistir vídeos de seu interesse no *YouTube* e acessar ao *Whatsapp* para se comunicar com amigos que estão fora de Cuba; este último só é possível para ela fazer quando se conecta via wifi através da compra dos cupons de conectividade.

Quando nos adentramos no seu perfil, observamos que o seu texto de apresentação está escrito em inglês e nele C.C. se define a si mesma como: “... *Just someone who believes in freedom, beauty, truth and love...*”<sup>65</sup>. Estas alusões diretas a valores específicos são uma constante no perfil analisado, e aparecem a maior parte do tempo explícitas através de textos e citações como um marcador de autenticidade e ao mesmo tempo funcionando como elemento diferenciador de sua personalidade perante sua rede de contatos. Em estudo realizado para analisar as performances e estratégias de apresentação de si de usuários cubanos em sites de *online dating*, Bacallao (2015) aponta que muitos destes perfis denotam também essa especificidade de se auto-posicionar na rede usando valores positivos como eixos discursivos para a construção social da identidade. Segundo o autor:

---

<sup>65</sup> Na sua tradução ao português: “Só alguém que acredita na liberdade, beleza, verdade e amor”.

A maioria dos perfis cubanos frequentemente fazem notar na sua descrição um número de valores humanos pessoais, tais como a honestidade, a sinceridade, a generosidade, o optimismo, a lealdade, a felicidade, a modéstia, a seriedade e a sensibilidade. Este longo inventário de valores também inclui ser estudioso, romântico, amoroso e apaixonado. Mas, de maneira similar à auto-apresentação, estas características são também usadas para descrever a pessoa que eles estão procurando: uma afetuosa, maravilhosa, genuína, trabalhadora, honesta, responsável, doce, esperançosa e boa pessoa” (BACALLAO, 2015, p. 65-66).

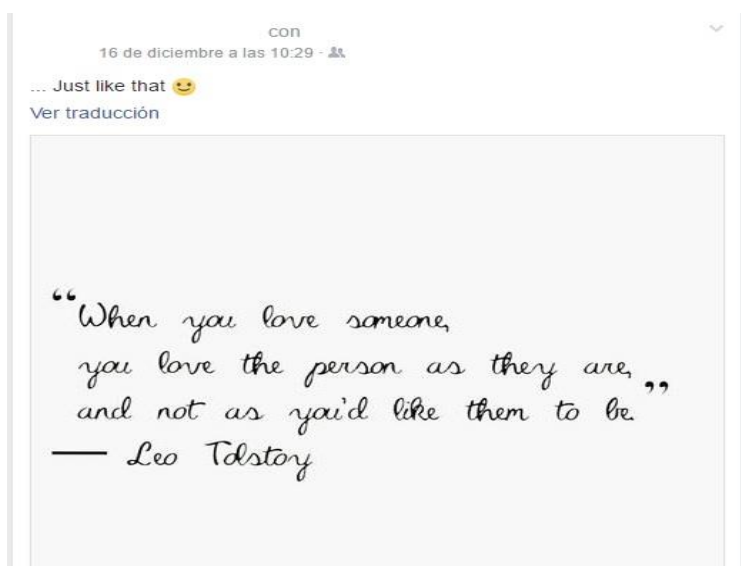
Na sua análise, Bacallao (2015) descreve o comportamento de usuários cubanos em sites de encontro; um ambiente de socialização que ativa recursos diferenciados aos da plataforma Facebook. No entanto, encontramos alguns pontos de contato entre os resultados obtidos pelo autor no seu trabalho e os dados que levantamos durante nossa entrada em campo. Sem pretensão de fazer generalizações, percebemos que existe uma série de padrões comportamentais de usuários cubanos que são comuns quando se trata de construir *personas* em plataformas virtuais, embora estas auto-construções apresentem especificidades para cada pessoa e respondem a critérios tais como faixa etária, formação, nível de engajamento e de alfabetização digital, propósitos de socialização, entre outros. O perfil de C.C. no Facebook reflete muitas destas tipicidades na auto-apresentação.

Quando lhe indagamos sobre as razões pelas quais favorece o uso da língua inglesa nas suas postagens ela afirmou que a considera parte da sua identidade, pois além de ter aprendido essa língua desde que era ainda criança, existe uma conexão afetiva muito forte com ela, ao ser a língua nativa dos seus antepassados que emigraram para a América da Grã Bretanha. Tais dados nos levam a pensar na existência de uma construção de si que não só se dá através de um processo consciente de encenação pública (GOFFMAN, 2009), mas também é contida dentro de um amplo e complexo sistema de autodescoberta.

Durante as entrevistas com C.C. observamos uma predisposição positiva para falar sobre o amor e temáticas afetivas em geral através do seu perfil, o qual constatamos quando analisamos o conteúdo postado por ela em Facebook durante um período de seis meses. Na apresentação virtual de C.C. nesse site de rede social, apreciamos a construção cuidadosa de uma *persona* através da qual se refletem valores identitários tais como a liberdade pessoal, a condição aventureira e apaixonada, e o estilo de vida boêmio e alternativo. C.C. mostra – a partir dessas articulações de valores simbólicos – um posicionamento claro frente à sua rede de contatos. Ela diz exatamente

quem é (ou deseja ser) e constrói as narrativas que assim o confirmam através dos recursos textuais que a própria plataforma lhe fornece. É recorrente o uso de trechos e citações para falar sobre sua auto-percepção, os quais em sua maioria remetem a uma personalidade aventureira e otimista.

Dentro dessa linha discursiva C.C. faz questão de introduzir reflexões próprias sobre o amor e seus diversos relacionamentos. Chamou-nos a atenção de maneira particular o fato destas postagens constituírem um contra-discurso ao que poderia ser entendido como uma narrativa de natureza romântica, tal como é entendido ocidentalmente o romantismo aplicado ao campo afetivo. Os principais traços discursivos que reforçam esse argumento estão atrelados a conteúdos que refletem de maneira explícita a importância das liberdades pessoais para nossa informante no terreno afetivo. Veem-se postagens onde o humor é usado como recurso principal para desconstruir o ideal romântico que tem o casamento como momento fundamental de consumação e confirmação dos afetos, como podemos ver nas imagens que seguem, tomadas durante a fase de monitoramento do perfil de C.C. Nessa publicação em particular, a informante não só postou o meme, mas também adicionou como complemento uma legenda própria onde podemos ler: “Sim, que fique bem claro”<sup>66</sup>; ficando assim explícito seu posicionamento com relação ao casamento e, ao mesmo tempo vislumbrando indiretamente alguns detalhes sobre como é por ela entendido o amor e os relacionamentos amorosos.



<sup>66</sup> Tradução nossa.

Figura 15. Imagens tomadas da *timeline* de C.C. onde se observam mensagens que tentam desconstruir o ideal de amor romântico<sup>67</sup>.

Ao lhe indagar sobre suas percepções sobre o amor e em particular os relacionamentos amorosos, ela apontava que nas suas postagens tentava sempre chamar a atenção sobre a necessidade de superar a visão romântica dos relacionamentos em seu sentido mais negativo, já que para ela esse tipo de modelo relacional não faz senão incentivar o sentimento de possessão entre os casais, um tipo de afeto que ela tenta constantemente evadir:

O sentimento, o afeto, o que sentimos, nasce sozinho, surge, é livre...então os humanos precisamos fechá-lo como a um passarinho, como arrancar uma flor, para que sejam nossos, mas o passarinho pode morrer e a flor secar porque não podemos possuir o que naturalmente não é nosso, é deles mesmos, cada ser, cada coisa é individual, nós mesmos pertencemos a nós mesmos, não a outros, ninguém nos pertence, é assim como eu o vejo. Não acredito nisso de que alguém possa me completar, simplesmente me vejo refletida em certas características da outra pessoa ou não, e entendo que é diferente de mim, porque somos pessoas distintas.

Salientamos o fato de que durante as conversas estabelecidas através do chat do Facebook, nossa informante sentiu-se à vontade para falar sobre múltiplos assuntos relativos à sua intimidade amorosa e o jeito de publicizar isso no seu perfil do Facebook. Pudemos perceber na sua linguagem e no uso de recursos como *emoticons*, gírias e algumas expressões de simpatia que estava se dando uma relação positiva entre a pesquisadora e a informante, processo no qual talvez tenha influenciado a proximidade geracional entre ambas.

Consideramos importantíssimo que se estabeleça esse tipo de relação entre o pesquisador e os informantes, já que ao se tratar de uma pesquisa de cunho etnográfico pretendemos nos aproximar do universo afetivo de pessoas com as quais – em alguns dos casos – acabamos incitando algum tipo de contato. Falar sobre assuntos relativos à intimidade amorosa é sempre um desafio, pois o *disclosure* pode ser limitado por fatores tais como o medo do julgamento, a relação de proximidade ou distanciamento cultural entre pesquisador e informante, a mediação das próprias plataformas tecnológicas que barram outro tipo de linguagens que poderiam ser ativadas no contato

---

<sup>67</sup> Tradução: Imagem 1: “Quando você ama alguém, você ama à pessoa tal como é e não como você gostaria que fosse”. Imagem 2: Desejo fazer isso algum dia...saltar de paraquedas - Comentário em cima: Sim, que fique bem claro!

face a face, entre outros. No entanto, consideramos que nossa informante se mostrou aberta a todas as questões levantadas durante as entrevistas e com uma predisposição para falar sobre esses assuntos, o que repercutiu de maneira positiva para nossa experiência em campo.

Os temas e recursos textuais articulados por C.C. para constituir sua persona virtual através de narrativas reforçam a ideia de que, da sua parte, a predisposição para falar sobre afetos é positiva. Durante as entrevistas ela própria chamava a atenção sobre a importância de expressar publicamente um sentimento, um evento importante na sua vida pessoal:

Acho que expressar publicamente um sentimento ou um evento que terá lugar é uma maneira de fazer aos outros saberem coisas sobre ti mesma nesse momento, significa compartilhar emoções e sentimentos, gostos, interesses, é dar uma parte de ti mesma de alguma maneira.

Nas imagens que seguem, pode ser observada uma ideia de simplicidade e espontaneidade com a qual C.C. constrói suas narrativas sobre o amor, as quais, além de mostrarem com clareza a temática que abordam, reforçam alguns dos valores apontados pela informante nas entrevistas sobre a importância que lhe confere à liberdade dentro de um relacionamento. Utilizam-se frases curtas e enfáticas, onde predominam a exclamação e o tom otimista:



Figura 16. Imagens tomadas da *timeline* de C.C. onde se mostram narrativas amorosas<sup>68</sup>.

Na segunda imagem, podemos ver enunciações que descrevem um estado emocional pontual para C.C. onde se alude a uma certa esperança que, no momento da postagem, se diz recuperada; se tratando de um discurso de superação. Por outra parte, na imagem da esquerda apreciamos que se usa a língua inglesa e a primeira pessoa para passar a impressão de estar estabelecendo um diálogo com alguém que não aparece explicitamente citado na postagem, contudo, reconhecemos na frase uma interpelação que sugere uma suposta “fugida” com essa pessoa.

Como já sabemos, a identidade compõe-se de escolhas simbólicas e materiais que os indivíduos vão fazendo, consciente e inconscientemente, durante a vida e nesse processo a sociabilidade tem um peso importantíssimo. Algumas pesquisas (RECUERO, 2009, BOYD, 2007; POLIVANOV, 2014) têm apontado como os sites de redes sociais se constituem em espaços férteis para a socialização e como a proximidade com o outro pode constituir uma motivação para a construção social da identidade através das narrativas autobiográficas. Tais discursos refletem construções cuidadosas de estilos de vida assumidos pelos sujeitos e publicizados por eles para se auto-afirmar diante dos outros nos sites de redes sociais. Se auto-definir por meio de narrativas pessoais significa dizer ao outro que o convidamos a entrar em nosso círculo pessoal ou não. Marcadores de compatibilidade são constantemente ativados pelos atores sociais que publicizam seus interesses no Facebook e podem chegar a gerar interações conflituosas entre membros de uma mesma comunidade; as quais podem em alguns dos casos ser expostas publicamente. Desse modo entendemos que as narrativas de si podem ser ao mesmo tempo indicadores de proximidade ou distanciamento entre os sujeitos que interagem nos sites de redes sociais enquanto constituem a forma através da qual a *persona* é estruturada publicamente nesses ambientes.

No caso particular de C.C., o Facebook tem sido ao longo dos anos um canal propício para auto-construir sua individualidade e condensar determinadas características próprias da sua personalidade que em outros ambientes de socialização não conseguiria estruturar de maneira tão clara e interconectada. Ela mesma a auto-define como sua “pequena casa virtual”, à qual se dedica por completo para mantê-la do jeito que gosta,

---

<sup>68</sup> Tradução: Imagem 1: Eu fugiria...eu fugiria com você... Imagem 2: E de repente não sei como nada sinto e realizo que estou livre de temores, livre já de amores...Renasço, pego ar e o mundo me responde outra vez (emojis).



como qualquer espaço físico no qual habita. Assim, segundo ela comentava durante uma das entrevistas, arruma seu perfil colocando nele coisas que a definem como pessoa: frases e imagens às quais possa recorrer quando sinta que algum comportamento está indo contra suas expectativas consigo mesma. A rede é nesse sentido a plataforma e ao mesmo tempo a própria narrativa autobiográfica. Assim, encontramos nela registros que expressam critérios pessoais da nossa informante com relação a temáticas diversas e conteúdos de cunho íntimo nos quais a incitação pessoal para falar sobre eles é o fator quase exclusivo para sua publicização. Isto é coerente com alguns apontamentos realizados por Zhao (2008) quando afirma que:

Usuários do Facebook podem enfatizar e inclusive exagerar a parte dos seus selves possíveis que são socialmente desejadas mas não facilmente discerníveis em encontros *offline* breves, tais como o caráter, a inteligência, e outras qualidades importantes (ZHAO, 2008, p. 1821).

Encontramos um perfil no qual achamos posicionamentos claros da nossa informante com relação à sexualidade: é recorrente a publicação de textos e imagens em favor da liberdade sexual e dos direitos dos homossexuais, de fato é relevante sinalizar que numa das fotos “destacadas” da página de apresentação da sua biografia C.C. tenha escolhido colocar uma na qual ela própria aparece levantando a bandeira do movimento *gay* em uma das manifestações realizadas em Havana em favor da liberação sexual. Este elemento aparece então como um marcador identitário que é de seu interesse reafirmar como parte da sua *persona* nesse site de rede social, e resulta relevante para nossa discussão já que está diretamente associado à linha discursiva que sobre os afetos e as relações amorosas que C.C. constrói na sua *timeline*. Paralelamente, comentários que aludem à beleza feminina deixam entrever uma vontade recorrente de expressar suas opiniões com relação às liberdades sexuais num país onde ainda esse tema constitui um tabu, embora esteja muito mais flexibilizado do que em anos precedentes.

Analisando o perfil da nossa informante, identificamos que quando se trata de temáticas afetivas, as marcações são uma estratégia de interação importante, embora não exclusiva. Durante as entrevistas, C.C. declarou não sentir uma necessidade constante de extravasar temáticas associadas à sua intimidade, porém, usava a rede quase sempre para interagir com parceiros que não se encontrassem nesse momento em Cuba e ativar significados que ambos compartilhassem – imagens de comidas que ambos gostassem, trechos de filmes e livros, etc. –, e nisso a própria *timeline* tem um peso fundamental, pois muitas das interações transcendem o ambiente privado do chat,

o que confirma nosso argumento de que a narrativa pública se torna, nos sites de redes sociais, um recurso chave na construção individual da publicização reflexiva dos afetos, sobre a qual temos chamado a atenção ao longo do nosso trabalho.

É importante a figura do outro para que a narrativa ganhe legitimidade, o que não significa que se a interação acontece no ambiente privado esteja carente dela, mas que, se é pública, o valor outorgado a ela aumenta, pois aumenta seu alcance e a quantidade de pessoas que indiretamente estão sendo partícipes dessa relação afetiva e incitados a interagir de algum modo. Quanto aos recursos enunciativos mais utilizados pela informante<sup>69</sup> para publicizar o amor, constatamos que existe uma preferência por imagens, particularmente *selfies* e autorretratos, representando um 28% do total de narrativas amorosas identificadas durante um ano de mapeamento do perfil, como se vê no gráfico abaixo:

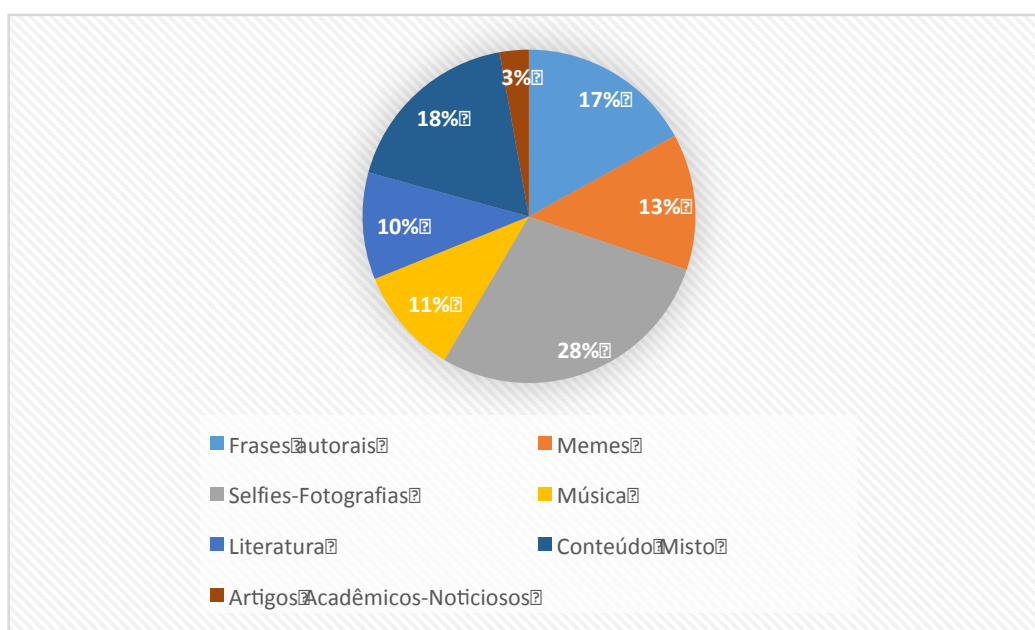


Figura 17. Recursos enunciativos utilizados por C.C. para construir narrativas amorosas no seu perfil no Facebook.

É importante falar sobre os afetos diante uma rede heterogênea e com essa narrativa estaremos dizendo ao sujeito interpelado o quão importante é para a pessoa que estrutura a mensagem; é precisamente ali onde reside o ganho extra de legitimidade que anteriormente comentávamos. Nas postagens desse cunho realizadas por C.C. no período em que monitoramos seu perfil se mostram reações imediatas dos parceiros

<sup>69</sup> Foram coletadas no total 472 postagens da informante.

interpelados, basicamente através de comentários. Resulta importante sinalizar que não identificamos nenhum registro de oficialização de namoro ou parceria romântica de algum tipo no perfil de C.C.; o qual é coerente com seus depoimentos sobre o cuidado da intimidade nos sites de redes sociais e sua evasão – também discursiva – a qualquer tipo de compromisso.

Outra das estratégias de sociabilidade ativadas por C.C. para interagir com seus parceiros que achamos interessante comentar é o uso indistinto de línguas estrangeiras, para além do inglês. Identificamos essa como uma prática de empatia que visibiliza pontos de contato entre os atores aos quais se recorre quando a necessidade de comunicação se intensifica, como vemos na seguinte postagem, escrita em francês:



Figura 18. Imagem tomada da *timeline* de C.C. em que se vê o uso da língua francesa<sup>70</sup>.

Segundo ela apontava, todo compartilhamento ou postagem relacionado às temáticas afetivas que constrói na sua *timeline* é cuidadosamente elaborado antes de ser publicizado, processo no qual nossa informante quase sempre tenta conferir que os conteúdos sejam compatíveis com os valores que usualmente defende como atributos identitários; o qual podemos identificar como uma prática auto-reflexiva que busca manter a coerência expressiva (SÁ e POLIVANOV, 2012) no seu discurso virtual, o que Giddens (2012) chamou de *narrativas biográficas coerentes*.

### 3.4. Discussão dos resultados

Observamos detalhadamente as práticas dos informantes, sublinhando a predominância de narrativas onde explicitamente se alude ao parceiro amoroso, em

<sup>70</sup> Tradução: Imagem 1: Alguém me disse que você ainda me ama, foi alguém que me disse que você me ama ainda...será isso possível?

muitos dos casos incitando-o a interagir com o conteúdo por meio de marcações, fundamentalmente. Usam-se recursos enunciativos como perguntas, interpelações e outros que passam a sensação de estar sendo estabelecida uma conversa pública entre o casal dentro da rede. Dentre estas conversas públicas, chamou-nos especialmente a atenção que regularmente alguns dos conteúdos são apresentados publicamente com a “aprovação” do parceiro. Na maior parte dos discursos em que observamos este tipo de comportamento, tratava-se de fotografias e imagens nas quais o sujeito – em sua maioria mulheres – se mostrava usando roupas curtas, em poses estilizadas onde a erotização da imagem é evidente. Estes conteúdos aparecem complementados por legendas onde o sujeito – usando o tom coloquial e relaxado – “brinca” com o fato de que a postagem de tais imagens esteve previamente avaliada pelo seu parceiro amoroso, que acabou “aprovar” tal publicização. Assim se estabelece um tipo de cumplicidade pública entre ambos que logo depois é continuada com respostas do parceiro nos comentários da imagem, com narrativas jocosas onde não se vê nenhuma interação conflituosa após a publicação, ao menos não no cenário público onde pudemos observar estas dinâmicas.

Confirmamos assim a ideia de que narrativas pessoais possuem uma alta dose de influência de terceiros que participam, mesmo que não explicitamente, da performance discursiva e constituem – para estes atores – líderes de opinião dentro da rede. Como foi apontado por boyd (2010):

Participantes não têm controle completo na sua auto-apresentação. Embora as funções permitam aos participantes restringir as contribuições de outros no seu perfil, muitos deles se mostram favoráveis à contribuição de imagens e comentários (BOYD, 2010, p. 42).

Por outra parte, constatamos que dinâmicas de controle do comportamento do outro são essenciais quando atores sociais se deparam com situações emocionalmente conflituosas, como é o caso de término de relacionamento onde a amizade virtual com o ex parceiro é desfeita a fim de evitar futuras mágoas dentro e fora da rede. Assim, alguns informantes relataram recorrer a procedimentos como a eliminação ou bloqueio do parceiro quando as relações entre eles se tornam “pesadas” na interação diária dentro do Facebook. Muitos apontaram que bloqueiam ex parceiros fundamentalmente para evitar comentários negativos em fotos ou atualizações de estado de qualquer natureza que estes atores desenvolvem a fim de sabotar a narrativa pública do sujeito.

Na linha destas interações conflituosas, pudemos observar também que a oficialização do namoro na rede chegar a se tornar uma preocupação recorrente para

atores que se envolvem neste tipo de práticas e então têm que lidar com os questionamentos sobre como desfazê-lo sem precisar dar muitas explicações a respeito. Nesse sentido o grau de alfabetização digital do sujeito, assim como sua experiência de uso e engajamento com a plataforma, são fundamentais para a resolução deste conflito. Alguns descreveram estratégias cuidadosamente elaboradas para evitar a visibilidade do “término virtual”, fundamentalmente usando opções de configuração e personalização dos perfis. No entanto, pudemos constatar que para sujeitos cuja experiência de uso da rede é mais básica estas vivências se dificultam ainda mais pelo medo a se deparar com constantes perguntas e intromissões de sujeitos que pertencem à sua rede de contatos pessoal sobre tal prática. Observamos também que atores sociais são mais favoráveis à publicização de vivências positivas – como declararam explicitamente em algumas conversas –, optando pelo ocultamento de sentimentos ou afetos de natureza negativa; nesses momentos a rede parece não ser uma opção.

Os critérios para a escolha do publicizável foram também relevantes na fala dos informantes que tivemos a oportunidade de entrevistar. Estes atores apresentaram visões comuns sobre a importância que para eles têm a preservação da intimidade e da individualidade dentro da cena pública do Facebook. Práticas de ocultamento de conteúdos íntimos vem a ser a forma mais clara de se posicionar na rede nesse sentido. Contudo, destacamos que a decisão de visibilizar para a rede de contatos alguma vivência que consideram demasiado “pessoal” vem geralmente acompanhada da sensação de arrependimento e culpa por ter desenvolvido um comportamento “egocêntrico”, usando os próprios termos com que descreveram tais experiências. Com estes relatos deparamo-nos com o fato de que predomina – embora acabe sendo uma predisposição que não decide em definitivo o curso real das performances dos sujeitos – a visão de que narrativas íntimas não são de todo aprovadas para a disponibilidade pública. No entanto, os mesmos atores que declararam abertamente se adscrever a esta visão desenvolvem no seu perfil práticas de *disclosure* emocional com certa frequência. Isto nos leva a pensar que tais performances discursivas acabam possuindo uma dose extra de cuidado à hora de estruturar a narração da vivência e da emoção se temos em conta quanta preocupação gera para estes sujeitos a consciência de estar visibilizando um conteúdo que, no seu imaginário, deveria ficar oculto.

Nos deparamos com uma preocupação generalizável a todos nossos informantes sobre sua privacidade e o seu nível de exposição na rede através das narrativas amorosas que ali publicizam. A ênfase que a totalidade dos informantes

colocou no cuidado que cada um tinha para estruturar discursos sobre seus relacionamentos amorosos deixou entrever o alto componente auto-reflexivo que media a construção de discursos íntimos nesses ambientes.

Durante a pesquisa deparamo-nos inclusive com alguns inconvenientes que, de maneira geral não afetaram grandemente o desenvolvimento do trabalho. No entanto, se encontramos disposições muito favoráveis para o *disclosure* durante as entrevistas, alguns sujeitos declararam ter sentido sua privacidade invadida e, portanto, no último minuto recusaram participar do estudo.

Refletimos também sobre o fato de muitos dos sujeitos entrevistados terem declarado que, após o término de relacionamentos muito “publicizados” por eles nas suas *timelines*, o saldo das memórias imagéticas, bem como registros de mensagens privadas, oficializações da relação, dentre outros elementos onde a rede funcionou como agente no relacionamento, optam por estratégias mais discretas com relação a este tipo de conteúdo. Nesse sentido, é válido apontar que momentos de exposição de si e dos afetos têm sido decisivos para performances discursivas futuras sobre o amor.

Geralmente os sujeitos passam por momentos de reflexão profunda nos quais o comportamento mais típico acaba sendo a decisão de evitar qualquer tipo de compromisso discursivo público – nos casos mais radicais – ou limitar a exposição de si do ponto de vista emocional, optando para tal por extravasar esse tipo de emoções que antes apareciam de maneira espontânea na rede, usando canais de comunicação privados (mensagens via chat fundamentalmente). Tal exposição de si é também visivelmente regulada pelos sujeitos quando optam por escolher para que atores sua *persona* será visível na rede, e neste sentido mecanismos de configuração da privacidade para limitar o alcance dos conteúdos autobiográficos, assim como a própria desativação do chat para algumas pessoas, são fundamentais. Constatamos que não apenas a narrativa pública atravessa processos de performance discursiva, como também os canais privados através dos quais se estabelecem trocas interpessoais – como o chat – constituem locais propícios para a encenação.

Se bem a representação do ideal do amor romântico aparece como uma constante discursiva em muitos dos casos analisados, observamos que há uma tentativa de desconstrução de tais ideais em função da menção constante à liberdade individual; sendo esse um atributo identitário muito invocado nas postagens analisadas; embora a maioria opte por discursos mais conectados com a retórica romântica no que diz respeito a temáticas afetivas.

Observamos, de maneira paralela, que há no discurso de alguns informantes uma certa vontade de parecer céticos no que diz respeito às narrativas de si que contêm uma alta dose de intimidade. Observamos mudanças discursivas entre alguns sujeitos durante o desenvolvimento do trabalho de campo, e isto coincidiu particularmente com o fato da sua performance discursiva ter sido reestruturada a partir de experiências de conflito com relacionamentos anteriores que estávamos mapeando desde o início da entrada em campo. Pessoas que no começo das conversações para o trabalho pareciam favoráveis à questão da exposição de narrativas amorosas em Facebook, mudaram não só suas práticas na ordem comportamental na sua *timeline*, mas também sua retórica nas próprias entrevistas e isto foi importante para confirmar o quanto de auto-reflexividade (GIDDENS, 2012) está presente nestes processos de construção de si em ambientes virtuais.

Considerando que muitos dos atores entrevistados conseguem manter certa presença no site de rede social Facebook, acessando fundamentalmente de seus centros de trabalho e estudo, a performance discursiva recebe influências importantes que resultam em comportamentos que vão desde a autocensura até o cuidado para não usar demais a rede para assuntos de ordem pessoal. Os informantes relataram que a sensação de ter que justificar de algum modo seus privilégios de acessar a plataforma do trabalho – algo que nem todo podem fazer –, os leva a postar muitas vezes conteúdos com os quais declararam não ter muita afinidade; o que nos leva a pensar que uma porção importante das narrativas de si é apresentada para a rede de contatos como um marcador identitário que nem sempre é totalmente “espontâneo” ou “natural”. Chefes, superiores e colegas de trabalho podem exercer nesse sentido pressões sobre o conteúdo que os atores publicam nas suas *timelines*, e estas acabam se tornando um repositório híbrido onde coexistem retóricas isentas de qualquer processo de auto-identificação com aquelas das quais o sujeito se apropria espontânea e conscientemente. Para tal entendimento, a triangulação de resultados através das entrevistas foi essencial.

Quanto ao ocultamento e publicização de conteúdos – outro dos focos centrais da pesquisa – constatamos que existem critérios estabelecidos pelos informantes para delinear a apresentação de si; ocultando da cena pública aqueles conteúdos que possam refletir opiniões ou vivências negativas com relação a alguma experiência amorosa. A apresentação da *persona* que é construída por eles na plataforma passa por alguns marcadores subjetivos que vão desde o próprio entendimento de si enquanto ator social até as expectativas de *feedback* que sua rede lhe gera. A rede permite a muitos destes

atores explorar possibilidades de encenação inéditas em outros campos da sua vida social; ainda mais quando se trata de narrar afetos. Como eles próprios declararam nas entrevistas, participar das dinâmicas de sociabilidade do Facebook lhes permite trabalhar com cuidado a imagem que projetam para os outros e tais estratégias de depuração discursiva se intensificam quando se sentem “vistos” por uma pessoa que lhes interessa conquistar do ponto de vista amoroso ou por um parceiro com o qual estabelece trocas por meio da plataforma.

Percebemos que, para os cubanos escolhidos como informantes, no uso da ferramenta apreciam-se reticências importantes com relação à exposição de si e este sentimento se agudiza ainda mais quando se trata de conteúdos de natureza afetiva. O ocultamento de alguns conteúdos diz também respeito ao caráter auto-gerenciado da exposição e ao mesmo tempo da visão da rede como um espaço onde as vivências positivas são assumidas como mais “publicizáveis” que outras que possam gerar ou expressar algum tipo de situação conflituosa perante a rede de contatos ou levantar suspeitas sobre possíveis embates na vida amorosa dos informantes. Talvez não especificamente, mas de maneira geral poderíamos estabelecer uma analogia entre estes comportamentos diante da cena pública na plataforma e as particularidades dos ecossistemas comunicacionais dentro do país. Aventamos inicialmente e acreditamos ter corroborado a hipótese de que o fato de as políticas de comunicação serem reguladas pelo governo da Ilha em todas as instâncias afeta diretamente as performances discursivas que, mesmo na ordem pessoal, os jovens cubanos estruturam.

Há aqui uma importante matiz cultural que não se deve perder de vista que está atrelada à mediação das particularidades de um sistema social que enfatizou historicamente o cerceamento de muitas informações internas para o exterior. Não tínhamos como confirmar esta hipótese em detalhamento, em primeiro lugar por não constituir o foco principal da nossa pesquisa, mas resultou evidente em mais de uma ocasião que a reticência discursiva de alguns informantes estava atrelada à sensação de monitoramento das suas práticas *online* nos seus ambientes de trabalho e na visão – culturalmente mediada – dos sites de redes sociais como plataformas que fazem circular informações sobre as quais, uma vez postadas, deixamos de ter controle e não mais nos pertencem exclusivamente a nós.

Por outra parte, a vigilância e o monitoramento dos perfis de parceiros ou pessoas de interesse sentimental ou sexual aparecem como práticas comuns implementadas pelos atores entrevistados dentro dos comportamentos anônimos dentro



da rede. Atréadas a estas dinâmicas, observamos também a relevância que tem algumas performances discursivas de “terceiras pessoas” dentro da rede para potencializar comportamentos ciumentos na própria plataforma. Narrativas de si de ex-namoradas ou namorados dos parceiros atuais dos informantes, ou de pessoas que eles mesmos classificaram como “de potencial interesse” para seus companheiros, provocaram em mais de uma ocasião ciúmes e múltiplas dinâmicas de excessivo controle do perfil do parceiro; aparecendo dentre as mais citadas: a revisão diária e constante do perfil do parceiro na procura de atualizações de novas amizades, imagens, marcações, etc. Nesse sentido, pudemos constatar o desencadeamento de comportamentos ansiosos (CAMPBELL, 2005) na virtualidade incentivados a partir das trocas estabelecidas entre atores sociais que podem ou não pertencer à rede pessoal do informante.

Embora não tenhamos incluído análises detalhadas de todos os casos monitorados, pudemos observar alguns perfis que, se não aportaram dados muito significativos na ordem da construção narrativa do amor, serviram para entendermos uma série de nuances que mediam o processo de apropriação e uso dos sites de redes sociais por jovens cubanos. Apreciamos, não com apenas observação, mas também com entrevistas a alguns destes jovens, que se põem em prática com regularidade alguns procedimentos que lhes permitem “burlar” as regulações de horários estabelecidas em muitos centros de trabalho ou de estudo – no caso universidades – para acessar aos sites de redes sociais. Naquelas instituições onde os sujeitos só podem se conectar ao Facebook em horários fixos do dia, alguns jovens desenvolvem práticas através das quais entram ao site sem que isso possa ser rastreado pelos especialistas em informática do seu centro laboral ou de estudo. As vias fundamentais através das quais o fazem são: *proxys* e *websites* que ocultam ao servidor o site ao qual a pessoa está acessando no momento.

Ainda que estes sujeitos não costumem usar o Facebook para publicizar narrativas amorosas de maneira regular, observamos o desenvolvimento de algumas práticas interessantes para o entendimento da vivência amorosa através dos sites de redes sociais em Cuba que consideramos relevantes ressaltar aqui. Como não foi possível, com alguns destes sujeitos, confirmar hipóteses por meio das entrevistas, muitas análises fizemos estão restritas ao entendimento da pesquisadora sobre os atos de sociabilidade que, à simples vista, teve a possibilidade de apreciar. Com relação a esta reflexividade que surge da imersão em campo, Hine (2016) comenta que para além do alto conteúdo subjetivo e individual que está implícito em muitas análises do etnógrafo,

não precisamos descartar esta prática já que, segundo a autora aponta: “Podemos, contudo, refletir sobre a experiência de ser um usuário e tirar vantagem da nossa imersão no campo para refletir sobre o que contém e o que possibilita seus movimentos particulares e suas formas de compreensão” (HINE, 2016, p. 22).

Embora campos de sociabilidade determinados não se substituam uns aos outros, consideramos viável e necessário pensarmos cada vez mais nas complementariedades narrativas que sujeitos estão conseguindo estabelecer entre diversos micro entornos da sua vida social. Cada discurso possui particularidades em função do meio no qual é estruturado e no contexto afetivo que o gera, e a virtualidade está contribuindo com a diversificação das maneiras de construir e expressar afetos, e cada entorno cultural apresenta tipicidades importantes para serem mapeadas de uma perspectiva sistêmica.

## **Considerações Finais**

O presente trabalho visou entender de que maneira se estabelecem os processos de estruturação narrativa de si de jovens cubanos que usam o site de rede social Facebook também para publicizar afetos. Pretendemos assim que, embora se trate de um estudo ainda inicial sobre a temática, possamos contribuir para debates futuros e incentivar pesquisadores a dar continuidade a esta linha de pesquisa. Consideramos que os usos e apropriações das tecnologias digitais estão em crescimento em Cuba; com eles, as práticas de sociabilidade nestes ambientes apresentam-se cada vez mais complexas e precisando de entendimentos mais aprofundados que contribuam com o desenvolvimento dos apontamentos de alguns pesquisadores cubanos que têm sido pioneiros neste tipo de inquietações nos centros acadêmicos mais importantes do país.

Analisar as particularidades das práticas sociais virtuais de jovens cubanos no Facebook constitui um desafio para estas instituições acadêmicas, pois ainda as discussões são escassas e isoladas. Mapeamentos desta natureza são necessários não só pelo crescente uso da plataforma dentro deste setor etário no país, mas também pela diversificação e complexificação das práticas de sociabilidade que ali acontecem. As experiências de consumo de ambientes virtuais são, em Cuba, particulares se temos em conta que a maior parte do tempo a conexão se estabelece em locais públicos; o que como pudemos constatar na discussão com os entrevistados, influencia a narrativa e muitas vezes as práticas que os usuários desenvolvem para interagir. Nesse sentido, consideramos pertinente que estes aspectos façam parte das análises que buscam um entendimento mais aprofundado da questão.

Sem pretensão de fazer generalizações quanto aos resultados obtidos, focamos na análise de cinco casos de estudo que serviram para entendermos os usos diferenciados e particulares que jovens cubanos desenvolvem em ambientes virtuais. Com base nos dados obtidos a partir destes atores, concluimos antes de tudo que a publicização reflexiva dos afetos em sites de redes sociais constitui, efetivamente, atos reflexivos de estruturação discursiva onde a consciência da alteridade é fundamental para a elaboração discursiva e pública da emoção, conforme nossas hipóteses iniciais.

As entrevistas e observações realizadas durante o trabalho de campo permitiram-nos perceber que existe uma série de padrões comportamentais que atores sociais cubanos põem em prática para constituir suas estratégias de auto-apresentação no Facebook. No entanto, as especificidades dos usos e apropriações também saltam à

vista. As já mencionadas dificuldades de acesso à Internet em Cuba fazem com que muitos dos usuários que têm possibilidade de acessar a rede o façam fundamentalmente de seus centros de estudo e trabalho, sendo a conexão privada auto-gerenciada<sup>71</sup> uma prática ainda emergente na Ilha. Nesse sentido, não é de se estranhar o fato de que em muitos dos perfis que incluímos na nossa análise exista uma predominância de temáticas atreladas a assuntos profissionais, a qual – segundo constatamos nas entrevistas – possui um componente importante de “dívida moral” com a instituição que garante a eles o acesso.

Por se tratar de um estudo que visa compreender como alguns jovens cubanos se relacionam com as plataformas virtuais para expressar afetos, não nos surpreendemos ao constatar – quase como uma tendência – que a maior parte dos nossos informantes assume a plataforma como uma ponte que os conecta com muitas pessoas queridas que estão fora da Ilha. A diáspora tem sido um conflito quase onipresente para os habitantes do país, tanto a partir do desarraigo familiar que gerou a deserção contínua de pessoas próximas, a desestruturação das famílias e núcleos de amigos a partir das migrações (LOPEZ, 2015), quanto pelas novas relações geradas entre os habitantes do país e estrangeiros estabelecidas a partir das aberturas socioeconômicas impulsadas pelo governo da Ilha. Para a totalidade dos nossos informantes, o Facebook constitui o site de rede social que preferem usar para socializar já que lhes oferece possibilidades mais imediatas de retroalimentação com sua rede de contatos, assim como experiências integrais de interação através da *multimedialidade* da plataforma, segundo apontaram nas entrevistas.

Conectamos essa realidade cultural anteriormente descrita com o que pudemos identificar como uma das expectativas de comunicação fundamentais que muitos desses jovens possuem com relação ao Facebook: a garantia de um contato mais “próximo” com amigos, parceiros sentimentais, familiares, etc. residentes em outras localidades. É importante salientar o fato de que a totalidade de informantes entrevistados associa a plataforma com um canal próprio e importantíssimo para estabelecer a construção pública de si e para o crescimento pessoal através das trocas que ali se geram; embora tenha sido visível também a existência de atitudes reticentes quando se trata da exposição de temáticas mais íntimas, concluindo assim que, mesmo havendo

---

<sup>71</sup> Com este termo estamos querendo nos referir à possibilidade que usuários cubanos estão tendo desde há uns poucos anos de comprar e acessar aos serviços de conectividade de maneira pessoal, enquanto pessoas naturais da Ilha, o que se insere no novo marco regulatório das telecomunicações no país, como foi anteriormente discutido.

identificados posicionamentos favoráveis para o *disclosure*, a exposição é sempre regulada e alguns temas silenciados.

A análise dos cinco casos centrais para a pesquisa, em conjunto com as observações isoladas que pudemos estabelecer de outros perfis afins, nos permitiram concluir que as performances discursivas em sites de redes sociais constituem narrativas passíveis de serem reestruturadas e atualizadas em função da própria experiência individual de uso de tais plataformas de socialização, onde conflitos emocionais gerados pelo *disclosure* têm um peso fundamental no uso futuro da plataforma. Nesse sentido, as vivências amorosas resultantes da experiência de recriação narrativa possuem influências fundamentais para futuras posturas discursivas diante da cena pública que é composta pela rede de contatos pessoal. Questionamos, contudo, o argumento defendido em muitas pesquisas consultadas em que a performatividade discursiva em rede é assumida como um marcador quase que de falsidade. Escolhemos ressemantizar essa categoria, a fim de alcançar um entendimento mais voltado para as estratégias de depuração discursiva que atores sociais desenvolvem com o propósito de construir publicamente sua identidade social e esta premissa de trabalho foi logo confirmada pelos depoimentos dos próprios entrevistados.

Nesta linha, o trabalho nos permitiu identificar a existência de uma discursividade múltipla através da qual atores recorrem a narrativas não explícitas com o propósito de atingir a mais de uma pessoa de interesse. Gera-se assim uma espécie de narrativa *subvertida, plurifuncional e multidirigida*, que procura servir como ponte para interações futuras entre o enunciador e sujeitos variados dentro da rede de contatos, de modo que uma mesma mensagem pode ser usada para se conectar com múltiplas pessoas com as quais não necessariamente o ator possui relações amorosas de igual natureza.

A escolha das narrativas que iriam ser incluídas dentro do escopo de análise da pesquisa também foi um desafio importante, se temos em conta a dificuldade de identificar narrativas amorosas dentro do amplo sistema retórico que informantes estabelecem nas suas *timelines*; especialmente porque muitas destas narrativas são construídas usando a subliminalidade como principal estratégia discursiva. Concordamos com Hine (2015) nesse sentido quando aponta que “a decisão do que conta como dado é em primeiro lugar produto dos próprios preconceitos do pesquisador” (HINE, 2015, p. 159).

Ressaltamos, de igual modo, que o presente trabalho constitui uma primeira aproximação a este tipo de temáticas e salientamos a necessidade de continuar trabalhando nesta linha de pesquisa em função de contribuir a novos entendimentos sobre as narrativas amorosas a partir de perspectivas etnográficas. Consideramos relevante assumir as metodologias propostas por tal método, combinando-as com outras ferramentas que possam resultar em um conhecimento mais aprofundado de dinâmicas sociais que sem dúvidas estão fazendo parte das lógicas discursivas e as retóricas contemporâneas no campo afetivo.

A experiência da etnografia em sites de redes sociais constituiu um importante desafio, em especial para alguém que, mesmo na sua condição de *insider*, precisou reaprender maneiras de se relacionar com a plataforma e com os sujeitos analisados, a fim de manter os limites do uso e as trocas pessoais com as interações que foram geradas uma vez iniciada a pesquisa. Desde as etapas de levantamento bibliográfico até a imersão em campo, passamos por fases constantes de aprendizado e de treino de múltiplas habilidades de socialização que nos permitissem nos aproximar dos informantes sem que isso implicasse sair da posição de analistas. Ao se tratar de temáticas que mexem com questões emotivas dos sujeitos entrevistados, tivemos de aplicar diversas estratégias para conseguir que eles se “abrissem” sem risco de perdermos o foco da análise nem que a conversa se tornasse um desabafo entre amigos, o qual não significa que a cordialidade e simpatia não foram essenciais para a qualidade da comunicação.

Outro dos desafios que sem dúvidas afrontamos durante o trajeto da investigação, foi o fato de procurarmos não perder o foco comunicológico da pesquisa; tendo em conta que trabalhamos com objetos e categorias onde as ferramentas oferecidas pela psicologia – enquanto disciplina – resultam relevantes para sua compreensão. Nos encontramos, às vezes, assumindo o papel quase que de psicanalistas em vários cenários da pesquisa – tanto nas narrativas quanto com informantes diretamente, para os quais ocasionalmente nos tornávamos confidentes – e, de maneira recorrente, se gerava uma expectativa de resolução de conflitos ao redor da própria pesquisa, o qual não era a intencionalidade nem a funcionalidade da mesma.

Entendemos que pelo tempo apertado com que contamos para a imersão em campo, se faz difícil devolver resultados demasiado aprofundados sobre as particularidades do processo etnográfico. Contudo, consideramos que para uma primeira aproximação a pesquisa conseguiu sistematizar uma série de dados e questões que

saltam à vista quando se observam as performances discursivas de jovens cubanos no Facebook, objeto que, além de tudo, tem sido escassamente mapeado dentro do país. É nossa intenção, desse modo, contribuir com as análises que até então têm sido elaboradas sobre as narrativas amorosas de cubanos em sites de redes sociais, sinalizando as múltiplas tipicidades que não só na ordem discursiva, mas também nas estratégias de uso e consumo, se apresentam no contexto de apropriações aqui analisado. Recomendamos que estes estudos sejam mantidos, a fim de estruturar discussões que possam contribuir com a compreensão de um fenômeno tão rico e complexo como são as apropriações de ambientes virtuais para a construção coletiva de identidades e afetos, sendo nossa principal intenção sugerir entendimentos e levantar questões em torno destes processos que acabam sendo mais uma manifestação da natureza dinâmica e particular das sociabilidades contemporâneas.

### Referências Bibliográficas:

AYRES, Marcel; RIBEIRO, José Carlos. A representação de si em interações sociais mediadas por instant messengers: o caso WhatsApp. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Rio de Janeiro, 2015.

ALMEIDA, T; CAIXETA, H. A importância e a banalização do amor no cotidiano. **Anais da V Jornada “Apoiar: Saúde mental nos ciclos da vida”**. São Paulo, 2007.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; FRAGOSO, Suely. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário**, vol. 13, n.20, 2008.

ATKINSON, P.; HUMMERSLEY, M. **Ethnography. Principles in practice**. London: Tavistock Publications, 1983.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 1996.

BACALLAO, Lázaro. Dating or Escaping? Cuban profiles in dating websites. **Online Courtship. Interpersonal interactions across borders**. Institute of Network Cultures. Amsterdam, 2015, pp.57-70. Disponível em: <https://github.com/DigitalPublishingToolkit/TOD16-Online-Courtship/find/master>. Acesso em: 15/09/2016.

BARBOSA, L; CAMPBELL, C. **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BAUMAN, Z. A sociedade individualizada. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAYM, N. Fans or Friends?: seeing social media audiences as musicians do. **Participations. Journal of Audience & Reception Studies**, vol. 9, n.2, pp.286-316, 2012.

BAYM, N.; ZHANG, Y.B.; KUNKEL, A.D, LIN, M.C.; LEDBETTER, A. Relational quality and media use in interpersonal relationships. **New Media & Society**, vol. 9, pp. 735-752, 2007.

BELLI, S. Emociones y Discurso: Una mirada a la narrativa científica de la construcción del amor. **Prisma Social**, n. 4, 2010.

BEN ZE'ev, A. **Love online. Emotions on the Internet**. London: Cambridge University Pres, 2009.



BERTO, M.; GONÇALVES, E. Diálogos online: intersemioses do gênero Facebook. **Ciberlegenda**, vol.2, n.25, pp.100-110, 2011.

BEZERRA, B. Ocaso interioridade. In: PLASTINO, C. (Org). **Transgressões**. Rio de Janeiro, 2002.

BOELLSTORFF T. For whom the ontology turns. Theorizing the digital real. **Current Anthropology**, vol.57, n.4, 2016.

BOYD, D. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: PAPACHARISSI, Z. (org.). **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York, 2010.

BOYD, D. Social Network Sites: Public, Private, or What?. **Knowledge Tree** vol. 13, 2007. Disponível em: [http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2007/?page\\_id=28](http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2007/?page_id=28).

BOYD, D.; ELLISON, N. Social network sites: Definition, history, and scholarship. Indiana: **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, online, out. 2007.

BRENLLA, M.; BRIZZIO, A.; CARRERAS, A. Actitudes hacia el amor y el apego. **Psicodebate**, vol.4, pp.7-23, 2004.

BRUCKNER, P. **The Paradox of Love**. New Jersey: Princeton University Press, 2012.

BRYM, R. J.; LENTON, R.L. **Love online: a report on digital dating in Canada**. Toronto: MSN.CA, 2001.

CAMPANELLA, B.; BARROS, C. (org.). **Etnografia e consumo midiático. Novas Tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: e-papers, 2016.

CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMPBELL, L; BOLDRY, J; SIMPSON, J.A; KASHY, D. **Perceptions of Conflict and Support in Romantic Relationships: The Role of Attachment Anxiety**. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 88, No. 3, pp. 510–531, 2005.

CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CARO, L. Identidad mosaico: la encarnación del yo en las redes sociales digitales. **Telos**, n.91, 2012.

CASTELLS, M. **La Sociedad Red. Una visión global**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

CHAVEZ, E. (org.). **La población de Cuba**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1974.

COGO, D.; BADET, M. De braços abertos. A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como país de imigração. **Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros**, Braga, 2013, pp. 32-57. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29826/1/Ebook\\_fuga\\_cerebros.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29826/1/Ebook_fuga_cerebros.pdf). Acesso em: 25/08/2016.

DIAZ RODRIGUEZ, E.; SOKOOH VALLE F. Internet y las TIC en Cuba: notas para un debate sobre políticas públicas. **Revista Temas**, vol. 74, pp.62-67, 2013.

DOMINGUEZ GARCIA, M. Integración social de la juventud cubana hoy. Una mirada a su subjetividad. **Revista Argentina de Sociología**, vol.6, nro.11, pp.74-96, 2008.

ELIZALDE, R. La glasnot: paradoja en la era de la web 3.0. **Revista Temas**, vol. 74, pp.21-29, 2013.

EVANS, M. **A short history of society. The making of the modern world**. New York: Open University Press, 2006.

FARRUGIA, R. Facebook and relationships: a study of how Social Media use is affecting long- term relationships. **Rochester Institute of Technology**. New York, 2013.

FESTINGER, L. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1957.

FLEITAS RUIZ, R.; MARQUEZ, M. **Desarrollo humano local. Género, población y salud. Antología**. La Habana: Universitas, 2006.

FREIRE FILHO, J. Fazendo pessoas felizes: o poder moral dos relatos midiáticos. **XIX Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação Compós**. Rio de Janeiro, 2010.

GALINDO CÁCERES, J. Las Nuevas Tecnologías de Información, Comunicación y las Políticas Culturales en México. Comunicología e Ingeniería en Comunicación Social del servicio de Redes Sociales Facebook. **Razón y Palabra**, México, D.F, 2013.

GALINDO, M. **Do self ao selfie: O autorretrato digital e a subjetividade contemporânea**. Dissertação de Mestrado do Instituto de Artes e Comunicação Social. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal Fluminense, 2014.

GARCIA RIVERA, L. Influencia del Facebook em la relación de pareja. **Educateconciencia**, vol. 4, n. 4, Nayari, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GEISMAR, H. Defining the digital. **Museum Anthropology Review**, n.7, pp. 254-263, 2013.

- GERSHON, I. Un-Friend My Heart: Facebook, Promiscuity, and Heartbreak in a Neoliberal Age. **Anthropological Quarterly**, vol. 84, n. 4, pp. 865-894, 2011.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HINE, C. Estratégias para etnografia da Internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, B.; BARROS, C. (org.). **Etnografia e consumo midiático. Novas Tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: e-papers, 2016.
- HINE, C. **Etnografia virtual**. Cidade de México: Editorial UOC, 2000.
- HINE, C. **Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday**. London: Bloomsbury, 2015.
- ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- JAGUARIBE, B. Modernidade cultural e estéticas do realismo. **Revista Eco-Pós**, 2009.
- JILL, J. **Modern Confessional Writing. New critical essays**. London: Routledge, 2006.
- KOSINSKI, M.; et. al. Facebook as a Research Tool for Social Sciences. **American Psychological Association**, Washington D.C, 2015.
- KRASHNOVA, H. It won't happen to me: Self Disclosure in Online Social Networks. **Associations for Information Systems**, 2009.
- LANE, S; CODO, W. **Psicologia Social. O homem em movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- LOBATO, J. **Antropologia do amor do Oriente a Ocidente**. Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2012.
- LOPEZ, Iraida. **Impossible Returns. Narratives of the cuban diaspora**. Florida: University Press, 2015.
- MAGALHÃES, P.; REBELLO, A.; PEREIRA, A. Amor à venda: Reflexões sobre consumo em sites de relacionamento. **IV Encontro de GTs- Comunicon**, São Paulo, 2014.
- MILLER, D. **Tales from Facebook**. Cambridge: Polity Press, 2011.

MILLER, D.; MADIANOU, M. Polymedia: Towards a new theory of digital media in interpersonal communication. **International Journal of Cultural Studies**, vol.16, n.2, pp.169-187, 2012.

MILLER, D.; SLATER, D. **The Internet. An ethnographic approach**. Oxford: Berg Publishers, 2000.

MILLER, D.; HORST, H. O digital e o humano. Prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, São Paulo, Vol.2, n.3, pp. 91-111, Jul-Dez de 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334>. Acesso em: 15/09/2016.

MORENO GINARTE, M. Un acercamiento a la introducción y desarrollo de las Tecnologías de Información y Comunicación en Cuba en el período 1983-1999. **Ciencias de la Información**, vol. 39, n. 1, pp. 3-18, 2008.

MOZZINI, C. Amores desativados. Encontros, afetos e visibilidades em Redes Sociais. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Rio de Janeiro, 2015.

NAVARRO LINS, R. **O livro do Amor. Do iluminismo à atualidade**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

PEREIRA, M. **Éthos em rede. Dinâmicas, apropriações e implicações do éthos conectado no Facebook**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM-ESPM/SP), 2016.

PEREIRA, V. Entretenimento como linguagem e Multissensorialidade na Comunicação Contemporânea. In: **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 35, 2013. Anais. Manaus: Intercom, 2013.

POLIVANOV, B. Etnografia Virtual, Netnografia ou apenas Etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, n.3, pp.61-71, 2013. Disponível em: [www.posemcomunicacaodigital.com.br/?dl\\_id=117](http://www.posemcomunicacaodigital.com.br/?dl_id=117).

POLIVANOV, B.; RODRIGUEZ, D. “O mais importante é que a outra pessoa possa te perceber forte”: narrativas de superação em término de relacionamento enquanto performance de si no Facebook. **Ação Midiática**, n.10, pp. 161-180, 2015.

POLIVANOV, B. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

RADSTONE, S. **Autobiographical Times. Feminism and Autobiography. Texts, Theories, Methods**. London: Routledge, 2000.

RECIO, M. Mis amigos en Facebook: apuntes con intención ciberetnográfica. **Revista Temas**, vol. 74, pp.54-61, 2013.

RECIO, M. La hora de los desconectados. Evaluación del diseño de la política de acceso social a Internet en Cuba en un contexto de cambios. **Crítica y Emancipación**, Buenos Aires, n.11, pp. 291-378, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ojs/index.php/critica/article/view/30/31>. Acesso em: 15/09/2016.

RECUERO, R. Um estudo do Capital Social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. **Contemporânea**, UFBA, Salvador da Bahia, Vol.10, pp. 597-617, 2012. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/6295>. Acesso em: 15/09/2016.

RECUERO, R. Diga-me com quem me falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na Internet. **Famecos**, n.38, pp. 118-128, 2009.

RIESMAN, D.; GLAZER, N.; DENNEY, R. **The lonely crowd**. London: New heaven & Yale University Press, 1969.

ROCHA, E. Culpa e prazer: imagens do consume na cultura de massa. **Comunicação, Mídia e Consumo**, vol. 2, n. 3, pp.123-138, 2005.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, D. (org.). **Cultura e subjetividade. Saberes Nômades**. Campinas: Papyrus, 1997.

RUBIRA GARCIA, R. **Huellas Digitales: una aproximación a la representación social de Internet en grupos de estudiantes de la Universidad de La Habana**. Tesis de Licenciatura. Facultad de Comunicación de la Universidad de La Habana, 2006.

SCHECHNER, R. What is performance studies? **Rupkatha Journal**, vol. 5, n. 2, 2013.

SERRANO, M. **La producción social de la Comunicación**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

SERRANO-PUCHE, J. La expresión de la identidad en la sociedad digital. **I Congreso Internacional de Comunicación y Sociedad**, Logrono, 2013.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TURKLE, S. **The Second Self. Computers and the human spirit**. Cambridge: The Mitt Press, 2005.

TURKLE, S. **Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less from Each Other**. New York: Basic Books, (2011).

VIZER, E.; CARVALHO, H. La caja de pandora: tendencias y paradojas de las TIC. **Razón y Palabra**, vol.18, nro.86, 1-26, 2014.

ZHAO, S.; GRASMUCK, S.; MARTIN, J. Identity construction on Facebook: Digital empowerment in anchored relationships. **Computers in Human Behavior**, v. 24, n. 5, pp. 1816-1836, set. 2008.

**Outras fontes consultadas:**

Anuario Estadístico de Cuba. Educación. Oficina Nacional de Estadística, La Habana, 2015.

Anuario Estadístico de Cuba. Tecnologías de la Información y las Comunicaciones. Oficina Nacional de Estadística, La Habana, 2015.

International Telecommunication Union. Facts and Figures, 2016.

Resolución 101-2011 Ministerio de Informática y Telecomunicaciones de Cuba.

Resolución 181-2016 Ministerio de Informática y Telecomunicaciones de Cuba.

Resolución 181-2016 Ministerio de Informática y Telecomunicaciones de Cuba.

Resolución 197-2013 Ministerio de Informática y Telecomunicaciones de Cuba.

Resolución 371-2013 Ministerio de Informática y Telecomunicaciones de Cuba.

Resolución 396-2014 Ministerio de Informática y Telecomunicaciones de Cuba.

Resolución 534-2014 Ministerio de Informática y Telecomunicaciones de Cuba.

Revista digital Inter Press Service em Cuba: <http://www.ipscuba.net/>.

Revista OnCuba. Disponível em: <http://oncubamagazine.com/>. Acesso em: 15/09/2016.  
Salario Medio en cifras. Oficina Nacional de Estadística, La Habana, 2015.

Site oficial da Empresa de Telecomunicações de Cuba (ETECSA). Disponível em: <http://www.etecca.cu>.